

LUARA FERREIRA DE SOUZA QUADROS

**AFETOS EM MOVIMENTO: A ARTE COMO
FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E EMANCIPAÇÃO
DE MULHERES MIGRANTES E REFUGIADAS
ACOLHIDAS NO CENTRO DE APOIO AO MIGRANTE
(CEDAMI) EM CAMPO GRANDE - MS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO E DOUTORADO
CAMPO GRANDE - MS**

2025

LUARA FERREIRA DE SOUZA QUADROS

**AFETOS EM MOVIMENTO: A ARTE COMO
FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E EMANCIPAÇÃO
DE MULHERES MIGRANTES E REFUGIADAS
ACOLHIDAS NO CENTRO DE APOIO AO MIGRANTE
(CEDAMI) EM CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração em Psicologia da Saúde, sob orientação da Profa. Dra. Luciane Pinho de Almeida.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO E DOUTORADO
CAMPO GRANDE - MS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana
- CRB-1 3360

Q1a Quadros, Luara Ferreira de Souza

Afetos em movimento: a arte como ferramenta de expressão e emancipação de mulheres migrantes e refugiadas acolhidas no centro de apoio ao migrante (CEDAMI) em Campo Grande

- MS/ Luara Ferreira de Souza Quadros sob orientação da Profa. Dra. Luciane Pinho de Almeida.-- Campo Grande, MS : 2025.

125 p.: il.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS, 2025

Bibliografia: p. 106-121

A dissertação apresentada por **LUARA FERREIRA DE SOUZA QUADROS**, intitulada “**AFETOS EM MOVIMENTO: A ARTE COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E EMANCIPAÇÃO DE MULHERES MIGRANTES E REFUGIADAS ACOLHIDAS NO CENTRO DE APOIO AO MIGRANTE (CEDAMI) EM CAMPO GRANDE – MS.**”, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em **PSICOLOGIA** à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi APROVADA.

Luciane Pinho de Almeida, como presidente da banca assinei a folha de aprovação com o consentimento de todos os membros, ainda na presença destes.

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCIANE PINHO DE ALMEIDA
Data: 04/02/2025 19:11:16-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciane Pinho de Almeida

Profa. Dra. Anita Guazzelli Bernardes

Profa. Dra. Tatiana Machiavelli Carmo Souza

Campo Grande - MS, 03 de fevereiro de 2025.

Me levanto
Sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além
(Rupi Kaur, 2018)

AGRADECIMENTOS

Houve um tempo em que escrevia poesia,
Na tentativa de dar voz ao que o peito sentia.
Deixei esta página por último, não por desdém,
Mas porque em cada linha há afeto que vem.

Ao longo da pesquisa, e também da vida,
Pensei em quem agradecer por toda a lida (e que lida!).
Tantas mãos ao meu lado, guiando com cuidado,
Traçando meu caminho com gestos delicados.

Falo das mãos que me ajudaram a erguer,
Percalços vencidos, coragem para viver.
Agradeço à luz que a espiritualidade trouxe,
Guiando-me com amor em cada passo e noite.

Foi em dois mil e vinte e um que a força se revelou,
Com a chegada de Joaquim, meu mundo transformou.
Ser mãe me refez, me renovou por inteiro,
Fazendo-me crer que posso tudo, enfim, ser verdadeiro.

Às mulheres da minha família, de fé e de bravura,
Que me inspiraram com luta e ternura.
À minha mãe, Fátima, exemplo de amor e dedicação,
E à tia Acariza, que me deu asas para voar com o coração.

Avós, tias, cunhadas e amigas queridas,
Fabricia, Andressa, Ana e Gabriela em tantas vidas,
Camila, Giovana, Luana, Lorrayne e alunas PIBIC também,
Vocês me sustentaram, foram além.

À Luciane, com amor e afeição,
Que em dois mil e dezessete me estendeu a mão,
Acreditou em meu potencial e minha jornada,
Mostrando que a pesquisa é ação, um sonho em pleno movimento.

À UCDB, minha base e formação,
Ao corpo docente, minha sincera gratidão,
Por me fortalecer e me fazer mais capaz.
À FUNDECT e ao CNPQ, por tornar real esse sonho tão audaz.

Ao CEDAMI, por abrir o caminho com acolhimento,
À Joelma, pelo apoio e carinho em cada momento.
E às mulheres migrantes, resilientes e brilhantes,
Que com sua força, escrevem histórias impactantes (como essa que vou lhe contar).

Esta página, tecida com amor e dedicação,
Guarda lembranças e o valor de quem me estendeu a mão.
Mãos que comigo trilharam e sempre sonharam,
Num futuro abençoado, lado a lado, enfim alcançaram.

Luara Ferreira de Souza Quadros

QUADROS, L. F. S. de. (2021) **Afetos em movimento: a arte como ferramenta de expressão e emancipação de mulheres migrantes e refugiadas acolhidas no centro de apoio ao migrante (CEDAMI) em Campo Grande - MS.** (Dissertação em Psicologia) da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

RESUMO

Na contemporaneidade, os deslocamentos migratórios estão fortemente associados à crise metabólica do capitalismo, impactando especialmente países em desenvolvimento, como o Brasil. Esse cenário tem gerado um aumento da desproteção social e o desmantelamento dos direitos de proteção, intensificado por projetos privatistas que agravam as desigualdades e o sofrimento ético-político. As mulheres migrantes e refugiadas, especialmente as negras, pardas e indígenas, são as mais afetadas, enfrentando violência institucional e criminalização, o que as torna particularmente vulneráveis à exploração e discriminação. Dentro desse viés, o presente estudo objetiva compreender como a arte, enquanto ferramenta de análise, pode potencializar a expressão dos afetos e das afecções presentes na consciência e vivências de mulheres migrantes e refugiadas atendidas no Centro de Apoio aos Migrantes (CEDAMI) em Campo Grande, MS.

A metodologia utilizada é pautada na pesquisa qualitativa e participante. A construção do conhecimento neste estudo se deu por meio de um processo dialógico e participativo, fundamentado em rodas de conversa e registros em diário de campo. Além disso, a pintura foi empregada como ferramenta de análise, integrando os afetos e as afecções vivenciados pela pesquisadora ao longo do estudo. A arte dos desenhos possibilitou uma compreensão mais profunda dos afetos e das afecções vinculadas aos deslocamentos migratórios. Por conseguinte, o método adotado articula a teoria dos afetos, na tradição espinosana, com o materialismo sócio-histórico, integrando essas abordagens com a perspectiva de Vigotski sobre a constituição social do ser. Os resultados revelam que a exclusão, a discriminação e as condições precárias de vida e trabalho enfrentadas por essas mulheres estão presentes em todas as fases do processo migratório: desde a saída do país de origem, passando pela travessia nas fronteiras, até a

chegada ao país de acolhimento. Tais dificuldades impactam suas relações sociais, objetificando-as, além de afetar as estruturas familiares e as interações no país de acolhimento, o que resulta em desemprego, desamparo, frustração e exploração no mercado de trabalho. Compreendeu-se que a luta dessas mulheres vai além da mera sobrevivência física. Ela inclui a preservação de sua dignidade, memória e identidade, que é constantemente ameaçada por um sistema que busca apagá-las. Os afetos expressos na arte dos desenhos e vocalizados nas rodas de conversa evidenciam as experiências de opressão, violência e resistência vivenciadas durante os deslocamentos. Esses afetos moldam tanto as trajetórias individuais quanto as dinâmicas coletivas nas comunidades migrantes. Nesse sentido, a potência do *conatus* presente nos corpos e mentes das mulheres é refletida na luta pela sobrevivência e na afirmação de suas identidades, demonstrando sua capacidade de resistir às adversidades impostas por um sistema capitalista que frequentemente as marginaliza. Essa dinâmica é fortemente evidenciada nas imbricações de sexo, classe, nacionalidade e raça, mostrando que os afetos desempenham um papel crucial na formação das identidades, na luta por direitos e na busca por emancipação.

Palavras-Chave: Afetos, Arte, Mulheres Migrantes e Refugiadas, Emancipação.

QUADROS, L. F. S. de. (2021) **Affections in movement: art as a tool for expression and emancipation of migrant and refugee women migrant and refugee women welcomed at the migrant support center (CEDAMI) in Campo Grande - MS.** (Dissertation in Psychology), Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

In contemporary times, migratory movements are strongly associated with the metabolic crisis of capitalism, particularly impacting developing countries such as Brazil. This scenario has led to an increase in social insecurity and the dismantling of protective rights, intensified by privatizing projects that exacerbate inequalities and ethical-political suffering. Migrant and refugee women, especially black and indigenous women, are the most affected, facing institutional violence and criminalization, which makes them particularly vulnerable to exploitation and discrimination. In this context, the present study aims to understand how art as an analytical tool can enhance the expression of affections present in the consciousness and experiences of migrant and refugee women assisted at the Migrant Support Center (CEDAMI) in Campo Grande, MS. The methodology is based on qualitative and participatory research. Knowledge construction in this study occurred through a dialogical and participatory process, based on conversation circles and field diary records. Additionally, painting was used as an analytical tool, integrating the affects and affections experienced by the researcher throughout the study. The art of drawing enabled a deeper understanding of the affects and affections related to migratory movements. Consequently, the adopted method articulates the theory of affects, in the Spinozian tradition, with socio-historical materialism, integrating these approaches with Vygotsky's perspective on the social constitution of the self. The results reveal that exclusion, discrimination, and poor living and working conditions faced by these women are present at all stages of the migratory process: from leaving the country of origin, crossing borders, to arriving in the host country. These difficulties impact their social relationships,

objectifying them, as well as affecting family structures and interactions in the host country, resulting in unemployment, helplessness, frustration, and exploitation in the labor market. It was understood that these women's struggle goes beyond mere physical survival. It includes the preservation of their dignity, memory, and identity, which is constantly threatened by a system that seeks to erase them. The affects expressed in the art of drawings and vocalized in conversation circles highlight the experiences of oppression, violence, and resistance faced during the displacements. These affects shape both individual trajectories and collective dynamics within migrant communities. In this sense, the power of the *conatus* present in female bodies and minds is reflected in the struggle for survival and the affirmation of their identities, demonstrating their capacity to resist the adversities imposed by a capitalist system that frequently marginalizes them. This dynamic is strongly evidenced in the interconnections of sex, class, nationality, and race, showing that affects play a crucial role in the formation of identities, the fight for rights, and the pursuit of emancipation.

Keywords: Affects, Art, Migrant and Refugee Women, Emancipation.

Este estudo teve financiamento da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), via FUNDECT - SUPLEMENTAR. Número do Processo: 71/032.468/2021. E apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), via PROSUC. Número do Processo: 88887.962600/2024-00

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Diagrama dos afetos a partir de Vigotski	26
FIGURA 2: Sobre o meu país	74
FIGURA 3: Sobre a minha trajetória migratória	77
FIGURA 4: Sobre a minha trajetória migratória	79
FIGURA 5: Sobre a minha trajetória migratória	81
FIGURA 6: Sobre a minha trajetória migratória	88
FIGURA 7: Sobre a chegada ao Brasil e permanência em Campo Grande	94
FIGURA 8: Sobre os planos para o futuro	98

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

AARH/Hospital São Julião - Associação de Auxílio e Recuperação dos Hansenianos

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas Para Refugiados

ANRWA - Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo

CADH - Centro de Atendimento de Direitos Humanos

CEDAMI - Centro de Apoio ao Migrante

CERMA - Comitê Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas do Estado de Mato Grosso do Sul

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados

COVID-19 - Doença do Coronavírus 2019

GEPEMPS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria Sócio-histórica, Migrações e Políticas Sociais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MJSP - Ministério da Justiça e Segurança Pública

MS - Mato Grosso do Sul

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

OBMIGRA - Observatório das Migrações Internacionais

OIM - Organização Internacional para as Migrações

ONU - Organização das Nações Unidas

PIA - Plano Individual de Atendimento

SAS - Secretaria de Assistência Social

SEAD - Secretaria de Assistência Social e dos Direitos Humanos

SEDHAST - Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

UNICEF - Fundo das Nações Unidas Para Infância

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	117
Apêndice B - Roteiro de Perguntas Elaborado Para Rodas de Conversa	119
Apêndice C - Parecer do Comitê de Ética em pesquisa	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	12
AS DIMENSÕES DA AFETIVIDADE HUMANA NA FILOSOFIA DE BARUCH ESPINOSA NUM DIÁLOGO COM O MATERIALISMO SÓCIO-HISTÓRICO12	
2.1 Das afecções à força dos afetos	13
2.2 Análise das Dissonâncias e Potências de Diálogo entre a Teoria Espinosana dos Afetos e o Materialismo Sócio-Histórico	19
CAPÍTULO II.....	33
MIGRAÇÃO E REFÚGIO DE MULHERES: DESAFIOS E CONTRADIÇÕES DA CONTEMPORANEIDADE NO CAMPO DOS AFETOS E AFECÇÕES.....33	
2.1. Fluxos Migratórios Contemporâneos: a consideração da categoria historicidade e totalidade	34
2.2. Relações patriarcais de sexo, migração e refúgio no cenário do capitalismo contemporâneo: totalidade, contradições e mediações no campo dos afetos	43
2.3. Das migrações e refúgio no Mato Grosso do Sul: considerações para o lócus da pesquisa	53
2.4. Caminhos Metodológicos da Pesquisa	60
CAPÍTULO III	69
AFETOS EM MOVIMENTO: A ARTE COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E EMANCIPAÇÃO DE MULHERES MIGRANTES E REFUGIADAS ACOLHIDAS NO CENTRO DE APOIO AO MIGRANTE (CEDAMI).....69	

3.1 Pincéis e palavras: ressignificando histórias através da arte	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICES	113

INTRODUÇÃO

Atualmente, os movimentos feministas têm desempenhado um papel crucial na construção das identidades, exercendo uma influência significativa sobre diversas instituições sociais com as quais as mulheres se relacionam.

No cenário das migrações e do refúgio, o movimento de mulheres migrantes assume uma complexidade ainda maior do que no passado, sendo uma decorrência direta do modo capitalista de produção, especialmente no que se refere aos deslocamentos forçados. Esses deslocamentos evidenciam cenários de desigualdade social e sofrimento ético-político, ocasionados pelos conflitos entre os valores éticos e morais que regem a sociedade e as condições de vida precárias ou desumanizantes vivenciadas por grupos em vulnerabilidade. Esse tipo de sofrimento transcende o âmbito individual, estando profundamente enraizado nas estruturas de poder e nas desigualdades sociais (Sawaia, 2001, p. 102).

Sob essa perspectiva, no caso das mulheres migrantes/refugiadas, o sofrimento ético-político manifesta-se de maneira particularmente intensa, atravessando suas vivências por meio de afecções/emoções e sentimentos de desvalor, desamparo e inferioridade. Ademais, essas mulheres frequentemente enfrentam o desemprego, a violência, a discriminação em múltiplas esferas e a exclusão social, agravando ainda mais sua condição de vulnerabilidade e invisibilidade.

Frente a esses fatores, a temática deste estudo buscou explorar como a afetividade e seus atravessamentos moldam a constituição social de mulheres migrantes/refugiadas na sociedade patriarcal-racista-capitalista. Em uma análise aprofundada, buscamos discutir os fluxos migratórios de mulheres dentro desse contexto sociopolítico e econômico, destacando os desafios específicos enfrentados por essas pessoas em seus deslocamentos. Nesse sentido, como objetivo geral, pretendemos compreender como a arte, enquanto ferramenta de análise, pode potencializar a expressão dos afetos e das afecções presentes na consciência e vivências.

de mulheres migrantes e refugiadas atendidas no Centro de Apoio aos Migrantes (CEDAMI) em Campo Grande, MS.

O interesse pela temática surgiu nos primeiros anos de graduação em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco, quando tive a oportunidade de ingressar no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e no Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria Sócio-histórica, Migrações e Políticas Sociais (GEPEMPS). Naquela época, aproximei-me da questão dos fluxos migratórios estudantis e das políticas públicas de acesso à educação superior, um assunto pelo qual tinha grande afinidade, visto que também havia migrado de uma cidade do interior do estado para cursar a graduação em Psicologia na capital.

Ao longo do tempo, tive a oportunidade de participar de quatro ciclos do PIBIC, durante os quais os trabalhos desenvolvidos se aprofundaram nas discussões sobre migração estudantil e afetos na perspectiva espinosana. O objetivo daquele estudo era compreender as emoções desencadeadas pelo processo migratório na vida cotidiana de estudantes migrantes do ensino superior, evidenciando tanto as vulnerabilidades envolvidas no processo quanto a potência da migração na vida daquelas pessoas.

A vivência dessa experiência me permitiu reconhecer a relevância dos afetos na busca pela liberdade. Presenciar a alegria dos participantes ao superarem os desafios da vida reforçou minha convicção de que as paixões, quando orientadas para a autoafirmação e a realização pessoal, podem se transformar em forças poderosas de mudança. Essa experiência também aprofundou minha conexão com a filosofia de Espinosa, que nos ensina que o *conatus* é a força inerente que motiva cada ser a perseverar em sua existência e buscar a emancipação (Espinosa, 2015).

As reflexões sobre a constituição social da mulher migrante ganharam força ao final da minha graduação em Psicologia, quando tive que me afastar do campo científico e prático devido ao nascimento de meu primeiro filho. Naquele período, a experiência da “maternidade

de primeira viagem” proporcionou-me um novo olhar sobre o mundo, focado nas vulnerabilidades sociais e nos desafios enfrentados por mulheres migrantes e refugiadas que, sem rede de apoio, buscam melhores condições de vida para seus filhos e pares.

Essa experiência levou-me a aprofundar os estudos feministas na vertente marxista, motivando-me a investigar as relações patriarcas de sexo e afetividade, com um olhar especial para as mulheres migrantes e refugiadas. Por meio da pesquisa participante, busco oferecer a essas pessoas um espaço seguro para expressarem suas experiências e construírem narrativas que dão sentido a suas vidas.

Nesse sentido, estudos que contribuem para uma compreensão mais profunda das experiências de pessoas migrantes e refugiadas tornam-se cruciais, ao evidenciar as formas de violências, desigualdades e opressão que são vivenciadas por essas pessoas, bem como a necessidade urgente de implementação de políticas públicas e sociais que visem garantir melhores condições de vida e dignidade para aquelas que se encontram longe de seus países de origem.

Frente a esses fatores, com base nos estudos realizados até o momento pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria Sócio-histórica, Migrações e Políticas Sociais (GEPEMPS) e pelo Laboratório de Estudos Psicossociais em Saúde Frente a Contextos de Desigualdade Social (LEPDS), observou-se que, ao longo da história, a migração tem sido um componente fundamental da experiência humana.

Embora as últimas décadas tenham testemunhado um aumento significativo nos fluxos migratórios, é importante ressaltar que grandes deslocamentos populacionais já ocorreram em diversos momentos do passado, como durante a Segunda Guerra Mundial.

A questão migratória é, portanto, sempre uma questão complexa, repleta de aspectos multicausais. Envolve tanto elementos subjetivos quanto objetivos, como a busca por segurança, a necessidade de superação de adversidades, a curiosidade em explorar o

desconhecido e a busca por melhores condições de vida, tanto para o migrante quanto para sua família.

Na contemporaneidade, a migração tem apresentado diferenças significativas em comparação com os processos migratórios do passado, principalmente no que se refere ao aumento observado, na última década, dos deslocamentos humanos forçados. As causas dessas condições variam, como: conflitos armados, perseguições, crises climáticas extremas, violência e outras formas de violação dos direitos humanos. Nesse viés, é preciso compreendermos que o processo migratório deve ser analisado entendendo a totalidade da realidade social, bem como seus processos de mediação e contradição.

Desse modo, o processo migratório é um desafio global cada vez mais recorrente na contemporaneidade, refletindo as dinâmicas do capitalismo e suas profundas desigualdades. À medida que o capital se expande globalmente, surgem, de forma contraditória, problemas que evidenciam a intensificação da desigualdade social, a concentração de poder e a barbárie expressa em conflitos armados, perseguições, instabilidades políticas e econômicas, além de incertezas crescentes.

Mais recentemente, temos observado que os impactos da crise ambiental, agravados pela exploração desenfreada e irresponsável dos recursos naturais, têm afetado profundamente as condições de vida e sobrevivência da população mais empobrecida. Observa-se, assim, que as comunidades mais vulneráveis, as quais historicamente menos contribuíram para o agravamento das mudanças climáticas e da exploração capitalista, são as mais impactadas tanto pela crise ambiental quanto pela crise do capital que enfrentamos atualmente.

Por sua vez, também é importante considerar que, nos rearranjos dos movimentos migratórios, a dimensão de gênero tem recebido uma atenção cada vez maior tanto nos círculos acadêmicos quanto nas políticas contemporâneas.

Esse fenômeno reflete o aumento significativo do número de mulheres migrantes e refugiadas, que passaram a ser reconhecidas como agentes ativas e protagonistas de suas próprias narrativas. Atualmente, as mulheres representam cerca de 135 milhões de pessoas em movimento pelo mundo, em comparação aos 146 milhões de homens. No entanto, esse número tende a crescer, considerando que a maioria dessas mulheres migram acompanhadas de seus filhos, constituindo, assim, um contingente cada vez mais expressivo nos deslocamentos internacionais (OIM, 2024).

O Relatório Anual da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2024) destaca que o número de crianças migrantes já alcança aproximadamente 28 milhões de crianças em deslocamento. Assim, somando-se o total de mulheres e crianças migrantes, chega-se a 163 milhões de pessoas em movimento, superando o número de homens migrantes. Revelando, assim, a expressiva relevância das mulheres e crianças como atores principais nos fluxos migratórios contemporâneos.

Nesse contexto, a migração de mulheres surge como um fenômeno complexo que vai além das fronteiras geográficas e culturais, representando não apenas deslocamentos físicos, mas também sociais e identitários.

Diante disso, para compreendermos essa realidade multifacetada, é imperativo adotarmos marcadores que reconheçam e incorporem as diversas dimensões que estão imbricadas às relações sociais de sexo, raça, classe, etnia, nacionalidade e orientação sexual. Pois essas categorias estão profundamente interligadas (em estado simbiótico ou como um nó, conforme nos diz Saffioti¹) ao cenário do capitalismo contemporâneo, principalmente no que diz respeito às desigualdades, violência e exploração que são adotadas no modo capitalista de produção. Visto que, diante da globalização, a atuação do capitalismo impacta

A metáfora do nó, criada por Helelith Saffioti, ilustra a complexa interseção entre as opressões de gênero, raça e classe, comparando-as a fios entrelaçados de um novelo. Cada fio representa uma forma de opressão que, ao se entrelaçar, forma um sistema de dominação inseparável e interdependente. Para Saffioti, essas opressões não podem ser analisadas isoladamente, demandando uma abordagem imbricada que articule as lutas feministas, antirracistas e anticapitalistas em uma prática política integrada (Saffioti, 2000).

significativamente na forma como as pessoas que fazem parte dessas categorias experienciam os processos migratórios e de refúgio.

Dentro desse viés, considerando a influência significativa do capitalismo nos processos migratórios e de refúgio, bem como o papel crucial das relações patriarcais de sexo nesse contexto, surge a questão norteadora: *De que forma a arte, como ferramenta de análise, pode potencializar a expressão dos afetos e das afecções presentes na consciência e vivências de mulheres migrantes e refugiadas atendidas no Centro de Apoio aos Migrantes (CEDAMI) em Campo Grande, MS?*

Para respondermos a essa questão, compreendemos que os afetos e afecções nas vivências dessas mulheres são constituídos a partir de experiências marcadas por deslocamentos, rupturas e desafios de adaptação, sendo elaborados em espaços de acolhimento e suporte coletivo.

Portanto, como nosso principal fio condutor são os afetos, adotou-se para o desenvolvimento da pesquisa uma abordagem qualitativa e participativa, buscando compreender as experiências das mulheres migrantes e refugiadas a partir de suas próprias perspectivas, olhares e vivências do processo migratório. O desenvolvimento da pesquisa implicou em um percurso metodológico diferenciado, enquanto constituição dialógica entre pesquisadora e participantes da pesquisa. Sendo assim, optou-se por uma discussão detalhada no Capítulo 2 desta dissertação, para que se elucide melhor a leitora na compreensão da pesquisa.

A partir dessa base, a dissertação foi organizada em três capítulos, sendo que o primeiro se dedica a apresentar a revisão de literatura, justificando a opção teórica deste estudo, situando-o no contexto teórico e empírico, através das dimensões da teoria dos afetos na filosofia de Baruch Espinosa. O Capítulo 1 tem como objetivo promover um diálogo entre a vertente espinosana e o materialismo sócio-histórico-dialético a partir dos estudos das emoções

de Lev Vigotski. O autor comprehende os afetos como ponto central do desenvolvimento psíquico, retratando-os como emoções que surgem através das interações sociais, influências culturais e experiências individuais, que se manifestam através da consciência e da linguagem.

Entende-se que a capacidade de promover discussões sobre esse tema nos permite criar novas reflexões que possam ajudar na luta contra as desigualdades sociais, visto que o campo subjetivo é frequentemente alienado pelos processos de reificação.² Esses processos transformam relações sociais e trocas afetivas em coisas, levando os indivíduos a perceberem as relações humanas e sociais como objetos independentes e autônomos.

Neste sentido, é importante destacar que, apesar de nos propormos a uma análise ousada de nosso objeto de estudo a partir dessa interseção, é necessário mencionar que as teorias aqui discutidas (espinosista e materialista) foram desenvolvidas em diferentes períodos históricos e possuem fundamentos ontológicos distintos, refletindo as perspectivas de seus respectivos autores em suas épocas.

Compreendemos que cada teoria pode iluminar aspectos que outras deixam na penumbra, superando assim suas limitações, uma vez que nenhuma teoria é perfeita ou completa por si só.

Diante disso, na confluência desses dois autores de épocas tão distintas, observando suas dissonâncias teóricas, compreendemos que suas preocupações refletem os contextos históricos em que viviam. No século XVII, Espinosa estava preocupado em explicar a ontologia e a ética em um sentido filosófico amplo. Já Marx, no século XIX, focava nas condições materiais e nas dinâmicas sociais e econômicas de sua época, sem deixar de considerar a pessoa humana como ser histórico e social. Entretanto, é importante destacar que ambos os teóricos compartilham uma crítica profunda às ilusões e à opressão, embora por

² Para Lukács, a reificação é uma forma de alienação que surge no capitalismo, onde as relações entre as pessoas são transformadas em relações entre coisas, ou seja, em mercadorias. Nesse processo, os seres humanos passam a perceber suas próprias atividades e relações como objetos passíveis de compra e venda, desprovidos de significado humano ou social (Lukács, 1923).

caminhos próximos e diferentes ao mesmo tempo. Destarte, para promover o laço e o diálogo entre as diferentes vertentes teóricas — a espinosista e a marxista —, partimos da compreensão de Vigotski (que foi teórico marxista) sobre a relação dos afetos para com a constituição social da pessoa humana.

De acordo com Sawaia, Magiolino e Silva (2022), Vigotski também encontra em Espinosa a sustentação filosófica que explica a relação entre afeto e o intelecto no desenvolvimento do psiquismo humano, pois, segundo ele, é através das vivências (das trocas sociais) que se constituem os afetos (Vigotski, 2009). O autor descreve que as emoções complexas surgem apenas historicamente e resultam da combinação de relações que emergem como resultado da vida histórica, uma combinação que ocorre no decorrer do processo evolutivo das emoções (Sawaia, Magiolino & Silva, 2022, p. 101).

Neste sentido, a fim de compreendermos a complexidade do funcionamento das emoções, levando em conta a dinâmica dos encontros, das afecções (das relações sociais, conforme Vigotski), adotamos como princípio teórico e metodológico o viés da perspectiva sócio-histórica, entendendo que, para o sujeito sentir, ser afetado, ele necessita estar em contato com o meio social e histórico.

Por conseguinte, o Capítulo 2 examina o crescimento dos últimos anos dos fluxos migratórios de mulheres na contemporaneidade, destacando as relações patriarcais de sexo dentro do contexto migratório e de refúgio no estado de Mato Grosso do Sul. Retrata os caminhos metodológicos da pesquisa, descrevendo a metodologia utilizada no estudo, incluindo o processo de formação de conhecimento e passos realizados para a análise dos dados.

Ao detalharmos os caminhos metodológicos da pesquisa, convidamos o/a leitor/a a compreender o percurso que escolhemos e como construímos uma proposta metodológica desenvolvida de forma conjunta com as participantes. Nossa objetivo foi atuar de maneira

ético-política, enquanto pesquisadora, ao ouvir, dialogar e promover espaços de interação e troca significativa para as participantes do estudo. Para isso, utilizamos estratégias como a realização de rodas de conversa e atividades de pintura em tecido, criando um ambiente propício para a expressão e a construção coletiva de saberes.

Essas atividades foram concebidas como um espaço para que as participantes expressassem vivências, sentimentos e reflexões de forma criativa e colaborativa, promovendo um diálogo com as mulheres migrantes envolvidas na pesquisa. Nesse contexto, a arte transcende o papel de ferramenta, tornando-se um dispositivo central de expressão, resistência e emancipação da pesquisa qualitativa. Ela permite a comunicação de narrativas e emoções que frequentemente escapam à linguagem vocal, enquanto revela subjetividades e processos sociais.

Essa prática atuou como mediadora entre a pesquisadora e as participantes, promovendo um diálogo mútuo que potencializou reflexões a partir das vivências, histórias de vida, afetos e experiências das mulheres. Foram consideradas as condições materiais e históricas, bem como os aspectos subjetivos e objetivos da vida social, abrangendo processos imbricados relacionados à classe, sexo, raça, nacionalidade e de consciência individuais e coletivas. Por fim, as reflexões realizadas conjuntamente com as participantes da pesquisa se materializam nos resultados da pesquisa descritos no Capítulo 3, que se apresenta sob a luz da teoria dos afetos na tradição espinosana, articulando-se ao materialismo sócio-histórico.

Desse modo, o Capítulo 3 finaliza o texto, dedicando-se à análise e discussão dos dados provenientes das rodas de conversa, das pinturas em tecido e dos diários de campo, apresentando os resultados da pesquisa, discutindo suas implicações teóricas e práticas. Tem o objetivo de responder à questão norteadora do estudo: como a arte, enquanto ferramenta de análise, pode potencializar a expressão dos afetos e das afecções presentes na consciência e

vivências de mulheres migrantes e refugiadas atendidas no Centro de Apoio aos Migrantes (CEDAMI) em Campo Grande, MS.

Nesse processo, os afetos — entendidos como forças que impulsionam ações, vínculos e resistências — emergem tanto como elementos que potencializam sua capacidade de adaptação quanto como expressões de sofrimento e resistência frente às opressões vividas.

Como afecção, ela se constitui na vivência dessas mulheres através dos impactos provocados por experiências externas a seus corpos e mentes, manifestando-se nas subjetividades em forma de medo, ansiedade, saudade, esperança e solidariedade, e são sentidas através de emoções e sentimentos, tornando-se marcadores das relações sociais estabelecidas nos contextos de acolhimento, seja em instituições voltadas para migrantes, como o CEDAMI, ou em comunidades locais, como as de pessoas migrantes, por exemplo, a associação de venezuelanos de Campo Grande e outros coletivos.

Assim, convidamos o/a leitor/a a unir-se a nós nesta reflexão, resultado de um trabalho de pesquisa participante que buscou a construção dialógica do conhecimento, aproximando-se da realidade das pessoas envolvidas, superando as formas mais tradicionais de pesquisa em psicologia e ciências humanas.

CAPÍTULO I

**AS DIMENSÕES DA AFETIVIDADE HUMANA NA FILOSOFIA DE
BARUCH ESPINOSA NUM DIÁLOGO COM O MATERIALISMO
SÓCIO-HISTÓRICO**

2.1 Das afecções à força dos afetos

*O que é, o que é?
 Clara e salgada
 Cabe em um olho
 E pesa uma tonelada
 Tem sabor de mar
 Pode ser discreta
 Inquilina da dor
 Morada predileta
 Na calada ela vem
 Refém da vingança
 Irmã do desespero
 Rival da esperança
 (...) E eu que me julguei forte,
 E eu que me senti,
 Serei um fraco quando outras delas vir.*
(Racionais MC's, 2002)

Quando nos debruçamos sobre a temática dos afetos, uma miríade de ideias se desdobra em nossas mentes. À luz da perspectiva de Espinosa (2009), os afetos desempenham um papel crucial no corpo, pois, para o filósofo, cada corpo é impactado de maneira singular, em virtude de seus encontros individuais. Isso ocorre porque aquilo que afeta e toca um indivíduo se manifesta de modo singular, escapando ao caráter genérico.

Seguindo essa lógica, trago para a discussão o trecho previamente citado, elaborado pelo grupo Racionais MC's no disco Nada como um dia após o outro dia (2002). Naquela época, é possível inferir que, para além de discorrer sobre as desigualdades sociais enfrentadas pelas minorias nas favelas, a intenção da banda era também oferecer ao público uma nova lente pela qual interpretar os afetos, abrindo caminho para uma reflexão mais ampla sobre a natureza das emoções, seu simbolismo e como elas se manifestam em nosso cotidiano.

Dessa forma, ao sintonizar o verso, somos levados a evocar a intensidade e as contradições que as emoções humanas projetam no corpo e na mente. Elas se apresentam como lágrimas, transparentes e tangíveis, porém, ao mesmo tempo, densas e imbuídas de significados e simbolismo emocional.

Causar esse tipo de reflexão foi um de meus objetivos ao compreender a teoria e procurar traduzi-la aos estudantes de iniciação científica durante meu período de estágio em docência, no programa de mestrado em Psicologia no ano de 2023. Naquele momento, dediquei-me a uma intensa reflexão sobre os complexos conceitos de Espinosa, frente à força dos afetos na Ética, para o planejamento das aulas, onde meu principal intuito consistia em orientar os alunos de iniciação científica para uma compreensão mais densa dos aspectos centrais e do método na filosofia de Espinosa.

Diante desses fatores, e utilizando um dos principais referenciais que me auxiliaram na compreensão teórica para a estruturação conceitual de minhas aulas naquele período, trago ao texto as contribuições da autora Marilena Chauí, professora emérita da Universidade de São Paulo (USP), filósofa brasileira e uma das mais importantes estudiosas da filosofia de Espinosa no país na atualidade. A autora descreve que, desde sua juventude na comunidade judaica até as circunstâncias adversas que moldaram sua visão de mundo, a vida de Espinosa foi marcada por desafios e uma busca incessante pela verdade e liberdade intelectual. “Filósofo da ontologia da imanência e do necessário”, Espinosa foi seguidor de Descartes na vertente racionalista. Leu Platão, Aristóteles, Epícuoro, Cícero, Sêneca e vários outros filósofos medievais, além de estudar matemática e outras ciências durante sua curta vida (1632-1677) (Chauí, 1983).

Diante da visão monista de Deus e da Natureza, Espinosa enfrentou diversas críticas e oposição de diferentes frentes, incluindo religiosos e políticos na Holanda no século XVII. Em sua juventude, chegou a ser expulso da comunidade judaica (1656), da qual fazia parte, fazendo com que tivesse que procurar uma nova ocupação laboral, tornando-se fabricante de lentes. Aprendeu a polir lentes para lunetas e saiu-se tão bem que exerceu o ofício até o fim de sua vida. Assim, apesar das adversidades sofridas naquele momento, foi através de sua coragem em defender suas convicções e sua dedicação em busca da verdade que deixou um legado duradouro na história da filosofia, o qual remete até os dias atuais (Chauí, 1983).

De acordo com Chauí (1983), no período em que fora expulso da comunidade judaica, Espinosa estudava o racionalismo de Descartes, sobre o qual escreverá, em 1663. Segundo a autora, o peso do cartesianismo sobre Espinosa foi, na verdade, o peso do novo racionalismo do século XVII. Assim sendo, foi sua confiança no poder da razão tanto nos domínios da teoria quanto na prática que possibilitou a ele elaborar novas noções do método, da verdade e, a partir delas, as noções de ser e de ação (Chauí, 1983, p. 8).

Entretanto, com o passar do tempo, Espinosa passou a encontrar divergências teóricas em relação ao racionalismo cartesiano predominante na época. O filósofo discordava da visão dualista de Deus e Natureza defendida pelos seguidores de Descartes. Para ele, tudo se resumia a uma visão monista, onde Deus e Natureza eram inseparáveis, integrando-se no mesmo plano de imanência. Não eram entidades distantes e transcendentais, mas sim a própria essência do universo, a natureza em sua totalidade.

Diante dessa perspectiva, Espinosa dedicou sua vida à escrita, imerso numa epistemologia racionalista pautada na lógica matemática. Sua obra, *Ética – Demonstrada à Maneira dos Geômetras* (1677), reflete essa busca por uma filosofia coerente, construída com base em axiomas, postulados e proposições, inspiradas pela metafísica e pela geometria, das quais eram tomadas no texto enquanto teoremas, presumidos enquanto deduções válidas e demonstráveis.

Para Imianowskya e Vitória (2020), o período do século XVII foi marcado por um pensamento que desconsiderava o corpo afetivo, os sentidos e as emoções na constituição do ser. Naquele período, em que se destacava o racionalismo medieval, um pensador expõe o abandono do caráter afetivo da existência num sentido propositivo (Imianowskya & Vitória, 2020).

Destarte, eis que Espinosa surge revelando a urgência de se conhecer as afetações do corpo e da mente na construção das relações em sociedade. Para o filósofo, ao contrário de

seus pares contemporâneos, os afetos são parte da natureza humana, o que os eleva a uma categoria central de análise.

Entretanto, foi somente após a sua morte em 1677 que descobriram a existência de seus manuscritos guardados em uma gaveta de sua casa. Assim, após o financiamento de amigos, os textos foram publicados sob o título de Obras Póstumas. A edição lançada incluía vários escritos do filósofo, que iam desde a Ética, sua obra mais famosa, o Tratado da Correção do Intelecto, o Tratado Teológico-Político, uma Gramática Hebraica e as Cartas das quais ele se correspondia com amigos, pensadores e até figuras aristocráticas pelo mundo (Chauí, 1983).

Segundo Macherey (1997), a Ética nos guia por um mapa novo e abrangente das emoções humanas e nos convida a uma nova forma de pensar sobre elas. Para Espinosa, os afetos representam uma parte integrante da natureza em sua totalidade, contribuindo para as relações características do ser humano, sem estabelecer uma separação rígida entre ambos. No seu livro Ética, o ser não se constitui separado das leis naturais universais, pois, para ele, estamos todos integrados em um único plano de imanência. Isso significa que a afetividade humana é uma manifestação particular da potência global da natureza, que impulsiona a vida, a vontade e o desejo (Macherey, 1997).

Espinosa descreve as emoções, ou "afecções", como ele as chama, como impressões que o corpo experimenta ao entrar em contato com algo externo, deixando uma marca ou imagem que reflete a intensidade da existência do ser em comparação com os momentos anteriores. As afecções representam os efeitos de um encontro sobre o corpo ou a mente. Essas experiências geram ideias que podem ser consideradas inadequadas, quando o corpo é passivamente afetado e reage sem provocar a ação, ou adequadas, quando resultam de um pensamento racional e ativo, no qual o ser transcende o conhecimento imaginário. Nesse contexto, Espinosa identifica o pensamento racional como o caminho para a conquista da

potência de pensar, um estado em que o ser humano se torna mais pleno e consciente de si mesmo (Espinosa, 2009).

Por outro lado, o conceito de afeto está diretamente relacionado ao verbo "afetar", indicando aquilo que causa impacto e movimento na pessoa humana. Para Martinho (2017), o afeto é o que mobiliza a alma, potencializando-a ou enfraquecendo-a, sempre influenciando as emoções e emergindo a partir do domínio da subjetividade. Nesse sentido, o afeto se manifesta como a capacidade de afetar e ser afetado, um elemento essencial que, entre outras características, define nossa humanidade (Martinho, 2017).

Para Conter, Telles e Silva (2017), o afeto é um indicador de uma afecção, ou seja, é o resultado de uma interação entre dois corpos. Aqui, o termo "corpo" refere-se a qualquer entidade capaz de estabelecer conexões, enquanto a mente é o lugar onde as ideias se formam e interagem entre si. Dessa forma, corpo e mente são entendidos como "modos" ou manifestações de uma mesma substância, não existindo de maneira isolada, mas sempre em relação com outros corpos. Os corpos, portanto, estão em constante influência mútua, sofrendo alterações contínuas e estabelecendo novas conexões a partir dessas interações (Conter, Telles & Silva, 2017).

Diante dessa relação, é estabelecido o conatus, o qual, segundo a filosofia espinosiana, remete ao conceito de esforço, pois, na concepção de Espinosa, tudo aquilo que existe se esforça para prosperar em sua própria natureza, no seu próprio ser.

Segundo Lima (2008), o conatus refere-se ao grau de potência do ser, é o esforço da mente em afirmar ou negar algo. Este conceito é parte integrante da constituição da alma, da mente humana, e relaciona-se com o movimento interno do corpo e o funcionamento das ideias. Ele capacita o ser humano a alcançar seu pleno desenvolvimento, dependendo das influências do mundo exterior e suas causas, que podem afetar de forma a atingir uma maior ou menor

perfeição em sua essência. Isso resulta em uma compreensão mais profunda da condição humana e do seu lugar na humanidade (Lima, 2008).

Para Chauí (2011, p. 85), no corpo, o conatus se chama apetite; na mente, a vontade, isto é, a percepção ou consciência do apetite. Eis por que Espinosa afirma que a essência do ser é o desejo. Na vida corporal, uma afecção pode aumentar ou diminuir, atingir uma maior ou menor perfeição, favorecer ou prejudicar a potência do corpo, principalmente mediante as adversidades do meio em que as pessoas vivem (Chauí, 2011).

Assim, quando as pessoas são dominadas por afetos passivos (que diminuem a força do conatus) e emoções – ideias inadequadas –, tornam-se essencialmente "escravas" das suas próprias paixões (passion é o oposto de action). Diante desse estado de escravidão, as pessoas são movidas por desejos irracionais, medos e outras emoções que as controlam e limitam, em vez de serem guiadas pela razão e pela compreensão (Espinosa, 2021).

Em outras palavras, aumentar ou reduzir o conatus, ou seja, a força interna e a potência inerente ao indivíduo, também influencia de maneira semelhante o desejo e o apetite pela vida, pela preservação de nossa própria natureza. É como modificar o próprio impulso de agir no mundo e na vida; em outros termos, aumentar ou diminuir o conatus pode significar o aumento ou a diminuição da própria existência do ser.

Ademais, ao descrever a quarta parte da Ética, Espinosa nos retrata que os afetos são a raiz tanto da servidão quanto da liberdade. Neste contexto, a busca pela felicidade e liberdade é tão fundamental para a existência humana quanto a alimentação, abrigo e reprodução biológica. Esta busca é considerada vital para todo ser humano, independentemente de sua condição social e financeira (Sawaia, 2009).

A partir desse ponto de vista, Espinosa dialoga que a libertação da servidão imposta pelas paixões, decorrentes das ideias inadequadas, exige a compreensão da natureza dos afetos e suas causas. Esse processo ocorre através do aprimoramento do entendimento e da

compreensão das emoções e dos desejos que nos afetam. Para o autor, é apenas por meio dessa ótica que as pessoas podem tomar decisões mais racionais, o que gradualmente as liberta das correntes de sujeição que as aprisionam, alcançando assim a emancipação humana.

Nesse sentido, a experiência migratória de mulheres está profundamente ligada às dimensões afetivas que influenciam tanto as suas motivações para migrar quanto às consequências emocionais que o ato exerce em suas vidas. Compreender esses afetos é fundamental para interpretarmos as decisões relacionadas à migração na contemporaneidade e quais são as estratégias de enfrentamento adotadas por essas pessoas diante da vulnerabilidade social e das rupturas de suas redes sociais e culturais, para que, através dessa lente, possamos fundamentar políticas públicas mais sensíveis às suas realidades.

Assim, ao interseccionarmos as perspectivas de Espinosa e Marx, compreendemos a pessoa humana como um ser social e afetivo, moldado tanto por suas experiências individuais e emocionais quanto pelas condições materiais e históricas em que vive. A teoria dos afetos de Espinosa, ao enfatizar a natureza ativa e transformadora das emoções, encontra um ponto de convergência com a análise materialista de Marx sobre as relações sociais e a luta de classes. Ao combinarmos essas duas teorias, buscamos lançar luz sobre uma compreensão mais profunda da subjetividade humana e das relações entre a pessoa humana e a sociedade, abrindo caminho para uma análise mais profunda das emoções e da capacidade de transformação social, um diálogo que nos propomos a explorar a seguir.

2.2 Análise das Dissonâncias e Potências de Diálogo entre a Teoria Espinosana dos Afetos e o Materialismo Sócio-Histórico

Partindo desse pressuposto, observa-se que, na contemporaneidade, Espinosa e Marx nos parecem não só atuais, mas necessários. Embora as teorias tenham suas diferenças

ontológicas e metodológicas, a potência do diálogo entre elas nos impacta, sem dúvida, diante da força de nos fazer pensar criticamente, situando-nos enquanto seres sociais.

Embora as ideias espinosanas sejam contestadas por parte de autores materialistas tradicionais, como Feuerbach, Lênin e Marx, os quais argumentam que o autor da Ética permanece demasiadamente influenciado pelos preceitos do racionalismo cartesiano, Souza (2020) nos relata que, na contemporaneidade, alguns estudiosos materialistas como Chauí e Sawaia defendem a aproximação metodológica entre a perspectiva sócio-histórica e o método espinosano, devido às contribuições que esse diálogo nos oferece quanto ao estudo dos afetos, das emoções humanas e das paixões, demonstrando que as dimensões afetivas não são um vício que deva ser suprimido ou um distúrbio a ser controlado, mas a base da potência humana, do conhecimento, da ação ética e da transformação social (Souza, 2020).

Segundo Chauí (1983), a escrita da Ética surgiu a partir da crítica que Espinosa fez à "superstição" em todas as suas esferas: religiosa, política e filosófica, no livro Tratado Teológico-Político (Chauí, 1983). A escrita do texto acabou marcando sua trajetória na filosofia com uma rebelião intelectual contra as ideias predominantes de sua época, causando ao autor perseguição e expulsão da comunidade em que vivia.

Inspirados por essa postura revolucionária de Espinosa, este texto reflexivo busca iluminar as realidades sociais e subjetivas das mulheres migrantes e refugiadas. Assim como Espinosa desafiou as crenças de seu tempo, procuramos explorar as dificuldades, enfrentamentos, sentimentos e afetos dessas mulheres, traduzidos em respostas às experiências de invisibilidade nos processos migratórios. A abordagem espinosana oferece ferramentas para aprofundar a compreensão das complexas relações entre afetos e vivências, ajudando-nos a desvendar as dinâmicas que moldam suas trajetórias.

No entanto, reconhecemos que a teoria de Espinosa, isoladamente, não é suficiente para abranger a totalidade, as contradições e as mediações que envolvem a questão migratória.

Por essa razão, recorremos à perspectiva materialista histórico-dialética de Marx, que oferece um alicerce teórico mais sólido para compreender as dimensões estruturais e as determinações sociais desse fenômeno.

Embora Marx tenha demonstrado admiração pela teoria espinosana, também foi um grande crítico em relação a alguns de seus aspectos. Assim, torna-se essencial compreendermos as nuances desse diálogo teórico, evitando contradições entre as abordagens e, ao mesmo tempo, construindo uma reflexão mais consistente, integrada e capaz de abarcar tanto as dimensões subjetivas quanto as dimensões estruturais da experiência migratória.

Frente a esses fatores, Feitosa (2021) argumenta que Marx encontrou em Espinosa uma fonte de inspiração teórica em sua juventude. Foi durante o período em que escrevia sua tese doutoral sobre a Diferença entre as filosofias democriteana e epicúrea da natureza (Marx, In: MECW, v. 1, p. 25-107).

Conforme o autor, Marx foi leitor do texto do Tratado Teológico-Político, resenhando-o parcialmente em meados do primeiro semestre de 1841, em três cadernos de anotações de leituras publicados pela primeira vez na segunda edição das obras completas de Marx e Engels, em 1976 (Feitosa, 2021).

Naquela fase da vida, as ideias do filósofo holandês deixaram uma marca profunda no pensamento de Marx. Ele ficou especialmente intrigado com a crítica de Espinosa ao preconceito e à ignorância na interpretação dos antigos filósofos. Espinosa desafiou a noção de que todas as coisas naturais agiam com um propósito definido, questionando conceitos arraigados sobre o certo e o errado, e defendendo a necessidade de usar a razão para analisar a sociedade de forma crítica (Feitosa, 2021).

Espinosa, em nossa perspectiva, é um filósofo brilhante, subversivo e profundamente crítico de sua época. Ele defendeu suas ideias com firmeza, mesmo enfrentando a exclusão de sua comunidade. Marx, ao se deparar com a obra de Espinosa, vislumbrou um potencial

transformador significativo, identificando no filósofo um precursor do materialismo. A crítica de Espinosa às concepções dualistas de mente e corpo, e a ênfase na realidade una e material, ressoaram com a busca de Marx por uma base material para a compreensão da história e da sociedade. A teoria dos afetos de Espinosa, por sua vez, ofereceu a Marx uma ferramenta valiosa para entender as motivações e os comportamentos humanos em contextos sociais específicos.

Além disso, a crítica de Espinosa à superstição e ao poder das instituições religiosas, como observado no Tratado Teológico-Político, serviu de modelo para a análise crítica da ideologia desenvolvida por Marx. Este último aplicou essa abordagem à crítica da ideologia burguesa, revelando como as ideias dominantes na sociedade sustentam as relações de poder existentes.

No entanto, Marx reconheceu as limitações idealistas presentes na filosofia de Espinosa, como a ênfase na "substância" como um princípio único e imutável. Para superá-las, Marx adotou uma perspectiva materialista histórica, que enfatiza a mudança e a transformação das condições materiais de existência. A dialética marxista, inspirada em Hegel, mas transformada em uma abordagem materialista, permitiu a Marx ir além da visão estática da realidade presente em Espinosa, destacando a contradição e o conflito como forças motrizes da mudança social.

Marx integrou os insights de Espinosa em sua teoria do materialismo histórico, buscando explicar a história e a sociedade a partir das condições materiais de produção e das relações de classe. A teoria dos afetos, por exemplo, foi incorporada à análise marxista da consciência de classe, mostrando como as emoções e os sentimentos são moldados pelas condições materiais de existência e desempenham um papel na luta de classes.

Enquanto Espinosa se concentrava na busca da liberdade individual através do conhecimento e da razão, Marx enfatizava a necessidade da ação coletiva para a transformação social. A teoria da práxis, por exemplo, destaca o papel da ação humana na transformação da realidade, representando uma superação do idealismo de Espinosa e uma aplicação prática de seus insights materialistas (Feitosa, 2021).

Dentro desse viés, na interseção desses dois pensadores de períodos tão distintos da história, ao considerarmos suas divergências teóricas, podemos perceber que suas preocupações refletem os contextos históricos em que estavam inseridos, mas apontam para a contemporaneidade de suas reflexões, que ainda são válidas para a atualidade. No século XVII, Espinosa estava concentrado em explorar questões ontológicas (a natureza do ser) e éticas em um sentido filosófico amplo. Enquanto isso, no século XIX, Marx direcionava sua atenção para as condições materiais, as dinâmicas sociais e econômicas de sua época. No entanto, é relevante ressaltar que ambos os pensadores compartilham uma crítica contundente às ilusões e à opressão, embora fundamentadas em abordagens e contextos distintos.

Souza (2020) descreve que materialistas mais ortodoxos refutam as ideias espinosistas, sob o pretexto de que, no texto do livro *A Sagrada Família* (1844), Marx combate o racionalismo abstrato, primeiramente através de Hegel e depois através de Bauer. Criticando que essa forma de racionalismo desconsidera as condições materiais e sociais específicas, podendo levar o sujeito a uma compreensão distorcida da realidade, trazendo soluções simplistas para problemas complexos (Souza, 2020).

A crítica ao racionalismo é trazida por Lukács no livro *História e Consciência de Classe*, no qual o autor descreve que o método se apresenta como descobridor do princípio de conexão de todos os fenômenos da natureza e da realidade que se contrapõem ao homem. Com efeito, ele permanece um sistema parcial, incapaz de apreender os problemas últimos da

existência humana, que continua sendo inalcançável à sociedade. Entretanto, ainda assim, Souza (2020, apud Paula, 2014, p. 91) nos afirma:

A Sagrada Família é uma obra de passagem, ponto de culminância da incursão feuerbachiana de Marx, ela já anuncia o salto sobre o riacho de fogo que virá a se realizar em A Ideologia Alemã, o acerto de contas definitivo com a antiga consciência filosófica. A partir de então, a visão de Marx a respeito de Espinosa não se modificará (Souza, 2020, apud Paula, 2014, p. 91).

Frente ao exposto, apesar de Marx ter rejeitado explicitamente o nome de Espinosa em algumas ocasiões, Marx não deixou de adotar e desenvolver ideias que eram fundamentais para o filósofo da imanência, como a emancipação da sujeição das paixões. Assim, conforme Paula (2014, p. 91), “é somente a partir do momento em que Marx rejeita Espinosa que o vemos abraçar uma perspectiva teórica verdadeiramente afim ao espinosismo” (Paula, 2014, p. 91). Foi naquele momento em que Marx se libertou da sujeição das paixões, e embora ele não tenha sido considerado um descendente do filósofo, conforme afirmava Althusser, ainda compartilha uma afinidade teórica significativa com o espinosismo, no sentido da emancipação, da libertação e do pensamento contra a ideologia imposta pela igreja (Souza, 2020, apud Paula, 2014).

É precisamente nesse ponto, ao considerar os processos de emancipação e libertação, que nós voltamos para a teoria espinosana, fundamentando-a no materialismo histórico-dialético como base para nossa reflexão. Partimos do entendimento de que cada pessoa é singular em sua particularidade, mas adquirimos potência coletiva ao expressar-se enquanto parte de uma classe, inserida na historicidade e na totalidade da realidade social em que vive.

Para Sawaia, Magiolino e Silva (2022), tradicionalmente, os diferentes modos de pensar e conceber a teoria espinosana dos afetos, das paixões e da emoção humana nos remetem às arraigadas dicotomias que marcaram a teorização sobre a afetividade ou a sensibilidade

humana nas mais diversas áreas do conhecimento. No campo da filosofia, como observado anteriormente no texto, a problemática se configura em meio ao modo como os filósofos de suas épocas discutiam, compreendiam e relacionavam elementos importantes, tais como as noções de ideia, de representação, de imaginação, de percepção, de linguagem, de conhecimento, consciência e vontade (Sawaia, Magiolino & Silva, 2022, p. 95).

Diante disso, tem-se observado que, ao longo da história, a temática dos afetos tornou-se um objeto complexo que perpassou diversas vertentes nas ciências. Dentro da psicologia, esta é abordada de diferentes maneiras, ora considerando os afetos como manifestação fisiológica do corpo, ora considerando-os como expressão da subjetividade, das emoções e dos sentimentos humanos (Imianowsky & Vitória, 2020).

Para Sawaia (2015), no âmbito da Psicologia Sócio-histórica, Vigotski foi o teórico marxista que elaborou uma abordagem materialista do desenvolvimento humano, concebendo a pessoa humana em sua totalidade. Sua relevância no diálogo entre as teorias (espinosas e marxistas) advém de sua capacidade de transcender a mera juxtaposição de ideias desses autores. Vigotski não apenas percebeu a importância das concepções de Espinosa e Marx, mas as reinterpretou criticamente, superando as limitações de cada uma (Sawaia, 2015).

Neste contexto, trazemos ao texto o protagonismo da teoria de Vigotski para a psicologia, destacando que o autor encontra em Espinosa a sustentação filosófica para a compreensão da relação entre o afeto e o intelecto no desenvolvimento do psiquismo humano. Em sua obra, Vigotski argumentava que os processos psicológicos superiores são moldados pela cultura e pela história, através das vivências e trocas sociais mediadas pelos afetos (Vigotski, 2009).

Na teoria vigotskiana, a internalização da dimensão subjetiva e afetiva proposta por Espinosa evita o reducionismo mecanicista do materialismo marxista ortodoxo. Ao mesmo

tempo, ao ancorar a subjetividade nas condições materiais de existência, em diálogo com Marx, Vigotski supera o idealismo presente na filosofia espinosana.

A temática dos afetos foi um dos últimos trabalhos aos quais o pesquisador russo se dedicou, não chegando a finalizar seus estudos, deixando a obra inacabada intitulada como Teoria das emoções: um estudo histórico-psicológico, diante de sua morte prematura em 1934, devido à tuberculose (Vigotski, 1931-33/2004).

Na obra supracitada, Vigotski criticou a doutrina cartesiana sobre as paixões, as posições dualistas vigentes em sua época, como as teorias fisiológicas de autores como James e Lange, bem como as abordagens metafísicas e teológicas do psiquismo, nas quais se enquadram autores como Freud e Scheler. Vigotski escreve sobre as emoções alicerçadas na filosofia de Espinosa e nos preceitos do materialismo sócio-histórico-dialético proposto por Marx (Sawaia, Magiolino & Silva, 2022, p. 97).

Na confluência desses dois autores, de tempos tão distintos, Vigotski traz à tona a discussão sobre a natureza social e a força das emoções na construção do psiquismo, possibilitando com isso o diálogo entre as duas abordagens teóricas, a espinosana e a materialista.

Segundo Sawaia, Magiolino e Silva (2022), ao promover essa reflexão, compreendemos que o argumento central que se refere aos afetos se vincula à constituição dramática do psiquismo, à formação da pessoa, aos processos de significação, desdobrando-se na dimensão ético-política das emoções (Sawaia, Magiolino & Silva, 2022, p. 97).

Para Espinosa, os afetos situam-se no plano das relações entre os seres, manifestando-se nos encontros que ampliam ou reduzem a potência de ação. Esse caráter relacional dos afetos é igualmente significativo para Vigotski, que os aborda, ou mais especificamente, trata das emoções, no contexto das relações sociais e na dimensão política. Podendo ser mais bem compreendida por meio do diagrama a seguir.

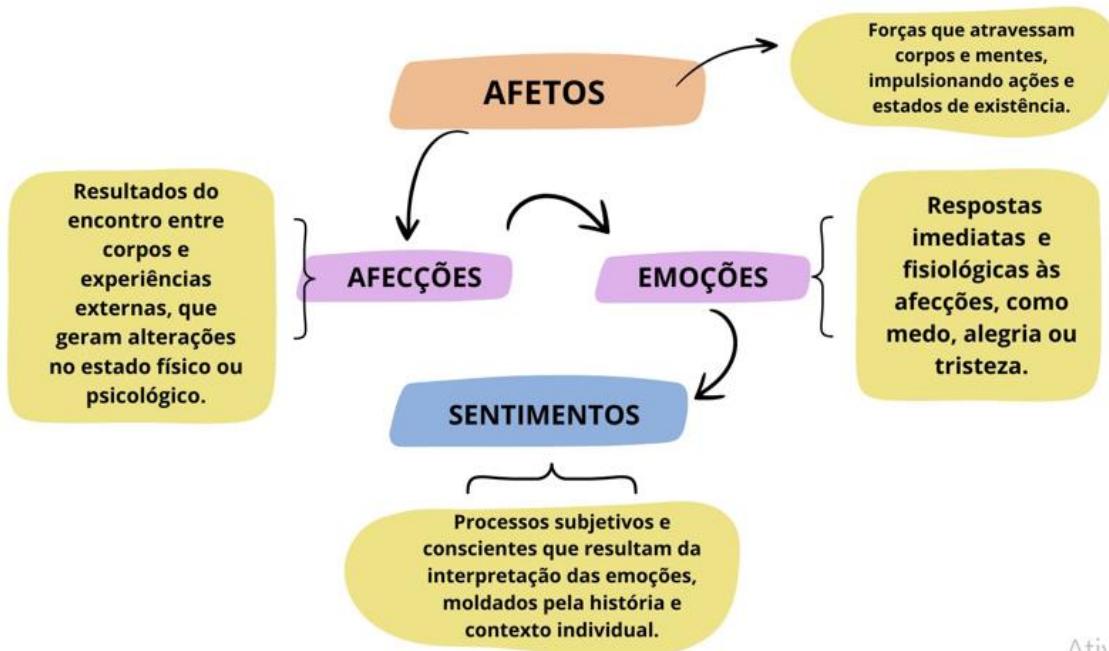


Figura 1: Diagrama dos afetos a partir de Vigotski. Elaborado pela autora, 2025.

Entender os afetos é compreender que as emoções e sentimentos derivam-se de processos complexos que envolvem a existência de cada pessoa humana. E, para refletir sobre as mulheres migrantes e refugiadas, nada mais importante do que compreender esses processos singulares, que estão inseridos na particularidade de cada participante dessa pesquisa.

Ao exemplo, entende-se que uma derivação da emoção da alegria é a felicidade. A pessoa, ao se encontrar feliz por receber uma recompensa por uma ação ou trabalho realizado, pode não se encontrar realmente no plano da alegria do contentamento, onde todas as partes do corpo são favorecidas. Ela pode se encontrar (apesar de se sentir feliz) em um plano afetivo derivado das paixões tristes, que é quando não conhecemos – no sentido espinosano – as ideias dessa afetação ou não nos tornamos causa adequada dessa afetação. O corpo é afetado de forma parcial, e, quando passa o efeito, o sujeito tende a buscar experimentar novamente aquela emoção (Sawaia, Magiolino & Silva, 2022, p. 101).

Segundo Sawaia, Magiolino e Silva (2022), ficamos, às vezes, reféns de uma (suposta) alegria causada por um bônus salarial, sem entender que isso significou que trabalhamos muito mais por um valor menor de nossa hora/trabalhada (a força de trabalho). Para as autoras ainda,

(...) podemos ser enredados numa trama da afetação. De modo inverso, quando a afecção pode ser clara e distintamente conhecida – em suas ideias e causas –, experimentamos a alegria e sentimos nossa potência aumentando em direção a uma maior autonomia. Ganhamos um bônus no nosso salário, conhecemos melhor o mecanismo de exploração que subjaz o aumento conseguido e podemos, até mesmo, promover uma reavaliação coletiva mais justa dos modos de composição das horas trabalhadas na empresa (Sawaia, Magiolino & Silva, 2022, p. 101).

Essa perspectiva ganha força ao compreendermos o que Espinosa nos diz ao afirmar que todas as pessoas podem lutar por sua própria servidão, ilusoriamente julgando que estão agindo em busca da liberdade. Essa ideia de transição de um estado afetivo para outro, uma variação afetiva, é central no conceito de afecção espinosana. Isso servirá como base para fundamentar a teoria histórico-psicológica das emoções, entendida como um processo complexo que, de acordo com Magiolino (2010), conforme citado por Sawaia, Magiolino e Silva (2022), refere-se a uma transformação que se estabelece em uma relação sistêmica e interfuncional, unindo ideia e afeto, corpo e mente.

Nossos afetos operam em um sistema complexo juntamente com nossos conceitos, e aqueles que não compreendem que os ciúmes de uma pessoa, influenciados pelos conceitos maometanos (derivados da religião islâmica) sobre a fidelidade da mulher, diferem dos ciúmes de outra pessoa que está inserida em um sistema de conceitos opostos sobre o mesmo assunto, não entendem que esses sentimentos são moldados pela história e de fato se transformam em meios ideológicos e psicológicos distintos, embora ainda haja um elemento biológico subjacente que dá origem a essa emoção. Portanto, Vigotski (1930/1991) descreve que as emoções complexas surgem apenas historicamente e resultam da combinação de relações que emergem como resultado da vida histórica, uma combinação que ocorre no decorrer do processo evolutivo das emoções (Sawaia, Magiolino & Silva, 2022, p. 101).

Destarte, para compreendermos a complexidade do funcionamento das emoções, levando em conta a dinâmica dos encontros e das afecções (das relações sociais, conforme Vigotski), adotaremos para a escrita desta dissertação o viés da perspectiva sócio-histórica, entendendo que, para a pessoa humana sentir, ser afetada, ela necessita estar em contato com o meio social e histórico.

Para Lane (2006), a perspectiva sócio-histórica se processa, antes de tudo, pela linguagem, através de sentido e significado atribuído por um grupo social, que determinam: visão de mundo, sistema de valores e, consequentemente, sentimentos e emoções (Lane, 2006). Logo, as emoções são compreendidas na perspectiva sócio-histórica, segundo Souza (2020), como:

(...) respostas do organismo e são também influenciadas social e historicamente, pois a história é um contínuo transcorrente que leva a sociedade a transformações essencialmente qualitativas, e cabe à Psicologia Social compreender o homem em seu processo histórico, principalmente como ele se transforma, bem como transforma a sociedade em que vive (Souza, 2020, p. 29).

Assim, a formação da estrutura psíquica é entendida como influenciada pelo meio social em um contexto histórico específico, dando origem à estrutura psicossocial, que é crucial para compreender os fenômenos que causam sofrimento nos indivíduos, como desigualdade, opressão social e violência, elementos intrinsecamente ligados às bases produtivas, econômicas e políticas da sociedade capitalista (Sawaia & Silva, 2018).

Nessa ótica, para Sawaia e Silva (2018), é essencial compreendermos as pessoas em sua totalidade: como pensam, sentem, agem e vivem. As autoras ressaltam a importância de considerar a dimensão afetiva ao abordar questões sociais, acreditando que a psicologia social pode oferecer insights valiosos para estudos, planejamentos e tecnologias sociais destinadas a combater a desigualdade. Enfatizam que a vida emocional não é apenas uma característica individual, mas algo que molda nossa identidade em nossas interações sociais e em diferentes situações que enfrentamos.

No materialismo, a observação desse conceito ocorre na prática social ou práxis, a qual é carregada de historicidade, em que o ser é visto em sua totalidade: corpo, mente, razão, emoção, constituído e constituinte na (e da) objetividade social, entendendo que sua análise é indispensável na pesquisa/intervenção dos problemas sociais em uma realidade que envolve o ambiente e a pessoa (Catão, 2015).

Tal vertente nos leva a refletir sobre a totalidade e singularidade do ser, estabelecidas na dialética das relações das partes com o todo, num processo que preconiza reconstrução, historicidade, forma ontológica de existência do ser social, produção e reprodução da vida humana mediada pelo trabalho, meio pelo qual o ser pode transformar sua realidade.

Para Vigotski (1996), “o afeto é o alfa e o ômega, o primeiro e o último elo, o prólogo e o epílogo do desenvolvimento psíquico.” Nas relações sociais, ele surge de uma combinação de interações sociais, influências culturais, experiências individuais vividas pela consciência e pela linguagem/pelo signo, que, de acordo com Marx e Engels, vem a ser a consciência real, prática, que existe para outras pessoas e que, portanto, também existe para mim (Marx & Engels, 1845-1846/2007).

Os afetos são as próprias formas de relações, são constitutivos da experiência humana, estando intrinsecamente ligados à maneira como as pessoas se relacionam consigo mesmas, com os outros e com o mundo a seu redor, influenciando diretamente o desenvolvimento da consciência. Simultaneamente, as interações sociais fornecem o contexto necessário para que essas experiências afetivas sejam internalizadas e transformadas em processos cognitivos. Assim, ao considerarmos que a consciência é permeada por subjetividade, a qual se expressam os afetos, entendemos que, na perspectiva sócio-histórica, tanto a subjetividade quanto as emoções são, portanto, históricas, socialmente situadas e estão continuamente em processo de formação e transformação.

Para Lukács (1923), a subjetividade não pode ser compreendida isoladamente das condições materiais e sociais que as moldam. Segundo o autor, é através da práxis revolucionária e da formação de uma consciência de classe que a subjetividade pode ser transformada, permitindo a superação das condições de opressão e exploração. Essa perspectiva oferece uma visão crítica e dinâmica da subjetividade, integrando a teoria marxista com uma compreensão profunda das condições humanas (Lukács, 1923).

É fundamental destacarmos que a consciência, nesse sentido, não se limita a uma simples internalização do mundo externo. Quando um indivíduo "toma consciência", ele também projeta reflexões sobre a sociedade, mediadas pelas diversas relações que desenvolve ao longo de sua vida. Portanto, não devemos entender a consciência apenas como algo subjetivo ou como uma mera internalização do mundo objetivo, mas sim como uma síntese das interações estabelecidas entre o/a indivíduo/a e a sociedade. Sob essa ótica, a consciência não é puramente individual nem exclusivamente subjetiva, uma vez que os indivíduos estabelecem, durante o processo de formação da consciência, relações com o mundo externo (Cisne, 2018, p. 47).

Frente a esses fatores, comprehende-se que a consciência de uma pessoa é formada não apenas por suas experiências internas, mas também pelas relações afetivas que ela estabelece com o mundo externo e as pessoas ao seu redor. A formação dessa consciência e do ser social ocorre na intersecção entre o afeto e a mediação social, onde o/a indivíduo/a internaliza as experiências externas e, através dessas interações, constrói uma consciência que é ao mesmo tempo individual e coletiva, subjetiva e socialmente determinada.

E, no caso de mulheres migrantes e refugiadas, essa percepção ocorre através da atividade, conforme Vigotski (1924-1934), por meio da mediação entre sujeito-objeto-cultura, sendo sentida através da vulnerabilidade e opressão do mundo patriarcal-racista-capitalista. A capacidade dessas mulheres de resistir e enfrentar essas condições é moldada tanto pelas

afecções que experimentam (como medo, tristeza e esperança) quanto pelas interações sociais que estabelecem em seus novos locais de destino. A troca de experiências com outras mulheres e a construção coletiva de significado desempenham um papel crucial nesse processo, oferecendo apoio e fortalecendo a capacidade de resistência.

CAPÍTULO II

MIGRAÇÃO E REFÚGIO DE MULHERES: DESAFIOS E CONTRADIÇÕES DA CONTEMPORANEIDADE NO CAMPO DOS AFETOS E AFECÇÕES

2.1. Fluxos Migratórios Contemporâneos: a consideração da categoria historicidade e totalidade

*“Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar/
O mundo é diferente da ponte pra cá”
(Racionais MC's, 2002)*

Iniciar a escrita deste capítulo diante do inefável verso do grupo Racionais MC's tem o objetivo de instigar o leitor a refletir sobre a poderosa e atemporal crítica social que essas palavras têm na história da cultura brasileira. Mesmo que, na época (2002), o intuito do grupo fosse abordar questões profundas e complexas que afetam as comunidades marginalizadas no Brasil, a história se repete até os dias atuais. Da mesma forma, a crise humanitária migratória contemporânea reflete as desigualdades sociais e econômicas que empurram milhões de pessoas para fora de seus países de origem em busca de melhores condições de vida. Neste sentido, refletir que “O mundo é diferente da ponte pra cá” nos faz pensar sobre a responsabilidade do Estado e da sociedade na criação de políticas públicas que abordem as causas subjacentes da migração forçada e forneçam apoio adequado aos migrantes e refugiados que chegam ao país em busca de ajuda para um recomeço.

Diante disso, arrisco-me a conduzir o verso em questão, direcionando-o como disparador das discussões sobre as questões migratórias e de refúgio na contemporaneidade. Assim como os personagens retratados na música que enfrentam obstáculos e desafios para sobreviver em um mundo hostil, os migrantes e refugiados enfrentam jornadas perigosas e muitas vezes desumanas em busca de segurança e oportunidades em novos países.

Frente a esses fatores, observa-se que a migração tem sido parte integrante do processo vital dos seres vivos ao longo da história, especialmente para os seres humanos. Ela está relacionada a um processo complexo, multidimensional e multicausal que tem se intensificado nas últimas décadas, abordando aspectos subjetivos e objetivos dos indivíduos,

como a busca pela satisfação de necessidades, a motivação para explorar o novo e o enfrentamento de vulnerabilidades e violências, entre outros.

Destarte, na contemporaneidade, a migração apresenta diferenças em relação aos processos migratórios do passado, com destaque para a intensificação, nas últimas décadas, dos deslocamentos humanos forçados, constituindo-se assim num desafio global.

Assim, é necessário que a reflexão sobre o processo migratório implique na busca pela compreensão da totalidade da realidade social, enquanto categoria dialética dessa, já que todos nós estamos de certa forma vinculados uns aos outros, e as condições globais atuais impactam todas as pessoas, mas, ao mesmo tempo, não se pode deixar de buscar o entendimento pela particularidade e singularidade da questão, porque todos somos seres sociais com nossas especificidades de vida, nossa própria constituição, nossa própria subjetividade e nossa própria história de vida.

Marx e Lukács (1979) também argumentam que, para fazer uma leitura completa da realidade social, é necessário entender a totalidade³ do ser social em sua complexidade histórica da vida contemporânea, mas sem perder de vista a particularidade, enquanto categoria central em sua relação dialética com a singularidade, premissa do ser humano, e a universalidade. Para os autores, ainda é necessário um olhar para as particularidades da mediação, das vivências e das histórias que são sentidas/vividas somente pela pessoa na concreticidade da vida material, em suas contradições da realidade social presente em determinado tempo histórico.

Para Cavalcante, Ferreira e Mourão (2018), o conceito de migração constitui-se como polissêmico, ou seja, representa uma multiplicidade de formas, significados e contextos. Denota a ideia de movimentos, deslocamentos, em que “[...] a pessoa descobre, explora, partilha, constrói, nomeia o espaço vivido” (Cavalcante, Ferreira & Mourão, 2018, p. 142).

³ A categoria **totalidade** comprehende a realidade em suas íntimas leis e revela, sob a superfície e a casualidade dos fenômenos, as conexões internas e necessárias. Coloca-se, assim, em antítese à posição do empirismo (Kosik, 2011, p. 41).

Em um contexto social e histórico, a migração humana constitui um meio de transição da sociedade tradicional para a moderna. Segundo Brito (2009), o processo histórico da mobilização social dos migrantes, na sociedade moderna, é o que vem a definir o termo (migração) e o faz representar uma ação que se estende desde o lugar de origem da pessoa humana até a integração deste ao lugar de destino. Para o autor, essa integração é tratada geograficamente como uma força de transformação espacial que constituiu a formação das sociedades modernas da atualidade.

Frente a esses fatores, comprehende-se que os movimentos migratórios e de refúgio contemporâneos apresentam diversas facetas e são resultados do sistema capitalista que, em meio às crises globais e às profundas disparidades, exclui populações vulneráveis de seus locais de residência.

Dentro desse viés, a migração e o refúgio têm sido temas amplamente debatidos na contemporaneidade no mundo ocidental capitalista, especialmente devido aos esforços em busca de soluções para esses problemas, os quais ainda não foram plenamente encontrados (Almeida, 2017).

De acordo com o Relatório Anual de 2023 do Observatório das Migrações Internacionais – OBMIGRA, a tipologia de situação de residência no Brasil ocorre sendo classificada como “migrantes de longo tempo”, que, via de regra, são aquelas pessoas que permanecem no país por 12 meses ou mais, ao passo que os migrantes temporários possuem expectativas de presença no Brasil inferior a esse período de tempo (OBMIGRA, 2023).

Dados como esses, que são organizados pelo Observatório, são necessários pois organizam fluxos de entrada e permanência no país. Em vista disso, no ano de 2013, a Polícia Federal recebeu 105.094 pedidos de residência, dos quais 67.535 eram de longo prazo e 37.559 temporários. Uma década depois, em 2023, o número de solicitações de residência aumentou para 1,2 milhão, mais de dez vezes o volume inicial registrado. Notavelmente, a proporção de

migrantes de longo prazo aumentou de 64,2% para 80,8% durante esse período. Isso sugere que o Brasil se tornou um destino preferido para essas pessoas estabelecerem residência em seu projeto migratório.

Um desses fatores reflete as mudanças legais pelas quais o país vem passando nos últimos tempos, como a Lei nº 13.445/2017 (Lei da Migração), que dispõe sobre os direitos e deveres dos emigrantes⁴ e dos visitantes, regula a entrada e estadia no país, como também estabelece princípios e diretrizes de políticas públicas para os emigrantes. A Lei representa um marco importante na legislação migratória brasileira, revogando o antigo Estatuto do Estrangeiro (Lei 6.185/1980), que tratava os migrantes como questão de segurança nacional, não de direitos humanos. Essa conquista se deve a uma incansável luta dos movimentos sociais pela defesa dos migrantes e refugiados na inserção na sociedade brasileira.

Diante da criação do marco legal, buscou-se mudar o paradigma da segurança nacional para os direitos humanos, substituindo a palavra “estrangeiro” por “migrante”. A palavra estrangeiro designa uma conotação permeada de preconceito e estigmas, e a mudança de paradigma propõe uma nova percepção do migrante internacional, buscando o acolhimento e a inserção daqueles que chegam ao Brasil. A partir dessa mudança, o país não apenas entrou em uma rota de reversão de sua orientação restritiva, como também sinalizou o interesse de aproximação e conexão às diretrizes dos direitos humanos no trato da questão migratória. Além disso, o Brasil tem sido signatário de tratados internacionais de direitos humanos e refugiados, o que influenciou a orientação e o desenvolvimento de políticas direcionadas aos direitos dos migrantes.

A instituição da Lei da Migração no Brasil em 2017 foi considerada um grande avanço no país e, inclusive, pode-se considerar na América Latina⁵, abrindo suas portas para a recepção

⁴ Pessoas que saem de seus países de origem. Emigrar é o ato de sair de seu país para viver em outro.

⁵ O Brasil ainda é o único país na América Latina que possui uma Lei Migratória que favorece o recebimento de migrantes e refugiados.

de migrantes, refugiados e apátridas. Para Lussi (2015), estas não são somente as políticas que respondem à questão sobre quem pode ou não entrar no Brasil e em quais condições. A política migratória inclui também toda a preocupação para que a população migrante que escolheu o Brasil para viver tenha acesso às políticas públicas universais, pensadas e implementadas no país, além de ações, programas e políticas que enfrentam os desafios específicos da população migrante/refugiada.

Nesse sentido, considera-se que, durante a década de 2010, especialmente entre os anos de 2011 e 2019, ocorreram mudanças significativas na maneira como o refúgio é tratado no país, incluindo um aumento notável no número de pedidos de reconhecimento da condição de refugiado, conforme documentado pela Polícia Federal (Silva, Cavalcanti, Oliveira & Macedo, 2020).

De acordo com Almeida (2017), “Refugiado” é a pessoa que, por razão de conflitos, guerras ou opinião política, sofre perseguições, as mais diversas, e que, por essas razões, não tem como retornar a seu país de origem. Por este motivo, falar de refúgio é discutir um dos mais reais problemas sociais que o mundo contemporâneo vem enfrentando na atualidade (Almeida, 2017).

Guerras, perseguições, conflitos, fenômenos climáticos extremos, violências e outras formas de violação dos direitos humanos estão entre as principais razões para os deslocamentos forçados de pessoas, os quais têm se tornado mais frequentes na atualidade. Isso também reflete o desenvolvimento do capitalismo e suas disparidades globais, já que, ao mesmo tempo em que o capital se expande pelo mundo, são criadas condições propícias para o surgimento de crises em várias dimensões.

Segundo Araújo (2021), o número de migrantes e refugiados internacionais tem aumentado consideravelmente no decorrer dos anos. É necessário, desse modo, compreender

que migração e refúgio são elementos da formação econômica e social de um país e estabelecem relações com o sistema capitalista de produção (Araújo, 2021).

A autora relata ainda que, na década de 90, o número de deslocamentos humanos em um contexto global chegou a um patamar de 153 milhões de migrantes internacionais. Vinte e nove anos depois, em 2019, esse número obteve uma crescente, passando para 271,6 milhões de deslocamentos humanos, revelando um crescimento de aproximadamente 80% nesse espaço de tempo. Ainda de acordo com a autora, os Estados Unidos conservam o índice de país com maior concentração migratória no mundo, com aproximadamente 50,7 milhões de migrantes em território, índice seguido da Alemanha e Arábia Saudita, com 13,1 milhões cada (Araújo, apud Migration Data Portal, 2020).

No que se refere à categoria de refúgio, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR (2021) aponta que, até o fim de 2019, foram 79,5 milhões de pessoas forçadas a se deslocar pelo mundo. Número este que cresceu consideravelmente em virtude da pandemia da Covid-19 (2020), crise econômica mundial, e a guerra que atualmente assola os países como Israel e Gaza, Rússia e Ucrânia, e os conflitos armados de grande escala em Burkina Faso, Somália, Sudão, Iêmen, Mianmar, Nigéria e Síria (Senra, 2023).

Dados mais recentes, conforme o Relatório Tendências Globais do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), demonstram que, em 2024, o número de refugiados e outras pessoas necessitando de proteção internacional alcançou 43,4 milhões, marcando um aumento de 8% em relação ao ano anterior. Destes, 31,6 milhões são refugiados sob o mandato do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), enquanto 5,8 milhões são categorizados como outras pessoas necessitando de proteção internacional. Adicionalmente, 6 milhões de refugiados palestinos estão sob o mandato da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo (UNRWA).

O mesmo relatório demonstra ainda que o número de pessoas deslocadas internamente também aumentou significativamente, atingindo 68,3 milhões, em comparação com 62,5 milhões em 2022, o que representa um crescimento de 9,3% em um ano e de 49% ao longo de cinco anos. Retrata que, além disso, há 6,9 milhões de solicitantes de asilo. Entre as 117 milhões de pessoas deslocadas à força globalmente, aproximadamente 40%, ou cerca de 47 milhões, são crianças (ACNUR, 2024).

Diante disso, é crucial observar que o fenômeno dos deslocamentos humanos não se limita simplesmente à transferência de pessoas de um local para outro, mas representa um processo complexo, intenso e diversificado. Na contemporaneidade, esse fenômeno adquire uma configuração ainda mais imbricada do que no passado, sendo uma consequência direta do capitalismo contemporâneo.

Sob essa perspectiva, é possível destacar que os deslocamentos humanos atuais são complexos e resultam de uma interação de diversos fatores, refletindo singularidades e diversidades materiais que afetam as famílias obrigadas a migrar devido a diversas circunstâncias. Diante desse cenário, os deslocamentos forçados atuais evidenciam contextos de desigualdade social e o sofrimento enfrentado por milhões de indivíduos que fogem de condições extremas e diversas formas de vulnerabilidade.

As estimativas atuais apontam que existem 272 milhões de migrantes internacionais no mundo, o equivalente a 3,5% da população mundial, com acentuado aumento nas últimas décadas. Em 1970, a população migrante internacional era de 84 milhões de pessoas (2,3% da população mundial), em 1990 era de 153 milhões (2,9%) e em 2010 passou para 220 milhões de pessoas (3,2%). Na atualidade, o último relatório da Agência da ONU para Migrações (2024) destaca que existem aproximadamente 281 milhões de migrantes internacionais em todo o mundo. O dado exorbitante destaca que o número cresceu exponencialmente devido a conflitos, violência, desastres e outros motivos, alcançando os maiores níveis registrados nos últimos

tempos, chegando a 117 milhões de pessoas, o que acentua, segundo o órgão, a necessidade de se abordar, o quanto antes, a crise de deslocamento (OIM, 2024).

De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR (ACNUR, 2024), mais de 114 milhões de pessoas em todo o mundo foram obrigadas a abandonar suas residências. Desse número, 36,4 milhões de pessoas são refugiados, 4,4 milhões sendo apátridas que buscaram residência em outros países. Estima-se ainda que mais de uma pessoa em cada 73 no planeta tenha sido forçada a se deslocar nos últimos anos (ACNUR, 2024).

Os fluxos migratórios associados a esses deslocamentos considerados forçados não se limitam apenas aos refugiados, mas também incluem muitos migrantes que nem sempre se deslocam espontaneamente ou por vontade própria, mas sim por necessidades, buscando melhores condições de vida e até mesmo de sobrevivência.

Diante disso, comprehende-se que os movimentos migratórios e de refúgio se configuram de maneira dialética como manifestações do desenvolvimento capitalista e de suas disparidades globais. Isso ocorre porque, simultaneamente à expansão do capital em escala mundial, são geradas condições propícias para o surgimento de crises econômicas, sanitárias, ambientais e outras, especialmente diante dos contínuos conflitos e guerras decorrentes da instabilidade política e econômica dos países em desenvolvimento.

Segundo Mészáros (2021), na conjuntura atual, este momento é expresso por uma profunda e agudizada crise estrutural que atinge todas as dimensões da vida humana – econômica, política, social, ambiental, educativa, jurídica, cultural, pessoal – entre outras, cuja tônica é o sistema sócio metabólico do capital⁶. Esse sistema, por sua vez, possui como pilares

⁶ Segundo István Mészáros, o sistema sócio-metabólico do capital refere-se à maneira como o capitalismo organiza e regula as relações sociais, econômicas e ecológicas, de forma que a reprodução do capital se torna o centro da vida social. Mészáros argumenta que o capitalismo não é apenas um sistema econômico, mas um modo de organização da sociedade que penetra profundamente nas estruturas sociais, culturais e ambientais, estabelecendo um "metabolismo social" que opera segundo as exigências da acumulação de capital (Mészáros, 2021).

o trabalho (que funda a sociedade capitalista) e o Estado, este último mantenedor e constituinte vital desse conjunto de interrelações (Mészáros, 2021).

No cenário nacional, tem-se observado, nas últimas décadas, deslocamentos populacionais mais intensos provindos de países como a Venezuela, Haiti, Colômbia, Argentina e outros, em que as fronteiras passam a ser ponto estratégico de chegada, passagem e permanência dessas populações (Quadros, Carissimi & Almeida, 2023). Entre 2011 e 2021, o país registrou o número de 1,4 milhão de migrantes espalhados em diferentes regiões, segundo dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA, 2023).

Assim, os deslocamentos atuais têm adquirido novos formatos e novas configurações. Os fluxos migratórios têm se intensificado entre os países do hemisfério sul, conforme aponta o último Relatório Anual do Observatório das Migrações (OBMIGRA), ou seja, no sentido Sul-Sul, diferentemente do que ocorria até o final do século passado, diante do protagonismo de pessoas originárias da Venezuela, da Bolívia e do Haiti (Cavalcanti, 2023, p. 8).

Por sua vez, as reconfigurações dos fluxos migratórios, a questão do sexo também tem ganhado uma maior notoriedade no campo das ciências e das políticas na atualidade, devido ao aumento do número de mulheres migrantes e refugiadas que passam a ser vistas e reconhecidas como participantes ativas e protagonistas de suas histórias.

Dentro desse viés, a migração de mulheres emerge como um fenômeno imbricado que ultrapassa fronteiras geográficas e culturais, refletindo não apenas deslocamentos físicos, mas também sociais e identitários.

Para compreendermos essa realidade multifacetada, é imperativo adotarmos marcadores que reconheçam e incorporem as diversas dimensões que atravessam os processos identitários, tais como sexo, raça, classe social, etnia, nacionalidade e orientação sexual. Pois essas questões estão profundamente interligadas no cenário do capitalismo contemporâneo, principalmente no que diz respeito às desigualdades, violência e exploração. Visto que, diante

da globalização, a atuação do capitalismo impacta significativamente na forma como as pessoas expericiam os processos migratórios e de refúgio, assim como as relações patriarcais de sexo desempenham um papel importante nesse contexto, conforme pode-se ver a seguir.

2.2. Relações patriarcais de sexo, migração e refúgio no cenário do capitalismo contemporâneo: totalidade, contradições e mediações no campo dos afetos

Ao longo da história, a construção epistemológica sobre gênero enfrentou grandes desafios no campo científico, sendo elaborada de forma colaborativa por teóricas feministas a partir da metade da década de 80, durante o auge dos movimentos feministas, em que as discussões sobre os conceitos de "patriarcado" e "sexo" também se destacavam (Silva, 2019).

De acordo com Colling e Tedeschi (2019), a necessidade de discutir o conceito de gênero surgiu da fragilidade com que os termos "mulher" e "mulheres" eram tratados no cenário político contemporâneo, uma vez que estavam diretamente ligados a uma legitimidade baseada no corpo biológico.

Linda Nicholson (2000), autora feminista americana, rememora que historicamente o conceito de gênero já estava em debate desde o final da década de 40, quando Simone de Beauvoir publicou o livro *O Segundo Sexo* (1949), proferindo a frase icônica que ecoa até a atualidade: "não se nasce mulher, torna-se". Linda relata que, mesmo sem usar explicitamente o termo "gênero", Beauvoir sugeriu que o sexo biológico não determina necessariamente a identificação da pessoa com seu gênero. Em vez disso, argumentou que a identidade de gênero é moldada ao longo da vida por meio de interações sociais, normas culturais e expectativas sociais (Colling & Tedeschi, 2019).

Frente a esses fatores, e reconhecendo a necessidade de promover novas mudanças epistemológicas que abordassem a categoria de "gênero" excluindo o viés biologicista, e

considerando a pessoa humana e a formação da identidade a partir das relações sociais e de poder que são social e culturalmente construídas, algumas autoras, como Joana Maria Pedro e Maria Lygia Quartim de Moraes, adotaram as formulações de Robert Stoller. Este propôs "a adoção de uma categoria que distinguia entre a pertinência anatômica (sexo) e a pertinência a uma identidade social ou psicológica (gênero)". Segundo Moraes (2000), o objetivo das autoras era retratar que o sentimento de ser mulher ou homem é mais relevante, em termos de identidade sexual, do que as características anatômicas (Colling & Tedeschi, 2019).

Diante desses aspectos, verifica-se que, apesar das divergências teóricas entre algumas estudiosas, o conceito de gênero adquiriu uma relevância que ultrapassou o âmbito político contemporâneo, incentivando uma gama variada de pesquisas históricas e reformulando a concepção de pessoa humana e da ideia de mulher como uma perspectiva política, alinhada às demandas do feminismo como movimento social.

A esses fatores, tem-se observado que, atualmente, a cultura feminista desempenha um papel crucial na construção da identidade de gênero, exercendo uma influência significativa sobre diversas instituições sociais com as quais as mulheres se relacionam.

Para Silva (2019), “os feminismos mostram-se como movimento libertário que busca a autonomia dos corpos femininos, acesso à saúde, emprego, educação e inserção na esfera pública e política.” No Brasil, o movimento ganhou força no fim do século XIX, época em que acontecia o movimento sufragista ⁷na Inglaterra. Segundo a autora, além da reivindicação do direito ao voto, destacou-se também o movimento das operárias de ideologia anarquista em 1917, que se organizaram na “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”, redigindo

⁷ O movimento sufragista britânico constituía-se como um grupo diverso e dinâmico, englobando diferentes indivíduos e abordagens de ação. A NUWSS (National Union of Women's Suffrage Societies), conforme abordado, realizava sua campanha por meio de métodos pacíficos e já consolidados, como petições, lobby, marchas e reuniões públicas, além da disseminação de informações sobre o movimento e sua importância em jornais, panfletos e folhetos. Os participantes dessa União eram conhecidos inicialmente como women's rightists e, posteriormente, como suffragists, termos que, em português, referem-se às pessoas sufragistas (British Library, 2018a; Crawford, 2021).

o manifesto que dizia: “Se refletirdes um momento, vereis quão dolorosa é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente amesquinhadas por seres repelentes” (Silva, 2019, apud Pinto, 2003, p. 35).

Na área científica, a evolução do conhecimento teórico-acadêmico sobre gênero teve sua gênese nos movimentos feministas que visavam compreender não apenas as estruturas que subjuguavam as mulheres, mas também as raízes e dinâmicas de poder inerentes às instituições e estruturas sociais. Nesse contexto, as epistemologias feministas foram fortemente moldadas pela vivência e experiência sob a perspectiva das mulheres (Silva, 2019).

A partir dos anos 1990, os feminismos, em suas múltiplas expressões e abordagens, trouxeram um novo ímpeto às pesquisas, centrando-se em símbolos e instituições e explorando as performances individuais e coletivas na sociedade. Nesse período, as teorias sobre gênero começaram a ganhar destaque, especialmente na autoria de Judith Butler, Donna Haraway e Kimberlé Crenshaw, que obteve destaque científico diante suas pesquisas acerca da interseccionalidade, um conceito que examina como as discriminações raciais, de gênero e de classe se entrelaçam, impedindo principalmente as mulheres negras de superar as opressões e alcançar a igualdade (Silva, 2019).

Esse conceito se conecta às discussões sobre a temática da migração feminina e de refúgio, pois descrevem categorias imbricadas que estão profundamente interligadas ao cenário do capitalismo contemporâneo, no qual as dimensões dos processos identitários na vertente do feminismo marxista, onde (sexo, classe, nacionalidade e raça) se relacionam às desigualdades sociais, violência e exploração que estão sobrepostas na totalidade e contradição da atuação do capitalismo no globo, principalmente no que diz respeito à forma como essas mulheres expericiam o ato migratório e de refúgio em seus deslocamentos.

Atualmente, vivencia-se o que se considera como o feminismo contemporâneo em suas múltiplas expressões e abordagens, na qual os estudos científicos e os movimentos feministas

aproximam-se do Estado, resultando em avanços nos direitos das mulheres. Essa nova fase tem reconhecido que a pessoa humana moderna universal não é de fato universal, pois é baseada no modelo normativo eurocêntrico masculino representado pelo homem branco, heterossexual e cisgênero⁸, excluindo as mulheres da possibilidade de se emanciparem, principalmente pela imposição de padrões de beleza e comportamento, pela estrutura social patriarcal e pela invisibilização das experiências femininas (Silva, 2019).

Por intermédio disso, faz-se necessário adotarmos para essa discussão um referencial teórico ético-político que discuta o conceito de gênero pelo viés do feminismo marxista, no qual a categoria “gênero” é observada/discutida através das relações sociais, como aquela que envolve antagonismos, exploração e conflito de uma classe sob a outra, sendo assim, este conceito está diretamente ligado às desigualdades das relações estruturais do campo do trabalho.

O trabalho é o fundamento da existência humana. Na teoria marxista, é pelo trabalho que a pessoa humana transforma a natureza e cria a si mesma. Diferentemente dos animais, os seres sociais têm consciência de sua atividade e definem finalidades, bem como são capazes de projetá-la, idealizá-la.

Entendemos assim que, da mesma forma que há a divisão de classe no trabalho, há também uma divisão de sexo, raça e nacionalidade. Frente a esses fatores, neste texto, ao discutirmos “gênero”, adotaremos o termo: “relações sociais de sexo” ou “relações patriarcais de sexo”, conforme Mirla Cisne descreve em seu livro Feminismo e Consciência de Classe no Brasil, pois muitas vezes o termo “gênero” eufemiza as desigualdades entre os sexos, ocultando a pessoa que precisa ser viabilizada, que são as mulheres em toda sua diversidade, esvaziando o sentido político do feminismo como luta política (Cisne, 2018).

⁸ Termo usado para descrever uma pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento.

Nesse contexto, percebe-se que, ao longo da história, o modelo de pessoa humana vem sendo constantemente redefinido devido ao modelo patriarcal. Segundo Fonseca (2010), ao longo da história, a identidade também foi moldada em uma dinâmica de subordinação em relação ao sexo masculino. Em concordância com essa perspectiva, Iop (2009) argumenta que a formação do Estado, da propriedade privada e da família consanguínea solidificou o patriarcado, resultando em impactos significativos na posição das mulheres dentro do grupo social.

Desse modo, considera-se, conforme aponta bell hooks (1981), que o patriarcado foi reconfigurado para atender às exigências do capitalismo. Para a autora, o “patriarcado é o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não sendo apenas um privilégio das classes altas e médias dos homens brancos, mas um privilégio de todos os homens sem olhar a classe, raça ou nacionalidade” (hooks, 1981).

Em consonância com hooks, Iop (2009) dialoga que a história do patriarcado ocorre desde a antiguidade, no qual tanto o escravo quanto a mulher eram vistos como meros instrumentos de trabalho e reprodução da força de trabalho, respectivamente. Para a autora, essa dinâmica caracteriza o tipo de família que prevaleceu na civilização, até os tempos atuais, marcada pelo domínio masculino sobre a mulher, sendo esta família considerada a unidade econômica da sociedade (Iop, 2009).

Diante disso, percebe-se que essa condição não foi eliminada com o tempo, pois a sociedade continuou a fortalecer a ideia de propriedade privada, afastando-se conscientemente das possíveis alternativas para uma sociedade na qual a propriedade privada perdesse sua razão de existir. O que reforçou a legitimação da opressão e violência contra as mulheres no capitalismo, partindo de uma lógica patriarcal.

Para Silvia Federici (2019),

(...) Marx nunca poderia ter suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação humana se tivesse olhado sua história do ponto de vista das mulheres. Essa

história ensina que, mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão. (Federici, 2019)

Para a autora, pesquisar/escrever sobre mulheres significa não somente retratar uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma especial de recontar a história das relações sociais no modo de produção capitalista.

O feminismo marxista contemporâneo enfatiza a importância fundamental para a compreensão do capitalismo e suas manifestações atuais. Autoras como Lise Vogel, Ângela Davis, Silvia Federici, Heleith Saffioti, Nancy Fraser, Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya destacam que as teorias marxistas tradicionais sobre trabalho, exploração e acumulação primitiva precisam ser reavaliadas. Suas análises sobre reprodução social evidenciam como a esfera doméstica, a sexualidade e as relações sociais são moldadas pelas exigências do capitalismo.

Essas autoras argumentam que a invisibilidade do trabalho reprodutivo está intrinsecamente ligada a processos de sexo, raça e classe, que operam tanto em âmbito local quanto global. Suas reflexões representam uma nova abordagem no marxismo e na teoria social, constituindo uma contribuição original e relevante para o pensamento crítico contemporâneo.

De acordo com Muraro (1992), a dominação masculina tem se consolidado gradualmente desde a divisão do trabalho e o surgimento da família primitiva. Para Marx e Engels em A Ideologia Alemã (2001), a divisão do trabalho na sociedade capitalista intensificou o processo de opressão de mulheres e crianças, nos quais as mulheres foram subjugadas e relegadas a um papel secundário na sociedade. Isso ocorre porque o homem, como chefe da família, detém o controle dos meios de produção e, consequentemente, da vida doméstica e social das mulheres.

Em decorrência disso, as funções, participações, domínios, explorações, submissões, opressões, autonomias, emancipações e liberdades de mulheres ao longo da história são mais bem compreendidos quando consideramos o contexto do modelo econômico predominante em cada período (Iop, 2009).

Na contemporaneidade, o contexto da migração e do refúgio de mulheres adquire uma configuração ainda mais complexa e multifacetada do que no passado, sendo uma consequência direta do capitalismo, principalmente no que diz respeito aos deslocamentos forçados, evidenciando cenários de desigualdade social e de sofrimento enfrentado por milhões de indivíduos que fogem de condições extremas e de diversas formas de vulnerabilidades, principalmente se consideradas as experiências específicas de mulheres negras, indígenas, lésbicas, transgênero, queers e não-binárias dentro do contexto do refúgio. Essas pessoas enfrentam múltiplas formas de violência e exclusão, tanto nos países de origem quanto nos locais a que são acolhidas.

Diante disso, entendemos que esses elementos no movimento migratório e de refúgio têm se constituído como sendo a representação da expressão do desenvolvimento capitalista e de suas desigualdades pelo mundo, pois, ao mesmo tempo em que ocorre a expansão do capital a nível mundial, criam-se condições favoráveis para o aumento de crises sociais, econômicas, sanitárias, ambientais, sobretudo diante aos incessantes conflitos e guerras causados pela instabilidade política e econômica dos países em desenvolvimento, com reflexos profundos sobre a vida das mulheres.

Com base nas considerações de Moraes (2021), ressaltamos a importância da análise ontológica da mulher migrante/refugiada na sociedade capitalista, sob uma perspectiva de totalidade. Considerando que o processo de migração está intrinsecamente ligado à realidade em que essas mulheres muitas vezes se veem obrigadas a enfrentar trabalhos exaustivos, lidando com múltiplas jornadas de trabalho muitas vezes invisibilizadas; que os empregos no setor

público geralmente são precários; que o acesso delas aos serviços sociais é frequentemente limitado devido a dificuldades com documentação e comunicação, entre outros fatores; e que estão mais suscetíveis à xenofobia, preconceito, violência e violações de direitos, entre outros desafios. Essas questões nos remetem às reflexões das quais são fruto da constituição da sociedade capitalista atual, e de como a realidade social é resultado das contradições implícitas nas relações sociais de dominação e poder de forças desiguais.

Também implica compreender que, de forma desigual, a mulher assume papéis que lhe são designados e naturalizados, como a maternidade. As mulheres migrantes raramente deixam de assumir a responsabilidade por seus filhos, seja enviando certa quantia, quando estes ficam no país de origem, seja quando migram juntamente com eles, constituindo-se muitas vezes o seu único amparo, como o são as mães migrantes solo.

Não é raro encontrar mulheres grávidas ou mães solos empreendendo jornadas migratórias solitárias, em busca de melhores condições de vida para si e para seus filhos. Essas mulheres enfrentam uma série de desafios e riscos ao longo do caminho, como a incerteza do futuro, a falta de recursos e a distância da família e dos amigos, demonstrando uma imensa força e resistência. Diante disso, nos questionamos: qual é o preço a ser pago por ser mulher, migrante, refugiada e mãe ao tentar reconstruir sua vida em outro país?

Silvia Federici (2017), em sua obra *Calibã e a Bruxa*, argumenta que o capitalismo se apropria do trabalho reprodutivo das mulheres para garantir a reprodução da força de trabalho. Assim, respondendo à questão anterior, o preço a ser pago por essas mulheres é alto, pois elas enfrentam discriminação baseada no sexo, raça, nacionalidade e classe social. As mulheres migrantes são frequentemente exploradas e relegadas a trabalhos precários e mal remunerados no setor de serviços domésticos e cuidados, perpetuando assim uma lógica de exploração baseada no sexo, quando não são perpetrados o racismo institucional, o qual impede essas

mulheres de acessarem direitos básicos como moradia, cuidado em saúde e educação para seus filhos.

A condição de refúgio agrava ainda mais essa situação, já que muitas vezes essas mulheres são vítimas de xenofobia e violência nos países receptores. A falta de políticas públicas adequadas para acolhimento e integração contribui para sua vulnerabilidade e exclusão social. Elas enfrentam barreiras linguísticas, culturais e burocráticas que dificultam sua inserção no país escolhido (ACNUR, 2016).

Para Marx (2013), os deslocamentos humanos não podem ser desvinculados do movimento do capital, enquanto dimensões do mesmo processo de acumulação capitalista. Em tempos de crise estrutural, há sempre um favorecimento aos movimentos de migrações forçadas, seja em decorrência das condições climáticas, seja por conflitos armados, seja das condições econômicas do país de origem. Se nos determos atentamente às questões contemporâneas motivadoras dos deslocamentos humanos nos dias atuais, estes demonstram que as condições sociais complexas remetem às condições impostas pelo capitalismo hoje.

As mulheres migrantes e refugiadas, provenientes de diferentes contextos e países, encontram-se em posições de extrema vulnerabilidade nos países de destino. O sistema capitalista global, marcado por desigualdades, intensifica as dificuldades enfrentadas por essas mulheres, que muitas vezes são marginalizadas e ocupam um lugar de estranhamento na sociedade de acolhimento.⁹

Como relatado por Davis (2016), a qual descreve como as políticas racistas de controle de fronteiras afetam de maneira desproporcional as mulheres negras e indígenas que buscam refúgio em países desenvolvidos. Elas são frequentemente submetidas a processos de criminalização e violência institucionalizada, tornando-as ainda mais vulneráveis à exploração e discriminação.

⁹ Sociedade de Acolhimento – País de recepção da migrante/refugiada.

Como mães, essas mulheres também carregam o peso da responsabilidade pela criação e sustento de suas famílias, muitas vezes sem o apoio necessário do Estado ou da comunidade. A maternidade torna-se assim mais uma fonte de exploração e opressão, numa sociedade que não valoriza o cuidado com os filhos nem reconhece o trabalho doméstico como parte fundamental da economia, tornando-o constantemente invisibilizado.

Essas conceitualizações variam, claro, em contextos migratórios que têm diferentes relações históricas com o Brasil, e também de acordo com a classe social e, em certos casos, a cor das mulheres (quando fenotipicamente não são percebidas como pardas, mas como negras) (Piscitelli, 2008, p. 269).

Compreender então, esses determinantes que são provenientes do sistema capitalista implica em observar a complexidade da questão migratória que envolve o entendimento da totalidade do mundo atual em suas contradições e ambiguidades, envolvendo processos de racialização, cultura, processos identitários assim articulados com a questão imbricada de classe, sexo, raça, nacionalidade que impõe a essas mulheres um determinado lugar na sociedade.

Por sua vez, este estudo move-se para destacar as resistências que mulheres migrantes e refugiadas enfrentam em resposta ao estranhamento¹⁰ e à alienação da sociedade receptora. Isso evidencia a sua força, determinação e resistência ao confrontar processos que são considerados naturais nas relações de sexo, raça, classe e nacionalidade. Essas resistências se manifestam em suas decisões de migrar, muitas vezes a pé, por meio de caronas ou com o apoio de amigos e familiares, apesar das adversidades como discriminação, preconceito e resistência da sociedade receptora. Nesse contexto, o ato de migrar representa a quebra de estereótipos e suposições sobre o papel das mulheres na sociedade, visto que o deslocamento é motivado

¹⁰ O estranhamento, para Marx, é aquele proveniente do distanciamento do ser social pelo próprio indivíduo, ocorrendo quando este se defronta com outro indivíduo. O estranhamento é sempre um processo decorrente da alienação (Marx, 2013).

muitas vezes pela garantia de melhores condições de vida e direitos para si, seus pares e para a formação de uma nova sociedade mais humana, justa e equitativa.

2.3. Das migrações e refúgio no Mato Grosso do Sul: considerações para o lócus da pesquisa

Localizado na região Centro-Oeste do Brasil, Mato Grosso do Sul (MS) é um estado que concentra cerca de 2,5 milhões de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (IBGE, 2022), sendo o 6º maior do país. O estado é composto por 79 municípios, 44 dos quais fazem fronteira com os dois países vizinhos (Bolívia e Paraguai), proporcionando uma realidade migratória complexa que ocorre pela diversidade de convivência entre moradores fronteiriços em ambos os territórios, o que tem caracterizado o estado e suas fronteiras como tendo uma realidade social, política e econômica singular, visto que, além de ser ponto de passagem, as fronteiras também se estabelecem como local de permanência de migrantes e refugiados ao longo da história (Almeida, 2017).

Dados do último relatório do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA, 2023) demonstraram que, entre os anos de 2011 e 2021, o Brasil recebeu aproximadamente 1,4 milhão de migrantes. Segundo a OBMIGRA (2023), as recentes movimentações populacionais apresentam características distintas em relação ao passado, com um notável aumento nos fluxos migratórios entre nações do hemisfério sul, envolvendo países como a Venezuela, Haiti, Colômbia, Cuba e Argentina. A migração Sul-Sul utiliza as fronteiras brasileiras como ponto de acesso ao território nacional.

De acordo com o mesmo relatório, "a migração Sul-Sul tem se destacado como uma tendência significativa nas últimas décadas, representando uma mudança importante nos padrões tradicionais de movimentos populacionais". Essa nova dinâmica tem impactos não

apenas para os países de origem dos migrantes, mas também para o Brasil enquanto receptor desses fluxos migratórios (OBMIGRA, 2023).

Frente a esses fatores, e devido a um amplo território fronteiriço, o Brasil tem sido destino para um contingente significativo de migrantes nos últimos anos. Esse fenômeno é especialmente observado na região Centro-Oeste e no estado de Mato Grosso do Sul. Cidades como Ponta Porã, Dourados, Corumbá, Porto Murtinho e Mundo Novo são reconhecidas como áreas de chegada e permanência para essas populações, devido à sua localização próxima das fronteiras com o Paraguai e a Bolívia. Mas pode-se apontar que, principalmente, a fronteira Corumbá/Brasil - Puerto Quijarro/Bolívia tem se constituído como porta de entrada para os fluxos migratórios venezuelanos, haitianos, colombianos e, mais recentemente, de cubanos.¹¹

Segundo os estudos de Silva e Serpa (2019), existe certa dinâmica de mobilidade humana nessas cidades advindas da região fronteiriça, particularmente em cidades gêmeas, como a fronteira entre Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil), e na fronteira de Corumbá com a Bolívia, nas quais ocorre o acesso principalmente de migrantes provenientes da América Latina (bolivianos, paraguaios e haitianos) (Silva & Serpa, 2019).

Para os autores, a proximidade com as fronteiras facilita o deslocamento de pessoas em situação de vulnerabilidade, como aqueles que fazem a solicitação de refúgio, fugindo de conflitos armados, perseguições políticas, desastres naturais ou de migrantes que simplesmente buscam novas oportunidades de vida (Silva & Serpa, 2019).

No cenário nacional, de acordo com o relatório do Comitê Nacional Para Refugiados (CONARE), até o final de 2018, o país contava com 161.057 mil solicitações de reconhecimento de condição de refugiado em aberto ante 11.231 mil refugiados reconhecidos em território nacional (Silva & Santos, 2021, apud CONARE, 2019).

¹¹ Esses fatos foram constantemente observados em nossa pesquisa de campo.

Seis anos depois, o número de refugiados reconhecidos sextuplicou. O Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) divulgou que, em 2022, o Brasil concedeu o status de refugiado a 5.795 indivíduos, dos quais, dentro desse contingente, 77,95% eram venezuelanos e 7,9% cubanos. Ao término daquele mesmo ano, o Brasil já abrigava um total de 65.840 refugiados reconhecidos, o que, de acordo com o Ministério, representa um aumento de quase 10% em comparação a 2021, quando o número de refugiados era de 60.011 (ACNUR, 2023).

O aumento do reconhecimento de status de refúgio tem refletido no cenário sul-mato-grossense devido à sua localização fronteiriça e política de interiorização. O que é destacado por Carissimi, Quadros e Almeida (2023), ao descrever que o estado enfrenta desafios significativos relacionados à integração e proteção dessas populações. Este aumento levanta questões sobre a estrutura de acolhimento dos agentes de fronteira e o reconhecimento da sociedade civil sobre a problemática das migrações internacionais.

Ao chegar ao estado, os migrantes frequentemente enfrentam sérias condições de vulnerabilidade e diversas dificuldades para se estabelecer no país. Desporte que múltiplas entidades de suporte e assistência a migrantes e refugiados estão associadas a movimentos religiosos ou organizações voluntárias, oferecendo auxílio no acolhimento desses sujeitos, bem como orientação referente à documentação. No entanto, tem-se observado, segundo Sales e Ituassu (2021), que o acesso a esses programas de apoio é complexo, especialmente para os recém-chegados, que estão em situação de fragilidade e desproteção, visto que esses possuem habilidades limitadas na língua portuguesa e desconhecem a localização desses serviços, em parte devido à comunicação inacessível ao público-alvo dos órgãos responsáveis, em parte ao desconhecimento da população local (Sales & Ituassu, 2021).

De acordo com informações divulgadas pelo Jornal Correio do Estado, com base em dados do Centro de Atendimento de Direitos Humanos (CADH) da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (SEDHAST), no período entre janeiro e maio

de 2022, dos 438 migrantes que ingressaram no Mato Grosso do Sul por vias legais, 83% eram originários da Venezuela, onde a crise humanitária ¹²que assola o país reflete nos números de refugiados e imigrantes no Brasil (Schmidt, 2023).

Neste sentido, devido ao alto índice de movimento migratório e de solicitações de refúgio em Mato Grosso do Sul, em novembro de 2015, foi realizada pela Assembleia Legislativa a audiência pública: “Direitos Humanos e a Inclusão Social para Migrantes e Refugiados”, na qual contou com representações do poder público e de diversas pessoas da comunidade haitiana. Naquele momento, o estado do Mato Grosso do Sul passou a repensar suas políticas com relação à temática das migrações e do refúgio. Assim, resultante da audiência, em 2016, foi criado o Decreto nº 4.558, de 12 de setembro do mesmo ano, no qual estabelecia a criação do Comitê Estadual para os Refugiados, Migrantes e Apátridas no Estado de Mato Grosso do Sul (CERMA-MS) (Rosa & Amaral, 2022). Cujo objetivo é fortalecer os princípios de defesa dos direitos humanos e desenvolver políticas sociais para proteger essas populações vulneráveis (Silva & Serpa, 2019).

Segundo informações do ACNUR, o comitê tem como objetivo oferecer treinamento aos funcionários públicos sobre os direitos e responsabilidades dos solicitantes de refúgio, migrantes e apátridas, bem como promover ações para a integração desses indivíduos nas políticas públicas.

Em Dourados, município localizado no interior do estado, dados do projeto Cátedra Sérgio Vieira de Mello, implementado pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), relatam que a cidade acolheu 1.968 refugiados venezuelanos entre abril de 2018 e março de 2020, através da Operação Acolhida (Schmidt, 2023).

¹² A partir de 2014, o número de venezuelanos buscando refúgio em países vizinhos e além aumentou de forma alarmante. A crise humanitária na Venezuela, uma das mais graves da história da América Latina, culminou em um êxodo em massa de sua população. Dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM) indicam que, até agosto de 2023, mais de 7,7 milhões de venezuelanos haviam deixado o país, representando uma proporção significativa de sua população total (OIM, 2024).

De acordo com Schmidt (2023), o projeto tem como objetivo fornecer assistência em áreas como orientação para regularização migratória, revalidação de diplomas, apoio jurídico e oferta de aulas de português, entre outros serviços. Além da UFGD, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) também está envolvida em iniciativas voltadas para a recepção e o acolhimento de refugiados e migrantes. Por meio do programa UEMS Acolhe (Acolhimento Linguístico, Humanitário e Educacional a Migrantes e Refugiados), a universidade promove atividades de extensão que visam à integração dos migrantes.

Para Silva e Pires (2021), Dourados desempenhou um papel central no Projeto Acolhida. A participação e o engajamento de instituições e da população em iniciativas que contribuam para a integração e o acolhimento da comunidade de migrantes e refugiados foram considerados relevantes para o sucesso do projeto. "As estruturas universitárias, com o apoio de graduandos, pós-graduandos, técnicos e professores, tornaram-se estrategicamente importantes ao longo do tempo, inclusive para o ACNUR e para a OIM", destacam os autores (Silva & Pires, 2021, p. 6).

Já na capital do estado, o serviço de acolhimento a migrantes e refugiados tem sido prestado tanto pelo Ministério Público do Trabalho, quanto pelo governo estadual e municipal, e por entidades da sociedade civil e universidades públicas e privadas.

O Grupo de Estudos em Teoria Sócio-histórica, Migração e Políticas Sociais (GEPEMPS) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) desenvolve pesquisas com essa população há cerca de 12 anos, envolvendo alunos de graduação e pós-graduação de diferentes cursos, bem como profissionais que se mobilizam para prestar acolhimento, trabalho social e serviços de saúde à comunidade de migrantes e refugiados acolhidos. Atualmente, tem desenvolvido pesquisas nos centros de apoio parceiros, como a Casa Resgate, a Associação dos Venezuelanos, a Associação dos Haitianos, o CEDAMI e o Centro de Atendimento em Direitos Humanos (CADH).

Destaca-se também outras entidades presentes no estado, como a Cruz Vermelha, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Pastoral do Migrante, que oferece ações de acolhida há cerca de 37 anos no estado, oferecendo cursos profissionalizantes e de língua portuguesa, eventos e encontros formativos para promover o auxílio à inclusão dessa população no país.

De acordo com Rosa (2019), o principal objetivo dos serviços oferecidos pela Pastoral do Migrante é promover a superação das práticas assistencialistas que são muito comuns no atendimento a esse tipo de população. Através desse viés, a Pastoral busca fortalecer a autonomia e o protagonismo dos recém-chegados para que eles se estabeleçam no país (Rosa, 2019).

Embora o estado de Mato Grosso do Sul não seja o destino principal para migrantes e refugiados que chegam ao Brasil, é notável que este tem desempenhado nos últimos anos um papel relevante no cenário nacional dos fluxos migratórios. O estado recebe tanto a população migrante e refugiada que busca se estabelecer no mesmo quanto serve como rota de passagem para outros destinos. Apesar de não ser observado um quantitativo volumoso de discussões na literatura referente ao acesso e à distribuição dessa população ao mercado de trabalho em Mato Grosso do Sul, é importante elucidar outros pontos relacionados ao trabalho, dada a sua centralidade na cotidianidade dos sujeitos.

Araújo, Fontoura e Almeida (2017) demonstram em seus estudos que a participação de mulheres latino-americanas nos processos migratórios tem se tornado cada vez mais ativa na contemporaneidade, afetando o fenômeno daqueles que migram de países onde a cultura é predominantemente patriarcal, o que confirma o aumento identitário de mulheres migrantes, destacando com isso o protagonismo da mulher na atualidade concreta observada no estado do Mato Grosso do Sul.

Sendo assim, percebe-se como o estado tem sido protagonista no cenário migratório nacional, pois, além de seu complexo fronteiriço, propicia importantes reflexões acerca da

relação entre a questão da migração e do refúgio na contemporaneidade, visto que esse envolve multifatores de influência e complexas formas de serem observados no campo das ciências. Desse modo, ao considerar a complexidade que permeia os deslocamentos de mulheres na contemporaneidade, especialmente no contexto da migração e do refúgio, bem como as implicações das imbricações de sexo, nacionalidade, raça, etnia e orientação sexual que impactam essas mulheres, este estudo destaca, em primeiro lugar, a caracterização do lócus de trabalho.

Esta pesquisa foi desenvolvida no Centro de Apoio ao Migrante (CEDAMI), situado na cidade de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul. A casa é reconhecida como sendo uma organização civil, filantrópica e sem fins lucrativos, com personalidade jurídica de direito privado. É mantida e administrada pela Associação de Auxílio e Recuperação dos Hansenianos – AARH/Hospital São Julião.

Foi fundada em 25 de outubro de 1984 e tem como objetivo geral acolher temporariamente migrantes e seus familiares em situação de trânsito por Campo Grande. Ela é reconhecida como uma entidade de assistência social, conforme o Artigo 3º da Lei 8.742 de 1992. No entanto, desde o ano de 2023, não recebeu financiamento da Prefeitura de Campo Grande por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social (SAS), atuando apenas como parceiro da Rede Socioassistencial.

O CEDAMI possui capacidade para acolher até 80 pessoas, com 40 leitos para cada sexo. A equipe é composta por um coordenador, uma assistente social, dois funcionários gerais responsáveis pela limpeza e manutenção das instalações, e conta com o apoio administrativo do Hospital São Julião. Além disso, a casa recebe o apoio de voluntários (como no caso das universidades, através dos projetos de extensão e pesquisa, como, por exemplo, o projeto “Entre flores, espelhos e faces desiguais: a dialética da força feminina nos deslocamentos humanos”, do qual essa pesquisa também faz parte), oferecendo atividades de rodas de conversa para

mulheres migrantes/refugiadas, oficinas lúdicas para crianças acolhidas, cursos de língua portuguesa para migrantes e cursos de capacitação para o mercado de trabalho.

A instituição presta atendimento a pessoas e famílias migrantes e refugiadas, compreendendo a complexidade multifatorial de suas dinâmicas. O primeiro contato na instituição é realizado pelo Serviço Social, que conduz o acolhimento e triagem. A assistente social, como profissional de referência nessa área, é responsável por identificar as vulnerabilidades e as demandas dos migrantes, promovendo o acesso aos serviços e benefícios socioassistenciais. No acolhimento, é utilizado um instrumento chamado Plano Individual de Atendimento (PIA). Assim, por meio de entrevistas, são registradas as principais demandas da pessoa ou família migrante/refugiada que chega ao serviço, para então serem feitos os encaminhamentos e intervenções necessárias, especialmente na perspectiva dos direitos.

O trabalho desenvolvido pelo CEDAMI demonstra a complexidade do atendimento a migrantes e refugiados, que envolve não apenas a oferta de serviços básicos, mas também a construção de relações de confiança e o acompanhamento das diversas dimensões da vida dessas pessoas. Através do PIA, a instituição busca compreender as necessidades específicas de cada pessoa ou família e oferecer as intervenções mais adequadas, promovendo a sua proteção e bem-estar.

A compreensão das dinâmicas presentes nesse contexto é fundamental para a elaboração de políticas públicas e a garantia dos direitos dessa população. Diante disso, no subitem a seguir, será apresentada a metodologia utilizada para investigar essa temática, detalhando os caminhos percorridos para a coleta e análise dos dados.

2.4. Caminhos Metodológicos da Pesquisa

Para esta pesquisa, escolhemos como lócus de trabalho a cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada na região Centro-Oeste do Brasil. O interesse por esta cidade, além de ser onde o Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UCDB) está sediado, deve-se à sua localização estratégica, uma vez que o Brasil e, em particular, o Estado de Mato Grosso do Sul, têm desempenhado um papel importante como porta de entrada nas rotas de migrações internacionais pela fronteira Brasil-Bolívia. Segundo dados do Observatório das Migrações Internacionais, a proximidade do Estado com países como Bolívia, Paraguai, Venezuela e Colômbia, entre outros, o torna um ponto crucial de entrada e saída de migrantes (Cavalcanti, Oliveira, & Macedo, 2019).

A metodologia do estudo compreendeu a pesquisa qualitativa e participante. A análise qualitativa descreve que os elementos estudados serão os discursos das participantes da pesquisa, e seus instrumentos se dão a partir da análise e interpretação da linguagem. Neste sentido, é necessário considerar a singularidade das pessoas participantes desta pesquisa, pois sua subjetividade é considerada como a manifestação da plenitude de sua vida (Silva et al., 2018).

A pesquisa participante, por sua vez, objetiva promover a colaboração entre pesquisadores e participantes, construindo relações de confiança e facilitando o compartilhamento de recursos e habilidades, tornando o processo de pesquisa mais enriquecedor diante da possibilidade de conhecer e intervir na realidade social. Assim, é concebida como um instrumento potencializador de conhecimentos e saberes direcionados aos setores populares e grupos em situação de desigualdade e vulnerabilidade, pois concede ao participante voz ativa no processo de pesquisa, o que aumenta a autonomia das comunidades e grupos envolvidos, capacitando-os a abordar problemas em seus próprios termos, resultando em uma compreensão mais precisa dos problemas (Faermann, 2014).

O projeto de pesquisa foi protocolado na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o número CAAE: 78827524.2.0000.5162 (Apêndice C). Todo o processo de obtenção de informações qualitativas foi conduzido de acordo com os procedimentos éticos exigidos.

O critério de seleção para o estudo envolveu a escolha de mulheres migrantes/refugiadas maiores de 18 anos, de nacionalidade venezuelana, acolhidas no Centro de Apoio ao Migrante (CEDAMI) na cidade de Campo Grande - MS. Essas mulheres, em sua maioria recém-chegadas à cidade, necessitavam de serviços essenciais como alimentação, moradia e orientação para a regularização documental, oferecidos pelo CEDAMI.

A abordagem dessas pessoas para a participação no estudo foi feita por meio de convites enviados individualmente pela plataforma WhatsApp. O contato foi fornecido pelo Centro de Apoio ao Migrante (CEDAMI), por meio de um instrumento denominado Plano Individual de Atendimento (PIA), que é um documento de cadastro realizado pelo Serviço Social no momento do acolhimento da migrante na instituição.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) foi assinado presencialmente no início de cada roda, uma vez que estas eram estruturadas de forma aberta, permitindo a participação livre das pessoas. A pesquisadora manteve-se disponível para esclarecer eventuais dúvidas ou questionamentos durante todas as etapas da pesquisa.

O processo de construção do conhecimento deste estudo foi realizado de forma coletiva por meio de rodas de conversa, um método que permite a construção conjunta do conhecimento e a expressão de diferentes perspectivas, utilizando-se para isso um roteiro de perguntas guiadas elaborado de forma temática (Apêndice B). As perguntas foram formuladas de maneira a promover discussões gerais sobre os assuntos, com o objetivo de retratar a história de vida das participantes e os afetos e afecções sentidos em seus deslocamentos migratórios. O roteiro utilizado traçou um fio condutor de discussão, não limitando a conversa, permitindo que

as participantes explorassem livremente os temas e construíssem um espaço de diálogo seguro e confiante, onde pudessem refletir de forma contínua sobre suas vivências. Favorecendo assim, uma contínua, prolongada e confiante discussão reflexiva sobre os assuntos abordados.

Desse modo, no que se refere à estrutura das rodas, estas tiveram cada uma um tema específico: (1) "Sobre o meu país"; (2) "Sobre a trajetória migratória"; (3) "Sobre a chegada ao Brasil e permanência em Campo Grande"; e (4) "Sobre os planos para o futuro". O objetivo desses encontros deu-se no compartilhamento do grupo acerca das dificuldades e potencialidades observadas durante o processo migratório, bem como suas vivências e a forma como os afetos sentidos no período de deslocamento estão ligados de maneira simbiótica à formação social do “ser mulher” migrante e refugiada em uma sociedade patriarcal-racista-capitalista.

Com o objetivo de criar um ambiente acolhedor e propiciar a livre expressão, as rodas de conversa eram iniciadas com uma pergunta que estimulava as participantes a compartilharem suas histórias de vida e suas experiências migratórias. Ao mesmo tempo, cada mulher era convidada a expressar seus afetos, lembranças e pensamentos por meio da pintura em tecido de algodão cru. Em seguida, as participantes eram incentivadas a interpretar suas criações artísticas, estabelecendo uma conexão entre suas experiências pessoais e as representações visuais.

A arte de contar as histórias por meio dos desenhos/pinturas favoreceu o ambiente de espontaneidade e reflexão no diálogo participativo das rodas de conversa. Foi solicitada às mulheres a permissão para gravar esses momentos, o que foi discutido anteriormente e autorizado pelas participantes. Assim, as conversas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas de acordo com as discussões reflexivas propiciadas pelas participantes.

Ao longo do primeiro semestre de 2024, foram realizados quatro encontros com os participantes da pesquisa. As rodas de conversa seguiram um formato aberto, promovendo a participação livre e espontânea de todas as mulheres integrantes do grupo. A frequência das participantes foi variada, totalizando 17 mulheres ao longo do período, com a presença de 4 a 10 participantes por encontro. Essa variação também refletiu a natureza não impositiva da pesquisa, uma vez que as participantes eram responsáveis por organizar seus próprios deslocamentos até o local das reuniões.

Compreendeu-se que a ausência de incentivos financeiros para o transporte, como passagens ou vale-transporte, tornou a frequência das participantes mais desafiadora, especialmente para aquelas que residiam em locais mais distantes, limitando assim a participação assídua de algumas mulheres em todos os encontros.

Destarte, a escolha da arte como dispositivo para a construção do conhecimento, as pinturas em tecido, desempenhou um papel fundamental. Essa ferramenta foi adotada com o objetivo de operar como um meio de expressão, capaz de potencializar a comunicação de sentimentos e narrativas que, frequentemente, são difíceis de verbalizar vocalmente, sendo expressas por meio do desenho.

Para Sawaia, Magiolino e Silva (2022), Vigotski dialoga que os sentimentos denotam uma qualidade da dinâmica afetiva, em que a emoção está ligada à memória e à imaginação. Na arte, por exemplo, encontramos uma emoção que perdura, permanecendo atemporal, viva na memória e na fantasia – a qual pode ser constantemente reatualizada. A análise por meio da arte dos desenhos nos possibilitou o entendimento de que os afetos podem se desligar da afetação do instante e se manter como uma ambiência afetivo-imaginativa.

A arte, nesse sentido, é compreendida não apenas como um instrumento de pesquisa, mas também como uma linguagem simbólica que revela as subjetividades e os processos sociais vivenciados pelas mulheres migrantes/refugiadas nos deslocamentos.

As produções artísticas foram interpretadas considerando a perspectiva das mulheres participantes em cada roda de conversa e por meio da vertente teórica adotada, como a teoria espinosana dos afetos e o materialismo sócio-histórico, articulando os afetos com as condições materiais, históricas e sociais dessas mulheres. Assim, a arte foi analisada não só como resultado, mas também como um processo ativo de significação e transformação social.

A ambiência formada pelas rodas de conversa e pelo momento do “fazer arte” enquanto expressão subjetiva e individual permitiu a criação de um espaço de confiança, de partilha, de vivências, de contação de histórias e da construção de narrativas coletivas sobre os deslocamentos migratórios.

Sawaia, Magiolino e Silva (2022) argumentam que, na arte, os afetos podem cristalizar-se em paixões tristes e alegres (que diminuem ou aumentam a potência de ação/conatus). Tal processo, de acordo com as autoras, pode nos ajudar a entender a gênese social, a reprodução histórica da cultura do medo, da culpa, entre outros. Os sentimentos se solidificam na base das relações de dominação e opressão em que, segundo Espinosa, define a política como “o governo dos afetos”, pois a política busca moldar as emoções e os desejos da pessoa humana para garantir a ordem social.

Assim, na materialidade da vida, as estruturas econômicas e as relações de produção moldam as formas de consciência e as experiências emocionais das pessoas. Em sociedades marcadas pela desigualdade e pela exploração como a nossa, o medo da perda e da punição, assim como a culpa por não se conformar às normas estabelecidas, são sentimentos frequentemente mobilizados para manter a ordem social. Nesse viés, podemos compreender que a arte tem, nesse sentido, o papel de demonstrar a dimensão ético-política das emoções (dos afetos), no sentido de superação da servidão em direção à liberdade (Sawaia, Magiolino, & Silva, 2022).

Diante disso, os desenhos reproduzidos na pesquisa fazem da imagem vivida uma potência criadora que coloca em evidência não apenas o sofrimento do processo migratório individualmente vivido, ou a tristeza por ter que deixar seu país de origem. A pintura retrata a condição social de ser mulher e migrante/refugiada, representando o sofrimento ético-político de ser mulher e migrante/refugiada em uma sociedade patriarcal-racista-capitalista, uma emoção que é dialeticamente social e pessoal: ética e política, conforme retratam Sawaia, Magiolino e Silva (2022).

Ao longo desse processo, ficou evidente que as emoções são a base tanto da criatividade individual quanto da experiência coletiva. A imaginação, alimentada pelas emoções, permitiu que as participantes compartilhassem suas histórias e construíssem, juntas, uma compreensão mais profunda sobre os desafios enfrentados pela comunidade. Essa reflexão coletiva fortaleceu o sentimento de pertencimento e possibilitou a construção de uma consciência coletiva capaz de gerar transformações.

A proposta da utilização da pintura em tecido foi concebida em conjunto com a orientadora, considerando os fundamentos teóricos da pesquisa, a metodologia adotada e as contribuições das participantes em encontros anteriores. Pois, conforme mencionado no texto, Sawaia destaca que, na arte, os afetos podem se cristalizar em paixões tristes ou alegres, permitindo o distanciamento do afeto presente ao relembrar traumas do passado, mas propõe também que a imaginação e a realidade se conversem na mediação das histórias de vida de cada uma.

A pintura, como linguagem artística, em conjunto com um roteiro de perguntas, permitiu um mergulho profundo nos sentimentos e emoções das participantes ao longo de suas trajetórias migratórias. Por meio da arte e dos relatos, foi possível compreender as complexidades da experiência migratória, desde as razões que levaram as mulheres a deixarem

seus países de origem até os desafios e as conquistas enfrentadas na cidade de Campo Grande/MS.

Ademais, observou-se que esse processo, além de favorecer a criação de redes de apoio entre as mulheres, promoveu também o acolhimento e o autoconhecimento. Desse modo, entende-se a arte como uma proposta potencializada da expressão individual e coletiva de um determinado segmento de pessoas, possibilitando o fortalecimento enquanto grupo das vivências e da partilha dos sentimentos e emoções, não atuando apenas como grupo terapêutico, mas como grupo potencializador da consciência coletiva de classe, de sexo, de raça e de nacionalidade, possibilitando a articulação crítica e das resistências frente às adversidades da realidade social contemporânea, pois os afetos também podem ser uma força de resistência e de transformação social.

Considerando a diversidade de experiências das mulheres migrantes e refugiadas, marcadas por questões de nacionalidade, classe, raça e sexo, esta pesquisa busca compreender melhor o perfil das participantes das rodas de conversa.

Nesse contexto, a coleta e análise de dados foram fundamentadas nos registros de diários de campo elaborados pela pesquisadora e por duas bolsistas de Iniciação Científica. As bolsistas auxiliaram na condução das rodas de conversa e registraram seu conteúdo em diários de campo. Esses registros documentaram minuciosamente as atividades realizadas durante as rodas de conversa, contribuindo para a riqueza e a precisão da análise.

A análise dos dados levantados revelou uma homogeneidade quanto à nacionalidade das participantes, todas oriundas de diversos estados e cidades da Venezuela, país que enfrenta uma grave crise humanitária nos últimos anos. As participantes apresentaram idades variadas, abrangendo uma faixa etária de 18 a 65 anos, o que reflete a amplitude e a diversidade geracional presente no grupo.

É importante destacar que muitas delas realizaram a jornada migratória acompanhadas apenas de seus filhos ou outros familiares, demonstrando um alto grau de autonomia e a contradição entre o papel tradicional da mulher como cuidadora e dependente e a nova realidade em que elas se encontram, ao assumir papéis de provedoras e responsáveis pela família. Essa situação é ainda mais significativa quando se considera que, em diversos casos, seus/suas companheiros/as migraram anteriormente ou permaneceram em outros países, evidenciando a complexidade das dinâmicas familiares no contexto da migração.

Frente a esses fatores, a fim de garantir o anonimato das participantes, optou-se por utilizar pseudônimos que homenageiam escritoras e personalidades feministas de destaque mundial. Cada pseudônimo é acompanhado do país de origem da participante, como forma de manter a referência ao contexto cultural. Por exemplo, Simone - Venezuela. A escolha dos pseudônimos, que homenageiam mulheres que marcaram a história, reflete a importância de suas vozes e contribuições para a construção de um mundo mais justo e igualitário. Cada participante, ao assumir um desses nomes, conecta-se a um legado de luta e resistência, fortalecendo sua própria identidade e a identidade do grupo. Logo, as narrativas de Simone, Angela, Bell e das demais participantes, construídas ao longo das rodas de conversa, compõem o corpus desta pesquisa.

Assim, no próximo capítulo, apresentaremos uma análise das narrativas, buscando compreender as experiências, desafios e resistência da luta de: Simone, Angela, Bell, Frida, Sílvia, Djamila, Thiti, Judith, Conceição, Carolina, Nisia, Linda, Lélia, Bertha, Malala e Mariele. Mulheres migrantes venezuelanas.

CAPÍTULO III

**AFETOS EM MOVIMENTO: A ARTE COMO FERRAMENTA DE
EXPRESSÃO E EMANCIPAÇÃO DE MULHERES MIGRANTES E
REFUGIADAS ACOLHIDAS NO CENTRO DE APOIO AO MIGRANTE
(CEDAMI)**

3.1 Pincéis e palavras: ressignificando histórias através da arte

*“Agulhas pra fazer crochê
 Tecer um cheiro, costurar você
 No emaranhado do final do dia
 Dá saudade
 Ponto a ponto até chegar no fio
 Dançar à dois ou costurar um rio
 No pensamento.”
 (Liniker, 2024)*

Iniciar este capítulo com uma música de Liniker, mulher negra, trans, cantora, compositora e atriz brasileira, é uma forma de celebrar a resistência e a luta ético-política de ser mulher em seus amplos contextos, e no fazer arte em um mundo patriarcal-racista-capitalista. Nos versos de Liniker, o ato de "fazer crochê" e "costurar" remete a atividades tradicionalmente associadas ao trabalho da mulher, frequentemente desvalorizado em nossa sociedade.

Na dança dos afetos, onde corpo e mente se movem ou são movidos, tecer, costurar e dançar são atos que envolvem movimento, mudança e transformação. Esses termos podem ser relacionados às práticas nas rodas de conversa com mulheres migrantes e refugiadas, cujas falas e pinturas representam os trajetos migratórios que percorreram. Cada pintura torna-se um testemunho dessas jornadas, refletindo o que a música expressa através da metáfora "ponto a ponto", simbolizando as sucessivas modificações do estado corporal e mental. Nessa dinâmica, os afetos do cotidiano se entrelaçam, movendo a pessoa humana em direção a uma maior ou menor potência, fruto da dialética das relações sociais travadas no tecido da realidade social contemporânea.

Marx entendia a arte como uma forma de trabalho que integra o complexo de mediações da vida social. Diferentemente do trabalho alienado, a arte preserva sua dimensão criadora, independentemente da forma histórico-concreta que assume em sua relação com a

realidade ou com a ideologia que a sustenta, conforme argumenta Sánchez Vázquez (2011).

Essa perspectiva resgata a capacidade da arte de transcender a alienação do trabalho, permitindo a expressão de subjetividades e realidades de forma livre e criativa. Nesse sentido, a arte se configura como um espaço de constituição, de resistência e de afirmação do ser social.

Essa dinâmica de expressão e criação foi explorada na primeira roda de conversa realizada em 26 de abril de 2024, no refeitório do Centro de Atenção ao Migrante (CEDAMI). Com uma duração de duas horas e trinta minutos, o encontro reuniu a pesquisadora, três estudantes de iniciação científica e seis mulheres migrantes venezuelanas, todas maiores de 18 anos. A atividade teve como temática a narrativa “sobre o meu país”, onde as mulheres contavam suas vivências em seu país de origem. Esse momento proporcionou uma troca de experiências e reflexões, evidenciando a arte como uma ferramenta de expressão e conexão entre os participantes.

Segundo Sawaia, Magiolino e Silva (2022), a literatura vigotskiana descreve que, na arte, os sentimentos refletem uma qualidade da dinâmica afetiva, na qual a emoção está intrinsecamente ligada à memória e à imaginação. Na leitura marxista, a arte é observada, conforme Netto e Braz (2011), como uma forma de práxis — a ação transformadora mediada pela consciência — que molda e é moldada pela sociedade. Através da criação artística, a pessoa humana não apenas expressa sua subjetividade, mas também transforma a realidade, impulsionada pelas exigências sociais e históricas.

Essa dimensão transformadora da arte, como apontam Netto e Braz (2011) e Sánchez Vázquez (2011), a torna um instrumento poderoso para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Não se limitando à expressão individual, mas se inscrevendo em um contexto social mais amplo, a arte contribui para a construção de significados compartilhados.

Para aprofundar a compreensão das experiências das participantes, utilizamos a pintura em tecido como uma ferramenta de pesquisa qualitativa. Através da atividade artística, as

mulheres foram convidadas a expressar suas memórias, afetos, emoções, sentimentos e perspectivas sobre o processo migratório, a vida em seus países de origem e suas expectativas para o futuro. Após concluir suas pinturas, as integrantes foram incentivadas a dialogar sobre o significado de suas criações e os afetos envolvidos no processo artístico, possibilitando uma compreensão mais ampla e profunda das vivências dessas mulheres frente aos processos de migração e refúgio.

Embora as vivências das seis participantes da roda de conversa estejam interligadas e reflitam contextos semelhantes de migração e refúgio, o depoimento de Bell foi destacado pela demonstração de força e resistência diante das adversidades do percurso migratório. Conforme seu relato, complementado pelos dados encontrados por meio do TCLE e dos diários de campo, Bell é uma mulher venezuelana que migrou para o Brasil há três anos com sua família.

Em um de seus desenhos, Bell expressa a intensidade de seus sentimentos por meio da leveza das figuras, representadas por pássaros de cores vibrantes que parecem demonstrar alegria. Apesar de a imagem sugerir liberdade, em sua explicação sobre o que estava pensando ao fazer a pintura, Bell associa o desenho a obstáculos e à necessidade de transcender as condições adversárias enfrentadas durante o processo migratório, revelando a profundidade de sua experiência.

Essa aparente contradição não é percebida como negativa ou destrutiva, mas como um elemento inerente à realidade social, que impulsiona o desenvolvimento e a transformação do ser social. A dialética presente não é apenas um reflexo das condições materiais vividas por Bell, mas também um indicador de como essas condições da vida moldam e são moldadas pela subjetividade, demonstrando a inseparabilidade entre a pessoa humana e o coletivo, o subjetivo e o objetivo, no processo histórico de construção do ser social.

A arte, enquanto prática social, surge como um espaço privilegiado para a produção de significados e para a manifestação de resistência. Nesse contexto, as criações de Bell

transcendem o âmbito individual, se conectando com as produções das demais participantes, articulando sentimentos de pertencimento e superação que refletem as contradições e desafios do processo migratório.

Nos relatos registrados em diário de campo, Bell interpreta seu desenho descrevendo a Venezuela como sua "casa" — um lugar repleto de significados afetivos e visuais que atravessam sua arte, conforme ilustrado na Figura 2. Entre as recordações mais marcantes, ela destaca a árvore de flores amarelas (Araguaney) que acompanhou grande parte de sua vivência no país. Assim como os pássaros que voam livres em seu desenho, essa árvore, segundo seu relato, se tornou um símbolo de pertencimento e de saudade, representando a continuidade da vida e das relações que ficaram para trás.

A bandeira venezuelana, presente em seu desenho e ilustrada em grande parte dos desenhos das mulheres participantes desse estudo, carrega um peso emocional significativo. É mais do que um símbolo nacional: é uma representação de identidade e de ligação com aqueles que ainda estão em seu país natal. O colorido vibrante da bandeira, junto com os pássaros e a árvore, nos revela a intensidade de um sentimento que transcende fronteiras, no qual o afeto se manifesta e se traduz em saudade, pertencimento, alegria e amor. Afetos que aumentam a potência de agir e levam à sensação de contentamento, satisfação e união com o objeto amado, conforme Espinosa descreve na Ética (Espinosa, 1677/2009, p. 443). A expressão da saudade e do pertencimento se traduz em potência de agir e de prosseguir, enfrentando a nova vida.

Dessa forma, Bell, por meio da pintura, articula sua vivência migratória na materialidade da vida cotidiana, traduzida em formas e cores a saudade e o amor pelo que foi deixado. Seu desenho não apenas expressa a nostalgia, mas também reafirma a força das suas raízes e da sua história, mantendo vivas as lembranças de um lugar que ainda está vivo na memória: seu país de origem, sua casa, sua origem, sua família. Os desenhos contêm muito mais que lembranças de uma vida vivida, mas expressões da cotidianidade, da historicidade

relacionada à singularidade, mas também à totalidade da realidade social tal como se apresentava para os afetos de Bell.



Figura 2: Sobre o meu país (Bell, Venezuela)

Vigotski (2009) dialogava que, na arte, encontramos uma emoção que perdura, permanecendo atemporal, viva na memória e na fantasia, sendo constantemente reatualizada. Nesse sentido, ao dialogarmos sobre seus países de origem, as mulheres participantes da roda, em sua grande maioria, desenhavam suas casas e bandeiras venezuelanas, demonstrando o afeto da saudade, reforçando a identidade nacional e o sentimento de pertencimento ao lar. O desenho, assim, torna-se um espelho da experiência migratória e das emoções/afecções que a acompanham.

Na materialidade da vida, marcada pelas condições da migração e do refúgio, pela distância da família e da terra natal, e pelas dificuldades de adaptação a um novo contexto, os sentimentos demonstrados pelas participantes não são abstrações isoladas da realidade, mas expressões concretas da vivência humana, dialeticamente vinculadas às condições objetivas e subjetivas da vida social. Como argumenta Vigotski (2009), o sentimento é mediado pela cultura e pelas relações sociais, emergindo como uma síntese entre o subjetivo e o objetivo. Assim, o afeto de pertencimento que Bell demonstra em relação à Venezuela reflete tanto as

materialidades de sua origem — como a presença simbólica da árvore Araguaney e a bandeira de seu país — quanto os laços afetivos e familiares que moldaram sua existência naquele contexto. Essas materialidades — o espaço geográfico, a família e os significados construídos ao longo da vida — representam o substrato objetivo que informa as experiências subjetivas de Bell. A árvore, por exemplo, não é apenas um elemento natural, mas um signo cultural e afetivo que carrega em si a memória de um espaço vivido, mediando a relação entre o passado e o presente. Sob a ótica do materialismo, esse sinal evidencia como a subjetividade é fornecida a partir das práticas sociais e dos vínculos históricos que conformam a realidade objetiva.

Portanto, o sentimento de pertencimento ao seu país de origem, expresso por Bell e todas as participantes do grupo, não é apenas individual, mas também social e coletivo, atravessado pelas contradições de suas condições migratórias. Ao resgatar, por meio da arte, os elementos materiais e simbólicos de seu local de origem, as mulheres migrantes/refugiadas reafirmam suas identidades enquanto pessoas humanas, sociais e históricas, demonstrando como o subjetivo e o objetivo se integram na práxis humana de construção e transformação da vida. Além disso, como Vigotski (2009) considera, não existe separação entre afeto e intelecto, e, por conseguinte, as emoções são constituintes da consciência humana, presentes nos processos de pensamento.

Nesse contexto, e com o objetivo de dar continuidade à primeira roda de conversa, buscamos aprofundar e esclarecer as ideias anteriormente trabalhadas, fortalecendo a conexão e o engajamento entre as participantes, além de tornar a comunicação e a troca afetiva mais profundas. A segunda roda de conversa foi realizada no CEDAMI, no dia 10 de maio de 2024, em celebração ao Dia das Mães no Brasil.

A dinâmica da atividade foi marcada pelo diálogo constante e proporcionou um espaço para que cada mulher compartilhasse sua trajetória de vida de maneira única, respeitosa e profunda. Essas narrativas, ao se entrelaçarem, criaram um rico tecido de experiências

compartilhadas, fomentando identificação e conexões emocionais/afetivas entre as participantes. A pintura sobre a rota da migração, presente como um elemento mediador, catalisou a ressignificação contínua dessas histórias, convidando cada mulher a reavaliar sua própria experiência à luz das vivências da outra e dos significados simbólicos do desenho produzido por elas.

O encontro contou com a presença da pesquisadora, da orientadora, de três estudantes bolsistas de iniciação científica e treze mulheres migrantes/refugiadas venezuelanas com idade acima de 18 anos, além da coordenadora da Associação Venezuelana de Campo Grande, que auxiliou na tradução das histórias compartilhadas. A atividade teve como temática central propiciar a narrativa do processo migratório de cada participante.

Nas fotos abaixo, é possível observar todos os desenhos elaborados durante essa roda de conversa. Após a elaboração de cada pintura, cada uma das mulheres expressou verbalmente o que queria comunicar às demais, expondo assim seus afetos, que constituem o movimento do real e que as atravessam, impactando suas vidas e de como essas se constituem singularidades, nas expressões e vivências de cada mulher, mas que também traduzem as particularidades de classe, ou seja, o grupo de mulheres migrantes venezuelanas enquanto histórias próximas e que demonstram seus enfrentamentos.



Figura 3: Sobre a minha trajetória migratória.

A Figura 3 ilustra a jornada complexa das mulheres migrantes/refugiadas até o Brasil.

Durante o encontro, as participantes compartilharam relatos marcantes, evidenciando as adversidades enfrentadas ao deixar seus países de origem. Seus testemunhos revelaram a exposição a perigos iminentes, incluindo violência física e psicológica. No contexto da migração, os corpos e mentes femininos tornam-se um campo de batalha, onde as mulheres são vulneráveis a diversas formas de exploração e violência. Seus corpos e mentes, marcados pelas culturas de origem e destino, tornam-se fronteiras culturais e sociais, frequentemente atravessadas por práticas opressivas.

Destarte, por meio dos diários de campo e da transcrição dos áudios das rodas, incorporamos a esta discussão o relato significativo de Carolina (Figura 4), que discorre sobre sua trajetória migratória desde a saída do Suriname.

É importante destacar que, na escrita do texto, optamos por centrar a análise na vivência individual de uma a quatro participantes, em detrimento da análise do grupo ou do processo grupal. Essa escolha justifica-se pela busca de uma compreensão aprofundada da experiência subjetiva. Compreendemos que a análise individual nos permitiu explorar com mais riqueza de detalhes os afetos e afecções das participantes em relação ao fenômeno em estudo, que é a experiência da migração e do refúgio, revelando nuances que se perderiam em uma análise mais ampla. Assim, através da construção de uma narrativa individual, foi possível capturar a complexidade da experiência humana e compreender o significado subjetivo atribuído pelas participantes aos eventos analisados.

Carolina relata as dificuldades enfrentadas em diversos países, especialmente relacionadas à barreira linguística. No Peru, por exemplo, ela menciona os desafios consideráveis para obtenção da documentação necessária para viver, tendo que deixar o país e vir para o Brasil. Sua narrativa revela a materialidade das condições de vida das pessoas migrantes/refugiadas, onde as condições materiais de existência e as imbricações interseccionais de sexo, classe, raça e nacionalidade moldam significativamente as experiências individuais.

Na fronteira entre Venezuela e Peru, Carolina narra ter sido roubada e agredida, enquanto sua filha de 11 anos foi sequestrada. Ela descreve o momento como desesperador e refere-se à fé como a única ferramenta que encontrou para lidar com a situação, pois estava sozinha com suas filhas, tentando atravessar a fronteira. Após um longo período de súplicas por ajuda, uma pessoa, cuja identidade ela não se recorda, conseguiu interceptar o sequestrador e recuperar a criança.

A fronteira, nesse sentido, apresenta-se como um espaço de contradições sociais, no qual as imbricações de classe, sexo, raça e nacionalidade se tornam ainda mais evidentes, agudizando as vivências, potências e também os sofrimentos ético-políticos. A posição de

Carolina como mulher migrante, responsável por suas filhas, amplia sua exposição à violência e à precariedade, revelando como a exploração e a opressão são estruturadas por relações sociais desiguais.

Ademais, o fato de Carolina ter a fé como única possibilidade para enfrentar a situação destaca a ausência de redes institucionais de proteção e a carência de condições materiais que pudessem garantir sua segurança e a de suas filhas. Essa ausência não é apenas resultado de situações individuais, mas é estruturada pela lógica de sistemas econômicos e políticos que negligenciam ou excluem as pessoas migrantes, especialmente mulheres e crianças, da obtenção e proteção de direitos humanos fundamentais.

Não é incomum ouvir relatos de diversas formas de violência, como extorsão, agressões, abusos físicos, psicológicos e/ou sexuais. Essas narrativas ilustram como a experiência migratória é atravessada por relações históricas e materiais que moldam os limites e as possibilidades de vida das pessoas envolvidas. Sentimentos como medo, tristeza e angústia permeiam as vivências dessas mulheres, que, em resposta às adversidades, exercem sua agência (capacidade de agir de forma autônoma), resistindo e lutando por condições de vida mais justas tanto para si quanto para seus pares, desafiando as estruturas de poder que as oprimem.



Figura 4: Sobre a minha trajetória migratória, (Carolina, Venezuela)

A Figura 4, apresentada acima, ilustra flores amarelas que, segundo o relato de Carolina, carregam significados compartilhados de forma coletiva pelo grupo. Elas representam a esperança e o desejo de recomeçar, simbolizando a perspectiva de construir uma nova vida no Brasil e refletindo a afetividade experimentada ao longo do processo migratório, evidenciada pela emoção ativa da esperança no novo. Esse conceito é traduzido pela noção de conatus, que representa a força inerente pela qual um ser tende a se esforçar para prosperar em sua própria natureza e existência, conforme descrito por Espinosa na Ética.

Para Vigotski (2001), a arte é um fenômeno humano que decorre da relação direta ou mediada do ser social com um cosmos físico, social e cultural, onde se constroem e se multiplicam variedades de facetas e nuances que caracterizam a pessoa humana como integrante desse cosmos. Em outras palavras, a arte atua como mediadora na relação de reciprocidade entre pessoa e mundo, traduzindo, por meio dela, as representações que as pessoas fazem do mundo (Vigotski, 2001).

Nas rodas de conversa desenvolvidas nesta pesquisa, ao criar arte e exercer o ato da pintura, as mulheres não apenas expressam sua visão de mundo, mas também internalizam e reinterpretam as estruturas sociais, econômicas e culturais que as rodeiam. Assim, as representações artísticas tornam-se uma forma de resistência, crítica ou reafirmação das relações de poder e das dinâmicas materiais que influenciam o mundo social. A expressão da emoção deve ser considerada como uma resposta às afecções da vida, que se traduzem em medo, angústia, alegria, entre outras emoções, circunscritas nas subjetividades das mulheres e compartilhadas no grupo. Ou seja, essas são sempre processos subjetivos que se desdobram em emoções construídas na subjetividade singular de cada indivíduo.

No decorrer da atividade, Ângela, outra migrante venezuelana, apresentou sua jornada migratória, marcada por uma experiência de vulnerabilidade comum às outras participantes do estudo: a travessia da fronteira. Essa vivência comum não é apenas uma jornada geográfica,

mas uma travessia marcada pela materialidade das condições de existência, onde as imbricações de gênero, classe, raça e nacionalidade podem atuar de forma opressiva, especialmente em contextos de desigualdade.

Ao cruzar a fronteira em Pacaraima, no estado de Roraima, acompanhada da família, Ângela relatou que caminhou por horas, enfrentando o medo dos animais e a constante ameaça de deportação. Sentimentos de vulnerabilidade que são amplificados pela ausência de políticas públicas específicas de acolhimento e proteção nas zonas de fronteira.

Após a travessia de balsa até Manaus e uma longa viagem de ônibus, Ângela e sua família chegaram a Campo Grande, MS. Questionada sobre o significado do seu desenho, ela explicou que, apesar das dificuldades da jornada, encontrou conforto na beleza das flores e árvores que avistou ao longo do caminho. Essa lembrança tornou-se sua inspiração para a pintura, destacando que, naquele momento, essa foi a única experiência positiva que conseguiu registrar.

Compreende-se que, como produto da práxis humana, a arte carrega o potencial de romper com as condições opressivas ao possibilitar a construção de novos significados, diálogos e formas de ação coletiva que podem subverter as estruturas dominantes.



Figura 5: Sobre a minha trajetória migratória (Angela, Venezuela)

Na mesma roda de conversa, Linda relatou que, em 2016, ela e sua família decidiram deixar a Venezuela, motivadas pela grave crise humanitária e política que assola o país até os dias atuais. Linda descreveu que sua jornada migratória foi marcada por inúmeras travessias, passando pela Colômbia, Peru, Equador e Chile, onde a família viveu por dois anos. No entanto, devido ao agravamento da crise política no país, somado ao aumento da violência e da discriminação contra migrantes venezuelanos, além das dificuldades na regularização da documentação e na obtenção de trabalho, a família decidiu buscar uma nova oportunidade de vida no Brasil.

Para Netto (2012), os Estados nacionais desempenham um papel central no controle dos fluxos migratórios, submetendo pessoas migrantes a diferentes formas de domínio e vigilância. Segundo o autor, o Estado, enquanto aparato de dominação, utiliza diversas ferramentas para manter a ordem social e garantir a reprodução das relações de produção capitalistas. Essa dinâmica de poder influencia profundamente as experiências das pessoas migrantes, restringindo suas oportunidades e expondo-as a múltiplas formas de violência e vulnerabilidade (Netto, 2012).

A trajetória da família de Linda, assim como a de tantas outras famílias migrantes, exemplifica a complexidade das experiências migratórias, marcadas por uma busca constante por melhores condições de vida em um mundo carregado de instabilidades e desigualdades.

A experiência de vida das mulheres migrantes e refugiadas é marcada por uma complexidade de afetos e afecções que se entrelaçam com as desigualdades sociais, de gênero e raça. Provenientes de países em situação de vulnerabilidade socioeconômica, essas mulheres enfrentam múltiplas formas de opressão, que se intensificam em contextos migratórios. As estruturas patriarcais e capitalistas latino-americanas, profundamente arraigadas em suas sociedades de origem, moldam suas trajetórias e as expõem a diversas formas de violência, racismo e discriminação.

Nesse sentido, questionamos: "Qual o preço pago por ser mulher, migrante/refugiada, desprovida de recursos financeiros, em deslocamento entre países latino-americanos?". Certamente, a experiência é muito mais penosa para uma mulher latino-americana do que para uma migrante proveniente de um país europeu. As mulheres oriundas da Europa Ocidental geralmente têm condições econômicas mais favoráveis e, por virem de países com economias consolidadas e por carregarem o status associado ao "Velho Mundo", dispõem de melhores oportunidades para enfrentar os desafios impostos pelo mundo contemporâneo.

Para sermos mais claras, é necessário lembrar o/a leitor/a de como os países latino-americanos foram historicamente espoliados, expropriados e explorados, sendo subalternizados em suas bases culturais e econômicas. Esses processos históricos ainda se refletem em formas de submissão e pobreza que marcam a realidade atual. Essa herança de desigualdade social é vivida de maneira ainda mais intensa pelas mulheres latino-americanas, especialmente quando se consideram as imbricações de gênero, raça e nacionalidade. Essas imbricações tornam suas experiências de migração e sobrevivência ainda mais desafiadoras e carregadas de opressões múltiplas.

Linda também compartilhou que, no ano anterior à roda de conversa, ela e a família retornaram brevemente à Venezuela, mas as condições de vida encontradas lá estavam ainda piores, tanto politicamente quanto economicamente, do que quando partiram, o que reforçou sua escolha pelo Brasil como novo lar, conforme ela descreve:

Minha intenção, a princípio, era voltar para a Venezuela, já estava cansada de migrar. Porém, quando voltei, minha intenção já era ir embora. Foi horrível (...) olha, existe comida suficiente, mas a impressão que eu tive foi que ou você come, ou compra coisas pessoais. O que você faz com o pouco que tem? O colégio das crianças é grátis, só que cada um tem que levar sua comida, seu café da manhã. Já não dão comida como antes, que era servido o café da manhã e o almoço. Se você compra um shampoo, não tem dinheiro para comer (...) A luz dura horas por dia, a água chega a cada dois meses. Lá não tem uma cobrança para que esse serviço seja mantido. A maioria das pessoas que vivem no país e estão sobrevivendo ou apoiam o governo e, aí, têm suas facilidades, ou são narcotraficantes. As pessoas que não estão de nenhum lado desses estão nas

ruas, são ambulantes. A última opção que escolhemos é deixar nosso país. Aqueles que não têm filhos ou que têm poucos filhos têm mais facilidade. (Linda, Venezuela).

De acordo com Linda, ela migrou com sua família, que incluía sua irmã Bertha, de 25 anos, e suas quatro filhas (Lélia, de 18 anos, além de meninas de 16, 15 e uma bebê de 3 anos). Esse perfil familiar, comum em nossos estudos, evidencia a vulnerabilidade de mulheres que migram sozinhas ou acompanhadas apenas por outras mulheres e crianças. Ao se deslocarem em grupos predominantemente femininos, elas buscam proteção mútua, mas também se expõem a riscos específicos, como a violência de gênero e a exploração.

A família decidiu vir ao Brasil devido à facilidade na obtenção de documentação e trabalho, e à menor discriminação racial, de nacionalidade e sexual, em comparação com outros países da América do Sul onde viveram, como o Peru, o Equador e o Chile. Neste estudo, diversas mulheres relataram, durante as rodas de conversa, experiências de discriminação vivenciadas em países de trânsito. Essas situações recorrentes muitas vezes levam as famílias a buscarem novas rotas migratórias, direcionando o fluxo migratório para outros destinos, incluindo o Brasil. Além disso, é importante destacar que a Lei de Migração Brasileira de 2017 desempenhou um papel significativo nesse contexto, ao facilitar a entrada e permanência de pessoas migrantes no país, promovendo melhores condições para sua inserção no mercado de trabalho e para o estabelecimento de suas vidas em território brasileiro.

Quando questionada sobre como é ser mulher migrante nesses lugares, Linda descreveu suas experiências com o sentimento de medo. Ela compartilhou que, no Peru, enfrentou um episódio traumático ao sair com sua filha de 12 anos, quando a criança foi assediada por um homem idoso na rua, um problema que, segundo ela, é comum no país. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2022), o casamento infantil é uma prática profundamente enraizada em muitas sociedades tradicionais e é frequentemente impulsionado por normas culturais e desigualdades econômicas. Esse fenômeno é mais prevalente em

comunidades onde as meninas são vistas como mercadorias para melhorar a segurança econômica e o status social das famílias (UNICEF, 2022). Dentro desse viés, embora no Peru existam leis que proíbem o casamento de menores de idade, a aplicação dessas leis ainda é insuficiente, e as práticas tradicionais continuam prevalentes, principalmente em áreas onde a educação e a conscientização são limitadas. Os impactos negativos para as meninas são substanciais, incluindo a interrupção da educação, a exposição a maiores riscos de violência doméstica e problemas de saúde.

O sentimento de insegurança, especialmente entre as mulheres em todas as suas diversidades, emerge como uma resposta às dinâmicas de opressão e desigualdade presentes na sociedade patriarcal-racista-capitalista. Essa insegurança não é apenas uma ocorrência momentânea, mas uma manifestação estrutural que reflete as vivências cotidianas de violência, discriminação e exclusão que as mulheres enfrentam. Desde o medo de caminhar silenciosamente à noite até a constante necessidade de cuidado com suas escolhas e existências, o patriarcado impõe um estado de alerta contínuo que impacta diretamente as afecções, emoções e sentimentos das mulheres.

Sentimentos como medo e vulnerabilidade, descritos em grande parte dos relatos neste estudo, tornam-se uma constante, enquanto a raiva e a indignação emergem como respostas emocionais frente às injustiças. Paralelamente, a esperança e a resistência surgem como forças motrizes (conatus) que impulsionam as mulheres a resistirem e a buscarem formas de transformação pessoal e coletiva. As afecções, enquanto resultado das interações entre corpo, mente e ambiente, revelam como essas experiências são internalizadas, moldando subjetividades e influenciando posteriormente as ações tomadas por elas.

No cenário capitalista, o sistema econômico e patriarcal utiliza o corpo feminino para sustentar estruturas de poder e consolidar status social, especialmente em contextos de pobreza e exclusão social. Para Mirla Cisne (2015), o corpo da mulher é mercantilizado em momentos

de crise econômica, tornando-se uma estratégia de sobrevivência para as famílias que dependem da exploração feminina para ascender economicamente ou, no mínimo, garantir alguma segurança material (Cisne, 2015, p. 58). Para Heleieth Saffioti (1976), a mulher é frequentemente tratada como propriedade, seja pelo patriarca familiar ou pelo marido, que exercem controle sobre seus corpos para garantir a transmissão de heranças e melhorar a posição social da família. Os corpos femininos, nessa perspectiva, são transformados em moedas de troca dentro da sociedade patriarcal (Saffioti, 1976, p. 42).

Essa compreensão reforça como, historicamente, o capitalismo transformou o corpo das mulheres em um instrumento de trabalho reprodutivo e exploração, colocando-as como mercadorias dentro do processo de acumulação do capital, conforme tratado por Silvia Federici no livro *Calibã e a Bruxa* (Federici, 2004, p. 97).

Em relação ao Chile, Linda relata que sua experiência foi negativa devido à crescente violência entre venezuelanos e chilenos. Ela menciona um incidente em que um grupo de venezuelanos sequestrou um chileno, o que exacerbou a violência e a discriminação contra migrantes. Além disso, segundo ela, o Chile passou a impor restrições severas, como a suspensão da emissão de documentos para migrantes e multas para empresas que empregam venezuelanos ou migrantes ilegais. Essas medidas resultaram na deportação de migrantes e na prisão dos donos de empresas, deixando muitos migrantes sem emprego e forçados a enfrentar o risco de prisão se tentarem vender algo nas ruas.

O relato de Linda e das participantes das rodas de conversa demonstra que o trabalho das mulheres migrantes é profundamente afetado pela crise do capitalismo. A precarização do trabalho e a falta de proteção social são problemas comuns nas crises capitalistas, que muitas vezes resultam na exclusão e opressão dessas mulheres. A vida de Linda, assim como a de muitas outras mulheres migrantes/refugiadas mencionadas neste estudo, é uma luta constante

contra condições adversas, que são, em grande parte, um reflexo das falhas e contradições do sistema capitalista em crise.

Conforme pode ser observado por Federici (2004), em tempos de crise econômica, a exploração das mulheres é intensificada, e suas condições de trabalho se tornam ainda mais precárias, pois o capitalismo em crise busca ajustar suas demandas com base na força de trabalho mais vulnerável (Federici, 2004, p. 142). A jornada de Linda, marcada por vulnerabilidades e desafios, é uma expressão direta dessas dinâmicas, mostrando como a crise capitalista continua a moldar a vida das mulheres migrantes de maneira brutal e desumana.

Linda compartilha (Figura 6) que, após atravessar a fronteira boliviana e chegar ao Brasil por Corumbá, ela, suas quatro filhas e sua irmã Bertha enfrentaram uma difícil caminhada de três dias até Campo Grande, por não terem dinheiro suficiente para as passagens. Durante essa jornada, dormiram na estrada e nas ruas da cidade e enfrentaram várias dificuldades, incluindo a dolorosa perda de um dos cachorros da família que os acompanhavam desde o Chile.

A fronteira de Corumbá, localizada no estado de Mato Grosso do Sul, é um dos principais pontos de entrada para migrantes que atravessam da Bolívia e outros países da América do Sul para o Brasil. Essa região, além de ser um espaço geográfico e político, carrega profundas implicações sociais, econômicas e humanas. Caracteriza-se por ser uma área de intenso fluxo migratório, onde as desigualdades entre os dois países são visíveis tanto na infraestrutura quanto nas condições socioeconômicas das populações que transitam por ali (Almeida, 2017).

Abaixo, inserimos neste texto a pintura realizada por Linda, observando-se o retrato migratório, a caminhada, a mala de viagem, o céu azul, o sol e os pássaros, e a bandeira venezuelana sendo levada conjuntamente nessa caminhada. Ninguém deixa para trás a sua identidade; a bandeira denota claramente que deixar o país de origem é levar consigo a própria identidade em busca de um futuro melhor para si.



Figura 6: Sobre a minha trajetória migratória (Linda, Venezuela)

Desse modo, ao ser questionada quanto ao significado pessoal do desenho, Linda relata em seu depoimento:

(...) Esta é uma pessoa migrante. Eu estava pensando em tudo o que passamos. A caminhada, quando chegamos na fronteira (Bolívia/Brasil), viemos caminhando de Corumbá para Campo Grande durante três dias. (Não conseguiram carona?) Quase chegando, como se faltassem duas ou três horas para chegar. (E como foi para vocês esse processo? Foi uma aventura?) Não, aventura não foi... Aventura é quando você está feliz e desfruta do que está vivendo. Nós vivemos esse momento triste, com um mal sentimento. É uma coisa que te marca. (Linda, Venezuela).

O deslocamento da saída do país de origem causa sempre um sentimento marcado pela incerteza e pela escolha de deixar para trás a vida que se tinha. Assim, é sim “uma passagem marcante” na história de vida de cada pessoa.

Esse tipo de experiência ilustra a complexidade das fronteiras como espaços de transição. Para além dos limites territoriais, elas simbolizam barreiras socioeconômicas, culturais e, muitas vezes, emocionais. A fronteira de Corumbá tem-se apresentado como lugar de passagem para muitos migrantes e refugiados que buscam reconstruir suas vidas no Brasil. Histórias como a de Linda e de tantas outras mulheres que tiveram experiências parecidas revelam-se como realidades de um sistema migratório global que muitas vezes ignora a

dignidade humana e busca apagar essas pessoas. Portanto, a fronteira de Corumbá tem-se constituído como porta de entrada para muitos migrantes e refugiados, e, nos últimos anos, o que antes era apenas uma rota de passagem, hoje uma grande parcela tem-se estabelecido nas cidades de Mato Grosso do Sul.

O relato acima descrito não apenas compartilha a vivência de uma família de migrantes, mas também denuncia o peso emocional de uma migração forçada pelas condições adversas em seu país de origem. Seu relato ressalta como essas jornadas, longe de serem aventuras, representam momentos de ruptura e sofrimento, que moldam a subjetividade e as afecções das pessoas migrantes. Assim, ao analisarmos a migração a partir das fronteiras e as histórias que nelas se desenrolam, podemos compreender melhor as dinâmicas de exclusão e resistência que caracterizam os fluxos migratórios contemporâneos.

Nessa processualidade, as pinturas constituídas pelas participantes do estudo têm o papel de demonstrar a dimensão ético-política das emoções (das afecções), no sentido de promover a superação da servidão em direção à liberdade (Sawaia, Magiolino & Silva, 2022). No tecido, com o movimento dos pincéis e o uso da fala para retornar a lugares muitas vezes de sofrimento, ela se torna uma ferramenta potente de autoexpressão, conhecimento e emancipação.

São expressões singulares que traduzem sentimentos, emoções e afetos vivenciados, mas que, ao serem compartilhadas em forma de histórias por cada participante das rodas de conversa, transformam-se em potência para a construção de uma consciência coletiva. As rodas proporcionam esse momento de transição, em que a consciência individual e singular se amplia para uma consciência coletiva, evidenciando condições comuns e distintas. E, apesar das diferenças regionais entre as mulheres venezuelanas, há uma identificação em torno da

experiência de ser mulher e migrante. Nessa troca, elas se fortalecem mutuamente, solidarizam-se umas com as outras e constroem, juntas, formas de resistências comuns.

Para Vygotsky (1999), a arte não apenas espelha a realidade, mas também a transforma, permitindo que a pessoa lide com suas emoções de forma ativa, articulando-as em uma linguagem visual que captura o impacto psicológico da experiência (Vygotsky, 1999).

A bandeira da Venezuela no desenho remete à identidade de Linda, indicando o peso da perda e do deslocamento, e o laço emocional com sua terra natal, que permanece mesmo em meio às adversidades.

Nesse sentido, o uso da arte como meio de expressão oferece à migrante uma forma de dar sentido ao sofrimento, elaborando-o em algo tangível e comunicável. Assim, a dinâmica do pintar nas rodas de conversa transcende a mera representação visual, tornando-se uma janela para o acesso à subjetividade das participantes. Ao analisarmos as experiências subjetivas e objetivas dessas pessoas, refletimos sobre sua invisibilidade, vulnerabilidade e as violações de direitos que enfrentam. Também consideramos os processos de luta e resistência cotidiana que vivenciam, os quais se manifestam como formas de empoderamento ao decidirem deixar seus países de origem.

Essas dinâmicas podem ser observadas nas histórias de vida das participantes das rodas de conversa, corroborando as observações de Milesi e Marinucci (2016), que afirmam que as mulheres migrantes enfrentam travessias onde sonhos e pesadelos se entrelaçam, e a vontade de partir se combina com o desejo de ficar (Milesi & Marinucci, 2016).

Dando continuidade às atividades, a terceira roda de conversa foi realizada em 7 de junho de 2024, com a presença da pesquisadora, três estudantes bolsistas de iniciação científica e uma participante. O encontro teve como temática a chegada ao Brasil e o estabelecimento na

cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Porém, devido ao clima extremamente quente na ocasião, apenas Simone, uma migrante venezuelana, participou da atividade. Compreendeu-se então que as condições climáticas, somadas às dificuldades econômicas para locomoção e a ausência de incentivos financeiros para o transporte, como passagens ou vale-transporte, limitaram a participação das demais participantes no encontro.

A partir da análise dos diários de campo e das gravações das rodas de conversa, identificamos o relato de Simone, que contou que migrou para o Brasil durante o período da pandemia (2021), acompanhada de sua filha e duas netas, de seis e nove anos.

A família de Simone está no Brasil há três anos, tendo vivido anteriormente por dois anos na cidade de Lima, capital do Peru. Simone relatou que seu percurso migratório foi marcado por intensas afecções, como o medo da deportação, especialmente devido à dificuldade em atravessar a fronteira no Brasil, que estava fechada em decorrência da pandemia de COVID-19.

Ela conta ter permanecido em situação de refúgio por três meses, aguardando a permissão e a regularização da documentação para si e sua família adentrarem ao país. Durante esse período, foi acolhida em uma casa de passagem na cidade de Rio Branco, Acre. Simone descreve sua trajetória migratória marcada por uma diversidade de afecções — emoções e sentimentos como medo, alívio, gratidão e esperança.

A participante compartilhou, também, como a precariedade vivenciada e a dependência de recursos financeiros fortaleceram sentimentos de fragilidade, vulnerabilidade e desamparo. No entanto, sua narrativa também evidencia a força do conatus, a capacidade de perseverar em sua própria natureza, mesmo em condições adversas. Conforme nos descreve Espinosa.

Percorremos o percurso de ônibus por dois dias até o Brasil. Saímos de ônibus do Peru - Lima - em um ônibus à noite, chegamos a Puerto Maldonado no outro dia pela manhã." (...) Era época da pandemia, por isso não nos deixaram passar da fronteira. Não tínhamos nenhum documento, e nem estavam fazendo. Quando conseguimos atravessar, nós chegamos em uma pensão/hotel de uma senhora muito amável, muito gentil. Ela nos recebeu. Para você entender, essa senhora nos perguntava se tínhamos almoçado, porque se estivéssemos com fome, ela servia o almoço. Tivemos que ficar nesse lugar por uma semana, porque não tínhamos para onde ir. Era eu, minha filha e minhas duas netas. Então, umas pessoas de uma igreja passavam pela pensão/hotel na parte da tarde e nos entregavam uma marmita. O hotel que ficamos era de uma boa pessoa. Pagamos vinte reais e podíamos dormir e tomar banho. (Simone, Venezuela).

Na experiência de Simone e das demais mulheres migrantes envolvidas no estudo, emoções como medo e vulnerabilidade são frequentemente destacadas em seus relatos, sendo resultado das condições materiais de exploração e negligência estatal. Elas refletem a relação direta entre as condições materiais de existência e a constituição de suas subjetividades. O medo e a vulnerabilidade não surgem de um vazio, mas são produtos das estruturas sociais que perpetuam a exploração econômica, inserindo essas mulheres em um contexto de precariedade e exclusão perpétua.

No entanto, a solidariedade, a cooperação e o apoio mútuo, que geram afetos mais potentes como esperança e gratidão, emergem como formas de resistência capazes de fortalecer a potência dessas mulheres para agir e lutar pela transformação de suas condições de vida. Esses afetos não são desconectados da materialidade; pelo contrário, eles são respostas específicas de vivências coletivas que desafiam a lógica opressiva e individualizante do sistema. A solidariedade funciona como uma força dialética: ao mesmo tempo em que é uma resposta às condições de exploração, também se torna um meio de superação dessas condições, ampliando a força do conatus para agir.

Embora estejamos tratando de um estudo em uma casa de acolhimento destinada a pessoas migrantes e refugiadas, observamos que nem todas as pessoas migrantes conseguem vagas nesses locais, sendo, muitas vezes, encaminhadas para outros tipos de abrigo.

Observou-se no desenvolvimento prático desse estudo que esses espaços frequentemente carecem de suporte estatal, sendo mantidos muitas vezes por instituições da Sociedade Civil Organizada, Organizações Não Governamentais e outras entidades. Essa situação revela as desigualdades inerentes ao Estado capitalista, que afetam de maneira substancial os grupos mais vulneráveis, como no caso das mulheres migrantes e refugiadas. Essa dinâmica é evidenciada mais uma vez na narrativa de Simone que, após três meses aguardando a regularização de sua documentação e de sua filha e netas, recuperou a esperança ao receber permissão para embarcar para Campo Grande, onde seria acolhida por uma amiga da família.

Quando chegamos na cidade para pegar o voo, como era pandemia, estavam embarcando por grupos. Tivemos que ficar em uma pensão/hotel de novo, porque nosso voo só saía no outro dia. Eu não gostei desse lugar, porque era próximo a uma praça onde tinha muitas pessoas indigentes, usando droga na rua. Então, você está com mala, com crianças... Depois dali, tivemos que deixar muitas coisas, porque tinha muito peso na mala. Trouxemos a mala da Venezuela e depois para o Peru e depois aqui. Na mala, tínhamos muitas recordações, tinham coisas das crianças, roupas... Então, não queríamos desfazer disso, mas muitas coisas deixamos para trás, como todo migrante deixa. (Simone, Venezuela).

A experiência de Simone não apenas nos revela afecções de medo e tristeza, mas também o afeto da resistência, pois mesmo diante das dificuldades e perdas, ela continua sua jornada, mostrando uma força subjacente que a impulsiona a seguir em frente. Mas também expõe as dinâmicas mais amplas de opressão e resistência vividas por mulheres em um mundo patriarcal-racista-capitalista, conforme é destacado por Cisne (2018). A luta dessas mulheres vai além da mera sobrevivência física, abrangendo a preservação da dignidade, da memória e da identidade em um sistema que constantemente ameaça apagá-las.

A necessidade de abandonar seus pertences devido às restrições impostas pelo peso da bagagem serve-nos como uma metáfora para as perdas materiais e emocionais que muitas mulheres migrantes enfrentam em um sistema capitalista que prioriza o capital em detrimento do bem-estar humano.

Nesse sentido, o afeto se revela como a base da potência de agir e criar, estando profundamente conectado à imaginação, como ilustrado no desenho abaixo, que busca expressar não apenas a trajetória migratória de Simone e sua família, mas também a jornada de sua vida.



Figura 7: Sobre a chegada ao Brasil e permanência em Campo Grande (**Simone, Venezuela**).

A ação de desenhar flores coloridas, enquanto narrava sua história, permitiu a Simone acessar um universo de memórias e emoções. Naquele momento, ela não estava apenas expressando suas emoções ou contando sua história, mas também estava construindo uma narrativa sobre si mesma e sobre sua experiência migratória. Essa prática artística, como sugere Vigotski, é um processo de construção da identidade, no qual os indivíduos dão significado às suas experiências e ao mundo ao seu redor por meio da mediação do desenho.

Compreendemos, portanto, que nas rodas de conversa, a identidade de cada mulher migrante é construída a partir do autoconhecimento que ela desenvolve sobre si mesma. Cada história de vida é marcada por afetos, dores e angústias vivenciadas de maneira única. Essas diversas histórias, ouvidas em diferentes encontros e contextos, se costuram dentro da coletividade, conectando-se não apenas com as vivências de outras mulheres migrantes, mas com a experiência de todas as mulheres.

Ao final de suas trajetórias migratórias, quase todas elas já enfrentaram situações de violência, assédio, opressão e machismo, embora em diferentes intensidades e circunstâncias. Em suas falas, tecidas pela arte, emergem afetos que, por vezes, são passivos, sentidos pela afecção do medo, da tristeza ou do ódio, levando essas pessoas a agirem de forma impulsiva ou irracional. Já em outros momentos, surgem afetos ativos, sentidos pela afecção da alegria, do amor e da coragem, levando as mulheres a serem livres e autônomas, ao comportar-se de forma racional e consciente. Dentre essa variação, destaca-se o grau de potência do conatus, sempre direcionado à preservação de suas existências e na busca pela libertação das paixões.

Nesse contexto, o ato de migrar configura-se como uma ruptura com os estereótipos e suposições historicamente atribuídos às mulheres, revelando uma prática concreta de resistência e transformação. Ao buscar melhores condições de vida e acesso a direitos fundamentais, tanto para si quanto para suas famílias, as mulheres migrantes desafiam as estruturas de opressão e dominação do Estado, evidenciando a força de sua ação diante das contradições do sistema patriarcal-racista-capitalista que constantemente as explora e marginaliza. Assim, ao desafiar essas condições por meio da construção coletiva de novas identidades e afetos, essas mulheres não apenas resistem à opressão, mas também afirmam seu papel na transformação social, na luta por uma sociedade que priorize a justiça, a igualdade e o bem-estar coletivo.

Dando sequência às atividades, a quarta e última roda de conversa ocorreu em 21 de junho de 2024, contando com a participação da pesquisadora, três estudantes bolsistas de

iniciação científica e três participantes. A atividade teve como tema central propiciar discussões sobre os planos para o futuro das participantes, objetivando-se com isso a fomentação de um espaço de diálogo sobre seus desejos e aspirações para o futuro. Ao compartilhar suas experiências e perspectivas em coletividade, as mulheres exerceram a capacidade de integrar-se ao novo contexto social e econômico, rompendo barreiras de exclusão.

Assim, quando iniciado o diálogo, muitas participantes expressaram o desejo de reunir suas famílias, seja trazendo seus entes queridos para o Brasil ou retornando a uma Venezuela que seja economicamente e politicamente estável. Essa busca pela reconexão familiar reflete tanto o sonho de segurança quanto a esperança de um futuro melhor, marcado pela dignidade e pela reconstrução de suas vidas, conforme pode ser observado nos relatos abaixo:

Minha meta aqui é trabalhar para enviar dinheiro para meus outros filhos que vivem na Venezuela para aumentar a minha casa. Minha meta é essa. Depois, quero voltar a viver na minha casa na Venezuela com meus cinco filhos juntos. Nasci na Venezuela e quero morrer na Venezuela. (Mariele, Venezuela).

Meu maior propósito é buscar a minha mãe e minha irmã que estão na Venezuela e trazê-las para cá. Ter um bom trabalho, porque já passei necessidade. Não acredito que os problemas da Venezuela vão melhorar logo, por isso prefiro trazê-las pra cá. Amo meu país, mas depois da experiência de ter voltado no último ano, não quero mais voltar. (...) Vi mais gente nas ruas, muitas meninas perdidas, meninas de 13/14 anos grávidas, muitas pessoas viciadas, muitas pessoas passando fome. (Linda, Venezuela). Quero voltar para a Venezuela para buscar meu filho. Já faz quatro anos que eu não o vejo. (Malala, Venezuela).

Os relatos de Mariele, Linda e Malala expõem uma realidade dolorosa vivida por muitas mulheres migrantes: a fragmentação da família em nome da sobrevivência. Conforme observado no capítulo dois desta dissertação, o capitalismo, ao gerar crises econômicas e sociais, força essas mulheres a deixarem seus lares e, muitas vezes, seus filhos, para buscar novas oportunidades em outros países. Esse movimento, longe de ser uma escolha voluntária, é uma imposição cruel do sistema, que coloca o sustento e a segurança familiar acima do bem-estar emocional e da convivência dessas pessoas com seus entes queridos.

Para Lukács (1923), a consciência individual é profundamente influenciada pelas condições materiais da existência, pelas relações de produção e pelas ideias dominantes em uma determinada sociedade. No caso das mulheres migrantes, a decisão de migrar, frequentemente imposta pelas desigualdades estruturais do sistema capitalista, carrega consigo o processo de alienação. No sentido de que a busca pela sobrevivência e pelo sustento da família frequentemente as coloca em posições de subordinação, distanciando-as de seus desejos e necessidades mais íntimos (Lukács, 1923).

Ainda conforme o autor, essa alienação é agravada pela chamada consciência falsa, em que a ideologia dominante, muitas vezes internalizada, oculta a real natureza da exploração e opressão vivenciadas por elas. A crença de que a migração é a única alternativa viável leva muitas vezes essas mulheres a aceitarem condições de trabalho precárias e a negligenciarem seus próprios direitos, reforçando a lógica de dominação que perpetua as desigualdades (Lukács, 1923).

Ademais, a experiência migratória, diante aos processos de alienação, fragmenta a identidade dessas mulheres. O rompimento com suas comunidades de origem e a necessidade de reconstruir suas identidades em um ambiente novo geram emoções e sentimentos de perda/luto, desorientação e despersonalização. Ocorre que essa fragmentação não é apenas individual, mas também coletiva, como pode ser observado na narrativa das participantes do estudo, pois reflete a complexidade das condições sociais e econômicas que moldam a vida dessas pessoas.

No depoimento de Mariele, a migrante revela seu desejo de retornar à Venezuela após garantir melhores condições de vida para seus filhos. Esse anseio reflete o profundo peso emocional causado pela separação, marcado pela tristeza e angústia da distância, como expresso em sua pintura (Figura 8). Mariele trabalha com o objetivo de sustentar sua família à distância, mantendo a esperança de que, um dia, todos possam se reunir novamente. Essa expectativa

mostra como a migração impõe desafios não apenas econômicos, mas também afetivos, particularmente para as mulheres que carregam o fardo de cuidar de seus filhos mesmo à distância.

O relato destacado revela o paradoxo enfrentado por muitas mulheres migrantes: ao precisarem deixar suas famílias para protegê-las e sustentá-las, elas são forçadas a abdicar da convivência afetiva direta, fundamental para o fortalecimento dos laços familiares. Nesse contexto, especialmente em tempos de crise do capital, essas mulheres assumem o papel de principais provedoras, mesmo que isso signifique a separação de seus filhos e entes queridos. Segundo Cisne (2015), a exploração das mulheres é intensificada pelas condições de vulnerabilidade que encontram nos países de destino, levando-as a deixar para trás seus laços afetivos em nome da sobrevivência. Essa realidade ressalta o preço emocional que muitas delas pagam para garantir a segurança e o bem-estar de suas famílias (Cisne, 2015).



Figura 8: Sobre os planos para o futuro (Mariele, Venezuela)

O relato de Linda compartilha o desejo de trazer a mãe e a irmã para o Brasil, reconhecendo que a crise em seu país tornou o retorno inviável. Ao falar sobre meninas jovens grávidas e pessoas em situação de rua, ela evidencia a destruição do tecido social e familiar

provocada pelo colapso econômico. Muitas dessas meninas se tornam vítimas de uma realidade que as força a amadurecer precocemente, expostas a riscos que não conseguem evitar. Nesse contexto, a separação das famílias é uma consequência da precarização das relações sociais, que se transformam em mercadorias (reificação). As mulheres, em particular, são as que mais sofrem ao tentar reconstruir essas conexões afetivas, lidando com o peso da distância e da desintegração familiar.

Malala, que não vê seu filho há quatro anos, carrega a dor de uma maternidade vulnerabilizada pela necessidade de se deslocar. Para muitas mães migrantes e refugiadas, essa separação é um dos maiores sacrifícios que enfrentam. Elas lidam com a angústia de estar longe, sem poder acompanhar o crescimento dos filhos ou oferecer o suporte emocional que tanto desejariam dar, enquanto lutam por melhores condições de vida.

A história de Malala se conecta à de Mariele e de tantas outras mulheres que estiveram presentes nas rodas de conversa, pois elas precisam prover o sustento familiar à distância, alimentando a esperança de um dia reunir seus filhos novamente. Esse compartilhamento de experiências nos demonstra o peso emocional que acompanha a migração e os desafios que as mulheres migrantes e refugiadas enfrentam na busca por um futuro melhor para suas famílias.

Além disso, a experiência compartilhada individualmente dos processos migratórios gera nessas pessoas a percepção de uma consciência de classe, visto que a consciência individual e a consciência coletiva estão em constante interação. A experiência individual molda a consciência coletiva, e esta, por sua vez, influencia a consciência individual. A vivência nas rodas de conversa promove a união em torno de demandas comuns, possibilitando a essas pessoas o desenvolvimento da consciência coletiva, superando os processos de alienação individual e impulsionando-as para a luta e reconhecimento de seus direitos, transformando suas realidades por meio da ação coletiva.

Ao final, a fragmentação familiar, sob a ótica dessas mulheres, nos revela a profundidade do impacto da crise capitalista sobre suas vidas. Não se trata apenas de migração por melhores oportunidades, mas de uma verdadeira ruptura emocional e afetiva. No entanto, mesmo diante de tanta dor, essas mulheres continuam lutando por suas famílias, como evidenciado nos depoimentos e nas ilustrações destacadas neste estudo. As mulheres migrantes e refugiadas mostram, dia após dia, sua resistência, buscando não apenas sobreviver, mas criar condições para que um dia possam voltar a estar com seus filhos e familiares, reconstruindo suas vidas em torno de um afeto que nunca deixou de existir, apesar da distância. Esse afeto que atravessa as fronteiras não é só um elemento de esperança, mas também um testemunho da capacidade humana de se adaptar, resistir e encontrar novos meios de reconstruir os laços familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações apresentadas neste estudo evidenciam a profunda relação entre os fluxos migratórios contemporâneos e as desigualdades sistêmicas do capitalismo global. As crises econômicas e sociais, intensificadas pela lógica do lucro e da acumulação, impulsionam milhões de pessoas a abandonarem seus lares em busca de melhores condições de vida, transformando-as em um exército de reserva à disposição do capital internacional.

Nesse contexto, o movimento de mulheres migrantes e refugiadas tem ganhado maior visibilidade nas ciências sociais, sendo cada vez mais reconhecidas como agentes ativas e protagonistas de suas próprias narrativas. Atualmente, elas representam cerca de 135 milhões de pessoas em deslocamento, em comparação a 146 milhões de homens. Esse número, no entanto, tende a crescer, considerando que muitas dessas mulheres migram acompanhadas de seus filhos. Ao somar mulheres e crianças migrantes, o total chega a 163 milhões de pessoas, configurando um contingente cada vez mais expressivo nos deslocamentos internacionais. Esse rearranjo migratório, marcado por complexidades crescentes em relação ao passado, é uma consequência direta da crise metabólica do capital. Essa dinâmica se manifesta especialmente nos deslocamentos forçados, que expõem essas mulheres e seus filhos a intensas desigualdades sociais e a um profundo sofrimento ético-político.

A situação torna-se ainda mais complexa ao considerarmos as imbricações de sexo, raça, classe e nacionalidade no contexto migratório. A exclusão, a discriminação e as condições precárias de vida e trabalho permeiam todas as fases de deslocamento, desde a partida do país de origem, passando pelas dificuldades enfrentadas nas travessias de fronteiras, até a chegada e adaptação no país de acolhimento. Entretanto, essas adversidades também impulsionam um processo de luta, resistência e busca pela sobrevivência, que permite a essas mulheres desenvolverem uma consciência coletiva de classe. Esse movimento coletivo não apenas desafia a alienação, mas também fortalece a afirmação de seus direitos e identidades, promovendo um espaço para a reconstrução de suas trajetórias em meio às adversidades.

A afetividade, longe de ser uma simples reação emocional ou sentimental, desempenha um papel central na construção da subjetividade dessas mulheres. Os afetos — compreendidos como forças que impulsionam ações, vínculos e resistências — emergem tanto como catalisadores da adaptação quanto como manifestações de sofrimento e resistência diante das opressões vividas. As afecções são constituídas pelas experiências externas que impactam seus corpos e mentes, refletindo-se em suas subjetividades por meio de emoções e sentimentos como medo, ansiedade, saudade, esperança e solidariedade. Esses afetos, além de expressarem as vivências individuais, tornam-se marcadores das relações sociais, moldando suas trajetórias e interações no contexto migratório.

Nesse contexto, as experiências de opressão, violência e resistência vivenciadas pelas mulheres durante os deslocamentos emergem como forças que não apenas moldam suas trajetórias individuais e suas consciências, mas também influenciam as dinâmicas coletivas nas comunidades migrantes. A vivência compartilhada dos processos migratórios desperta nas mulheres migrantes uma percepção de consciência de classe, pois há uma interação constante entre a consciência individual e a coletiva. A experiência individual contribui para a formação da consciência coletiva, que, por sua vez, impacta a percepção individual. Nesse processo, as rodas de conversa facilitam a união em torno de demandas comuns, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência coletiva. Isso permite que as mulheres superem a alienação individual e se mobilizem para a luta e o reconhecimento de seus direitos, transformando suas realidades por meio da ação coletiva.

Diante desses aspectos, esta pesquisa reforça a importância da arte como uma ferramenta crucial de expressão, emancipação e resistência. Marx concebia a arte como uma forma de trabalho integrada ao complexo de mediações da vida social. Ao contrário do trabalho alienado, a arte mantém sua dimensão criadora, independentemente da forma histórica que assume em sua relação com a realidade ou com a ideologia que a fundamenta, como argumenta

Sánchez Vázquez (2011). Essa perspectiva resgata a capacidade da arte de transcender a alienação do trabalho, permitindo a expressão de subjetividades e realidades de maneira livre e criativa. Nesse contexto, a arte se configura como um espaço de constituição, resistência e afirmação do ser social. A criação artística, neste estudo, revelou-se como um meio potente para a elaboração dos afetos e para a construção de novas identidades coletivas nas rodas de conversa.

O estudo objetivou compreender como a arte, enquanto ferramenta de análise, pode potencializar a expressão dos afetos e das afecções presentes na consciência e vivências de mulheres migrantes e refugiadas atendidas no Centro de Apoio aos Migrantes (CEDAMI) em Campo Grande, MS. Entendemos que a prática da pintura propiciou o compartilhamento de suas histórias e experiências de vida, revelando que, ao final de suas trajetórias migratórias, quase todas as participantes enfrentaram, em diferentes intensidades e circunstâncias, situações de violência, preconceito, assédio, opressão ou machismo. Em suas narrativas, entrelaçadas pela arte, emergem afetos que, ora são passivos, ora ativos, mas sempre potentes na preservação de sua essência e na busca pela libertação das paixões. Nesse contexto, o ato de migrar se configura como uma ruptura com estereótipos e suposições sobre ser mulher, evidenciando uma busca por melhores condições de vida e pela afirmação de direitos, tanto para elas mesmas quanto para suas famílias, e contribuindo para a construção de uma sociedade mais humana, justa e equitativa.

Entendemos, a partir da análise dos dados reunidos, que é imprescindível a criação e implementação de políticas públicas que atendam às especificidades da experiência das mulheres no processo migratório. A promoção da inclusão social e o fortalecimento de redes de apoio que considerem as particularidades culturais e as vulnerabilidades vivenciadas por essas mulheres são fundamentais. A ausência de uma abordagem sensível e inclusiva não apenas agrava a marginalização dessas populações, mas também perpetua o ciclo de violência

e exclusão que afeta as comunidades migrantes. Portanto, é essencial que as políticas públicas adotem uma perspectiva mais abrangente e humanizada, garantindo a proteção, a dignidade e os direitos dessas mulheres em todas as etapas do processo migratório.

Conclui-se que este estudo trouxe contribuições significativas para as participantes envolvidas, ao proporcionar um espaço de expressão e reflexão mediado pela arte, com ênfase na pintura. Essa abordagem viabilizou a elaboração dos afetos e a ressignificação de identidades coletivas, possibilitando a supervisão simbólica das trajetórias migratórias individuais e coletivas. O compartilhamento de experiências de vida entre as participantes permitiu a elas a ressignificação de percursos marcados por violências, opressões e preconceitos, promovendo a resistência e a emancipação.

Além disso, os resultados desta pesquisa ressaltam a importância da arte como instrumento de emancipação e transformação social, na medida em que supera a alienação e fomenta a afirmação de direitos e subjetividades. Para a continuidade da investigação em nível de doutorado, propõe-se a ampliação do escopo geográfico e demográfico, bem como a incorporação de outras formas de expressão artística. Além disso, pretende-se aprofundar a análise das vivências compartilhadas no contexto migratório, examinando que modo tais experiências estão armazenadas para o desenvolvimento e a consolidação da consciência de classe entre as participantes.

REFERÊNCIAS

ACNUR. (2016). *Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania* (Vol. 11, No. 11). Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos.

Agência Brasil. (2023, 11 de novembro). Casamento infantil é proibido no Peru após 4 mil casos em nove anos. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-11/casamento-infantil-e-proibido-no-peru-apos-4-mil-casos-em-nove-anos>

Almeida, L. P. de. (2017). *Migrações, fronteiras e refúgio: Mato Grosso do Sul na rota das migrações transnacionais*. Campo Grande, MS: UCDB.

Almeida, L. P. de. (2022). *Entre flores, espelhos e faces desiguais: a dialética da força feminina nos deslocamentos humanos*. Chamada Fundect 10/2022 - Mulheres na Ciência Sul-Mato-grossense, Campo Grande, MS. Campo Grande/MS, 2022.

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). (2020). *Dados sobre refúgio*. Recuperado de <https://www.acnur.org/portugues/dadossobre-refugio/>

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). (2024). *Relatório de tendências globais. ACNUR*. Recuperado de <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados/dados-sobre-refugio-no-mundo/>

Araujo, K. A. (2021). *Trabalho e consciência: Vivências de mulheres migrantes e refugiadas em Campo Grande - MS* (Dissertação de mestrado). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, Brasil.

Araújo, K. A., Fontoura, F. C., & Almeida, L. P. (2017). *Migração, território e trabalho de mulheres latino-americanas*. São Paulo:Ebook Chile:Território(s), género, trabajo y políticas públicas en América Latina, jan., 139-150.

Brasil. (1980). Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. *Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e cria o Conselho Nacional de Imigração*. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm

Brasil. (2017). Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. *Institui a Lei de Migração*. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm
 British Library. (2018b). *What is the difference between the suffragists and the suffragettes?* <https://www.bl.uk/votes-for-women/articles/suffragists-and-suffragettes>. Retrieved September 29, 2021.

Brito, F. (2009). *As migrações internas no brasil*: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar. Recuperado de <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20366.pdf>

Carissimi, F. S. de O., Quadros, L. F. de S., & Almeida, L. P. de. (2023). *Interlocuções sobre feminização dos fluxos migratórios e as fronteiras*. In Anais do VIII SEF (Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços. ISSN 2178-2245.

- Carissimi, F. S. de O., Quadros, L. F. de S., & Almeida, L. P. de. (2024). *Migração feminina: Olhares contemporâneos*. In Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 13 (29 de julho a 2 de agosto de 2024). Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2179-510X.
- Casa Venezuela Brasil. (n.d.). A 2º maior crise de refugiados do mundo e o maior movimento populacional da história recente da América Latina. Recuperado em [07 de Janeiro de 2025], de <https://www.casavenezuelabr.com.br/a-crise-migratoria>
- Cavalcanti, L., Oliveira, T., & Macedo, M. (2020). *Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020* (Série Migrações). Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra.
- Cavalcanti, L., Oliveira, T., & Silva, S. L. (2023). *Relatório anual OBMigra 2023 - OBMigra 10 anos: Pesquisa, dados e contribuições para políticas (Série Migrações)*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. OBMigra.
https://portaldaimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2023/Relat%C3%B3rio%20Anual/Relat%C3%B3rio%20Anual%202023.pdf
- Chauí, M. (2011). *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cisne, M. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.
- Cisne, M. *Gênero, patriarcado, violência: debates contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- Colling, A. M; Tedeschi, L. (org.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
- Conter, M. B.; Telles, M.; Silva, A. R. Da. (2017). *Semiótica das afecções: uma abordagem epistemológica*. Conjectura: Filos. Educ. Caxias do Sul, Vol. 22, N°. especial, p. 36-48
 Recuperado de <http://www.ufc.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4771>
- Crawford, Elizabeth. *Elizabeth Crawford on the Women's Suffrage Campaign*. Reino Unido: Women's Suffrage Project, 2021. Podcast. Disponível em:
<https://www.suffrageresources.org.uk/resource/3207/elizabeth-crawford-on-the-womenssuffrage-campaign>.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo Editorial.
- Espinosa, B. de. (1983). *Pensamentos metafísicos: Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência* (M. de S. Chauí et al., Trad.; 3. ed.). Abril Cultural.
- Espinosa, B. de. (2015). *Ética* (M. de S. Chauí, Org.). Edusp.
- Faermann, L. A. (2014). *A pesquisa participante: Suas contribuições no âmbito das ciências sociais*. *Revista Ciências Humanas*, 7(1). Recuperado de
<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/121>.

Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Editora Elefante.

Feitosa, E. (2023). *O Espinosa de Marx e as dimensões da política e da ética: uma abordagem descritiva*. Trilhas Filosóficas, 16(1), 13-50.
<https://doi.org/10.25244/tf.v16i1.5390>

Guizzo, A; Moura M, M; Fonseca, F, M. (2020) *Quem é Lina?* O apagamento da violência contra a mulher negra como denúncia social em sinfonia em branco de Adriana Lisboa. Revista Memorare, v.7, n.1, p. 223-238, Disponível em:
https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupep/article/view/8998.

Hooks, bell. *Ain't I a Woman? Black women and feminism*. New York: na, 1981.
 Imianowski, A. G., & Vitória, C. A. (2020). Psicologia e afetividade em Espinosa: Uma revisão crítica sobre o uso da teoria dos afetos. *Revista de Ciências Humanas*, 54, e67929.
<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2020.e67929>

IOP, E. *Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais*. Visão Global, v.12, n.2, p. 231-250, 2009.

Kosik, K. (1976). *Dialética do concreto* (2^a ed., C. Neves & A. Turibio, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Rumos da cultura moderna)

Lane, S.T.M (2006). *O que é psicologia social*. Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos; 39)

Lima, C., & Feldens, D. (2008). A dimensão afetiva na formação integrada da educação profissional. *Revista da FAEEBA*, 32(70), 214-232. <https://dx.doi.org/10.21879/faeba2358-0194.2023.v32.n70.p214-232>

Lukács, G. (1923). *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes.

Lukács, G. (1979). *Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: Ciências Humanas.

Lussi, C. (2015). *Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio*. Psicologia USP, 26(2). <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140014>

Macherey, P. (1997). *Introduction à l'Éthique de Spinoza. La seconde partie: la réalité mentale*. (Collection Pierre Macherey «Les grands livres de la philosophie»). Paris: Presses Universitaires de France.

Magalhães, B. A. C. S., & de Lima Araujo, R. M. (2024). *Formação humana integral e estética marxista*. Revista Trabalho Necessário, 22(48), 1-17.
<https://doi.org/10.22409/tn.v22i48.61783>

Martinho, L. M. S. (2017) *O que é afeto? Uma visão a partir de Spinoza*. Canal Casa do Saber. Recuperado de <https://youtu.be/0OCrnnV518s>

Marx, K., & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã* (Original work published 1845-1846). Boitempo.

Mcauliffe, M.; Oucho, L.A. (eds.). *World Migration Report 2024*. Geneva: International Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2024, 7 de maio). Relatório Mundial sobre Migração de 2024 revela as últimas tendências e desafios mundiais para mobilidade humana. OIM Brasil. <https://brazil.iom.int/pt-br/news/relatorio-mundial-sobre-migracao-de-2024-revela-ultimas-tendencias-e-desafios-mundiais-para-mobilidade-humana>

Mészáros, I. (2021). *Leviatā*. Boitempo Editorial.

Meucci, I. (2021, 7 de abril). *Marxismo feminista hoje*. Marxismo Feminista. <https://marxismofeminista.com/2021/04/07/marxismo-feminista-hoje/>

Milesi, R., & Marinucci, F. (2016). *Mulheres migrantes e refugiadas a serviço do desenvolvimento humano dos outros*. Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH). <https://www.migrante.org.br/artigo-mulheres-migrantes-e-refugiadas-a-servico-do-desenvolvimento-humano-dos-outros/>

Muraro, R. *A mulher no terceiro milênio*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

Netto, J. P. (2012). *Crise do capital e consequências societárias*. Serviço Social & Sociedade, (111), 413–429. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282012000300004>
<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/121>

Netto, J. P., & Braz, M. (2011). *Economia política: uma introdução*. São Paulo: Cortez.

Observatório das Migrações Internacionais. (2023). *Relatório anual OBMigra 2023 - OBMigra 10 anos: Pesquisa, dados e contribuições para políticas* (Série Migrações). Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. OBMigra.

Oliveira, J. R. *Baruch Spinoza: uma análise de sua contribuição para a filosofia*. Revista de Filosofia Moderna, v.15, n.2, p. 78-91, 2018.

Paula, M. F. (2014). *Espinosa e Marx: a potência do pensamento e a inteligibilidade do real*. Cadernos Espinosanos, p. 67-74. Universidade de São Paulo. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/espinozanos>

Piscitelli, A. (2008). *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. Revista Sociedade e Cultura, 11(2), 263–274. <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247/4295>

Quadros, L. F. de S., Carissimi, F. S. de O., & Almeida, L. P. de. (2024). *Mulheres migrantes e refugiadas: Resistências e contradições dos deslocamentos humanos na contemporaneidade*. In Anais do Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios contemporâneos; Seminário Nacional de Território e Gestão de Políticas Sociais; Congresso de Direito à Cidade e Justiça Ambiental. Universidade Estadual de Londrina.

Racionais MC's. (2002). *Nada como um dia após o outro dia* [Álbum]. Cosa Nostra Fonográfica.

Rios, R. R. *Por uma perspectiva feminista no debate jurídico: anotações a partir do julgamento do Habeas Corpus 81.288-1-SC pelo Supremo Tribunal Federal*. Cadernos Themis, Porto Alegre, ano III, n.3, p. 165-179, 2002.

Rosa, R. C., & Amaral, A. P. M. (2022). Rede parcerias e migração. *Revista GeoPantanal*, 17(32), 44-63. <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/16476>

Saffioti, H. (2013). *A mulher na sociedade de classe: Mito e realidade* [1969]. Expressão Popular.

Saffioti, H. I. B. (2000). *Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento? Crítica Marxista*, 1(11), 71-75.

Saffitoti, H. I. B. (2015). *Gênero, patriarcado e violência* (2. ed.). Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo.

Sales, G. S., & Ituassu, C. T. (2020). *Relações entre migrações internacionais e empregabilidade no Estado de Mato Grosso do Sul-Brasil*. *Trayectorias Humanas Trascontinentales*, 6, 2324. <https://doi.org/10.25965/trahs.2324>

Sawaia, B. B. (2001). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 96-118). Vozes.

Sawaia, B. B. (2009). *Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social*. Psicologia & Sociedade. PUC São Paulo. Vol 21. Nº 3. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010

Sawaia, B. B. (2015). *Psicologia sócio-histórica: interdisciplinaridade e transformação social – uma relação teórica com Vygotsky sem fidelidade opressiva*. Psicologia Sócio-Histórica e Contexto Brasileiro: interdisciplinaridade e transformação social. Goiânia: Ed. da PUC Goiás.

Sawaia, B. B., Magiolino, L. L. S., & Silva, D. H. N. (2022). Por uma teoria sócio-histórica das emoções. In M. I. G. Moreira & S. M. G. Sousa (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: Bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais* (pp. 93-124). Editora PUC Goiás

Sawaia, B. B.; Silva, D. N. H. (2018). *A subjetividade revolucionária: questões psicossociais em contexto de desigualdade social*. In: Toassa, G.; Rodrigues, D. J. S. Questões Psicossociais em contexto de desigualdade social. Goiás: Centro Editorial e Gráfico da Universidade Federal de Goiás. Recuperado de: <http://www4.pucsp.br/nexin/livros/psicologia-socio-historica.pdf>

Schmidt, S. C. (2019). *Migrantes e refugiados em Mato Grosso do Sul: A atuação da Organização Internacional para as Migrações nos processos de acolhida, interiorização e integração*. In Anais da I Jornada dos Direitos Humanos. Recuperado de <https://www.even3.com.br/anais/i-jornada-dos-direitos-humanos-389096/782310-migrantes-e-refugiados-em-mato-grosso-do-sul--a-atuacao-da-organizacao-internacional-para-as-migracoes-nos-proces/>

- Senra, R. (2023). *Quais são as grandes guerras em curso no mundo — e por que algumas chamam menos atenção?* BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-65827173>
- Silva, B. C. S. L. e (2019). *Patriarcado e teoria política feminista: Possibilidades na ciência política* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/31963/4/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Bruna%20Camilo%20-%20Vers%C3%A3o%20Final%20encadernada.pdf>
- Silva, C. A. S. da, & Serpa, P. F. (2023). *O fluxo migratório no Estado de Mato Grosso do Sul: a recepção dos refugiados e de imigrantes internacionais.* Revista Brasileira de Imigração, 10(2), 50-65. Recuperado de: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/article/view/20425/16489>
- Silva, P. S. A., & Moura, P. de S. (2009). *Migração e direito à moradia:* Problemas que impactam a vida dos migrantes na capital São Luís – Maranhão [VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão].
- Silva, R. M., et al. (Orgs.). (2018). *Estudos qualitativos: enfoques teóricos e técnicas de coleta de informações.* Edições UVA.
- Souza Lima, Bruna de. *Patriarcado e teoria política feminista: possibilidades na ciência política.* 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/31963/4/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Bruna%20Camilo%20-%20Vers%C3%A3o%20Final%20encadernada.pdf>.
- Souza, E. M. de (2020). *A potência dos afetos no processo de mobilidade estudantil do ensino superior* (Dissertação de mestrado). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS. Recuperado de <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1037571-dissertacao-edmara-versao-defesa-final.pdf>
- Tedeschi, L. (org.). *Dicionário Crítico de Gênero.* Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. p. 304-307.
- UNICEF et al. *O estado das crianças no mundo.* 2022.
- Vázquez, A. S. (2011). *Filosofia da práxis* (2^a ed., M. E. Moya, Trad.). Buenos Aires: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais (CLACSO); São Paulo: Expressão Popular.
- Veiga, A., & Pedro, J. (2015). Gênero. Em A. Colling & L. Tedeschi (Orgs.), *Dicionário crítico de gênero.* Dourados: Editora da UFGD.
- Vigotski, L. S. (1996). *La crisis de los siete años.* In Obras Escogidas (Vol. 4). Visor.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicología da arte.* São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotsky, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem* (2^a ed.). Martins Fontes.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada Participante,

A presente pesquisa trata-se de um estudo sobre A Afetividade e Seus Atravessamentos na Construção da Identidade da Mulher Migrante e Refugiada, e está sendo desenvolvida pela acadêmica de Mestrado Luara Ferreira de Souza Quadros, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) da cidade de Campo Grande- MS, sob a orientação da Prof.^a Doutora Luciane Pinho de Almeida.

Destacamos que a pesquisa aqui proposta foi aprovada pelo **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)**, situado na Av. Tamandaré, 6000, Bairro Jardim Seminário, Campo Grande – MS (e-mail cep@ucdb.br; telefone para contato (67) 3312-3478). Os objetivos deste estudo são: Compreender de que forma os afetos e afecções constroem a identidade de mulheres migrantes atendidas no Centro de Apoio aos Migrantes - CEDAMI na cidade de Campo Grande – MS; Discutir acerca da formação social dos sujeitos e de suas identidades na sociedade capitalista; Identificar através da teoria dos afetos de Espinosa quais *conatus* impulsionam o movimento migratório de corpos femininos na atualidade; e Mapear os fluxos migratórios de mulheres, mães e migrantes e refugiadas que são acolhidas no CEDAMI;

Para atingir estes objetivos, serão realizadas entrevistas não-estruturadas com 10 mulheres migrantes e refugiadas residentes na cidade de Campo Grande- MS, com discussões temáticas acerca de suas vivências, afetos, maternidade, conjugalidade e identidade. Frente a esses fatores, solicitamos a sua colaboração para conceder uma entrevista de caráter não estruturado, a qual possui um tempo médio de duração de 30 minutos, como também sua autorização para gravar a sua entrevista objetivando a precisão e fidelidade na análise do discurso. Solicitamos ainda, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos no campo da Psicologia, dos Direitos Humanos e em áreas afins. Como também publicar o trabalho em periódicos científicos nacionais e/ou internacionais.

Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Para realização da entrevista será acordado previamente uma data, horário e local em que a participante se sinta mais confortável para conceder a entrevista, informamos ainda que durante essa pesquisa, caso se sinta desconfortável ou constrangida em alguma momento, a participante não será obrigada a responder, e serão respeitados seus valores culturais, sociais, morais, religiosos, éticos, hábitos, costumes e dignidade das participantes.

Ressaltamos que a participante receberá via e-mail duas cópias do termo a serem rubricadas em todas as páginas numeradas e assinadas. Esclarecemos que sua participação neste estudo é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou resarcimento financeiro. Portanto, não há obrigação em fornecer informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

As pesquisadoras estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Ainda, a participante poderá acompanhar o desenvolvimento da pesquisa e receberá uma devolutiva a respeito dos resultados e análises finais.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com à necessidade de se ampliar os estudos sobre o segmento das migrações femininas e refúgio, pois se observa ainda poucas políticas que

atendam as reais necessidades e singularidades dos sujeitos em questão, principalmente nas ações afirmativas de direitos, das políticas públicas de acolhimento, de acesso a saúde, educação, trabalho e moradia na cidade de Campo Grande- MS. Considerando as informações constantes dos itens acima e as normas expressas na Resolução nº 466/12 do **Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde** consinto, de modo livre e esclarecido, participar do presente estudo na condição de participante da pesquisa:

Campo Grande – MS ____/____/____

Nome e assinatura da Participante da pesquisa

APÊNDICE B

ROTEIRO PARA DIÁLOGO

Informações sociodemográficas

- a. Qual é o seu país de origem?
- b. Há quanto tempo você reside em Campo Grande?
- c. Já esteve em outra cidade/ país antes?
- d. Pretende ir para outra cidade/ país depois?
- e. Você reside com quem?
- f. Você tem filhos? Em caso afirmativo, quantos e qual é a idade deles?
- g. Você trabalha?

Sobre a experiência migratória (antes e depois)

- a. Quais foram os principais motivos que a levaram a migrar para o Brasil?
- b. Qual foi sua trajetória até chegar ao Brasil? Quais foram as principais dificuldades, desafios que você enfrentou?
- c. Você migrou sozinha, ou teve a companhia de outra pessoa? (pais, filhos, companheiros (as), parentes, amigos)?
- d. Como foi o processo de adaptação no Brasil? Quais foram os maiores desafios/ dificuldades enfrentadas?
- e. Houve momentos de discriminação, exclusão, ou violência durante sua trajetória migratória? Se sim, poderia compartilhar algumas dessas experiências?
- f. Como você descreveria seu sentimento em relação à sua identidade cultural após migrar para o Brasil, o sentimento de pertencimento a seu país de origem se fortaleceu? Ou você se sente mais pertencente ao país a qual você vive hoje?

Sobre os afetos e afecções

- a. Como você descreveria suas emoções no trajeto migratório? Quais foram as emoções predominantes? E quais foram as emoções sentidas ao chegar no Brasil?
- b. Como têm sido suas relações interpessoais desde que você chegou? Você sente que suas relações afetivas/ sociais foram afetadas pela migração? De que maneira?

- c. Quais são as principais fontes de apoio emocional que você tem encontrado desde que migrou para o Brasil?
- e. Você sente que há diferenças na forma como você expressa os afetos/emoções agora em comparação com antes de ter que migrar?

Sobre as perspectivas para o futuro

- a. Quais são seus principais sonhos e aspirações para o futuro?

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE
CATÓLICA DOM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A AFETIVIDADE E SEUS ATRAVESSAMENTOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER MIGRANTE

Pesquisador: LUARA FERREIRA DE SOUZA QUADROS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78827524.2.0000.5162

Instituição Proponente: Universidade Católica Dom Bosco

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.942.092

Apresentação do Projeto:

As informações referentes aos tópicos 'Informações do Projeto' foram extraídos do documento "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2281198.pdf", postado pela autora. O presente estudo trata-se de um projeto de pesquisa que tem por objetivo

compreender de que forma os afetos e afecções constroem a identidade de mulheres migrantes atendidas no Centro de Apoio aos Migrantes - CEDAMI na cidade de Campo Grande-MS. A relevância desta análise, vem de encontro à necessidade de se ampliar os estudos sobre o segmento das migrações femininas pois, colocar as mulheres em posição secundária nos processos migratórios é negar sua força e resistência. Visto que durante muito tempo, as experiências e condições de vida de mulheres migrantes e refugiadas ficaram invisibilizadas, no campo das ciências. Para a realização deste estudo, adotaremos o método de investigação pautado no materialismo histórico- dialético, diante a sua contribuição para com estudo da subjetividade humana. A metodologia utilizada, irá abranger a pesquisa qualitativa e a prática da pesquisa participante no desenvolvimento de rodas de conversa. Espera-se que com esta pesquisa possamos trazer a luz discussões e provocações para compreendermos esse novo perfil migratório, entendendo quem é esta mulher e quais afetos e afecções compõe a sua identidade para que ela seja denominada ‘mulher migrante’, visto que na atualidade observa-se ainda, poucas políticas que compreendam as reais necessidades e singularidades destes sujeitos em questão, principalmente nas ações afirmativas de direitos, das políticas públicas de acesso a saúde, educação e trabalho.

Objetivo da Pesquisa:

As informações referentes aos tópicos 'Informações do Projeto' foram extraídos do documento "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2281198.pdf", postado pela autora. Objetivo Primário: Compreender de que forma os afetos e afecções constroem a identidade de mulheres migrantes atendidas no Centro de Apoio aos Migrantes - CEDAMI na cidade de Campo Grande- MS

Objetivo Secundário: Discutir acerca da formação social dos sujeitos e de suas identidades na sociedade capitalista; Identificar através da teoria dos afetos de Espinosa quais "conatus" impulsionam o movimento migratório de corpos femininos na atualidade; Mapear os fluxos migratórios de mulheres, mães e migrantes que são acolhidas no CEDAMI;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As informações referentes aos tópicos 'Informações do Projeto' foram extraídos do

documento "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2281198.pdf", postado pela autora. Riscos: Diante do exposto, e devido cenário das entrevistas serem realizados atuando sob a área dos afetos e afecções, os possíveis riscos da pesquisa remetem as unicidades dessa população e aos desafios associados à sua experiência de migração e refúgio. Como, a re-traumatização, pois a pesquisa envolve recordar os eventos vivenciados em seus países de origem durante o processo de migração, reativando sentimentos dolorosos, podendo causar re-traumatização, impactando o bem estar emocional das participantes. Outro risco envolve-se diante as barreiras de linguagem e cultura, aos quais podem criar barreiras/ quebrar vínculo, na comunicação entre pesquisadora e participante. Entretanto, entendemos que para mitigar esses riscos, a pesquisadora deve adotar práticas éticas de pesquisa, incluindo a obtenção de aprovação ética adequada (através do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP), e o estabelecimento de protocolos de segurança e confidencialidade (como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE), além disso, o recrutamento sensível à cultura e ao contexto, e o fornecimento de suporte psicológico adequado às participantes que possam precisar, durante as entrevistas. Adicionalmente, é essencial envolver as próprias mulheres migrantes e refugiadas no processo de pesquisa, garantindo que suas opiniões e necessidades sejam ouvidas e respeitadas em todas as etapas do projeto de pesquisa. Benefícios: Os benefícios da pesquisa dão-se diante da compreensão aprofundada das experiências, desafios e necessidades emocionais das mulheres migrantes e refugiadas, permitindo que as pesquisadoras e profissionais envolvidos no projeto desenvolvam intervenções mais eficazes e culturalmente sensíveis para apoiar as reais necessidades dessas pessoas. A pesquisa pode contribuir ainda com a conquista da autonomia, empoderamento feminino e transformação social, pois permite que haja uma troca de experiências entre as participantes, em rodas de conversa, nas quais elas possam compartilhar suas vivências, lutas, sua conjugalidade e a maternidade, fazendo com que essa troca possa aumentar a sensação de autonomia e emancipação societal. Além disso, os insights obtidos por meio desse estudo podem servir como indicadores para o desenvolvimento de recursos e intervenções psicológicas específicas para atender às necessidades das mulheres migrantes e refugiadas, como serviços de apoio emocional, programas voltados para a saúde mental comunitária e criação de grupos de apoio e acolhimento. Dessa forma, ao destacar as necessidades e experiências das participantes, a pesquisa pode promover a justiça social e a aplicabilidade de políticas públicas e dos direitos humanos. Isso nos leva a refletir sobre a importância que uma pesquisa tem em relação às comunidades vulneráveis, pois permite olhares cada vez mais abrangentes para o entendimento e contribuição na formação de uma nova sociedade, cujas raízes estruturais

e econômicas da xenofobia, da opressão, discriminação, exploração e desigualdades possam ser erradicadas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O pesquisador apresentou todos os documentos de acordo com o recomendado na Resolução CNS nº 466/12 e outras que regulamentam as pesquisas. O TCLE atende às necessidades das resoluções.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, a Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UCDB, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquiv o	Postagem	Auto r	Situaç ão
Outros	carta_resposta.pdf	11/06/2024 18:06:46	REGIANE NOGUEIRA DA SILVA	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_D O_P ROJETO_2281198.pdf	03/06/2024 13:59:28		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	pre_projeto_cep.docx	03/06/2024 13:59:10	LUARA FERREIRA DE SOUZA QUADROS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termodeanuenciacampo.pdf	03/06/2024 13:40:37	LUARA FERREIRA DE SOUZA QUADROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_ LIVR E_E_ESCLARECIDO.docx	03/06/2024 10:41:23	LUARA FERREIRA DE SOUZA QUADROS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMADEPESQUISA.doc x	01/04/2024 19:49:16	LUARA FERREIRA DE SOUZA QUADROS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	20/03/2024 15:53:28	LUARA FERREIRA DE SOUZA QUADROS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 10
de Julho de 2024

Assinado por: LUDOVICO MIGLIOLO

(Coordenador(a))